

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS: A MEDIAÇÃO  
DA LITERATURA INFANTIL NAS TRAJETÓRIAS  
FORMATIVAS DE UMA PROFESSORA DE CLASSE  
MULTISSERIADA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Julia Bolssoni Dolwitsch**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2014**

**NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS: A MEDIAÇÃO DA  
LITERATURA INFANTIL NAS TRAJETÓRIAS FORMATIVAS  
DE UMA PROFESSORA DE CLASSE MULTISSERIADA**

**Julia Bolssoni Dolwitsch**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação.**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Helenise Sangoi Antunes**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2014**

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Dolwitsch, Julia Bolssoni

Narrativas (Auto)biográficas: a mediação da literatura infantil nas trajetórias formativas de uma professora de classe multisseriada / Julia Bolssoni Dolwitsch.-2014.

151 p.; 30cm

Orientadora: Helenise Sangoi Antunes

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, RS, 2014

1. Formação de Professores 2. Educação Rural 3. Narrativas (Auto)biográficas I. Sangoi Antunes, Helenise II. Título.

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Dissertação de Mestrado

**NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS: A MEDIAÇÃO DA  
LITERATURA INFANTIL NAS TRAJETÓRIAS FORMATIVAS DE  
UMA PROFESSORA DE CLASSE MULTISSERIADA**

elaborada por  
**Julia Bolssoni Dolwitsch**

como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Mestre em Educação**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**



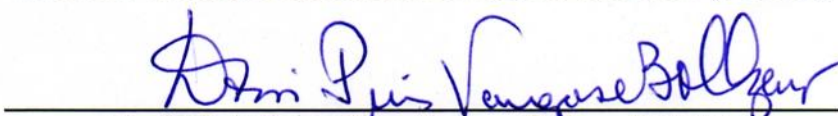
---

**Profª. Drª. Helenise Sangoi Antunes (UFSM)**  
(Presidente/Orientadora)



---

**Profª. Drª. Maria Helena Menna Barreto Abrahão (PUCRS)**



---

**Profª. Drª. Doris Pires Vargas Bolzan (UFSM)**

Santa Maria, 19 de Março de 2014.

Dedico esta escrita ao grande amor da  
minha vida – Vagner – que, a cada dia,  
com seu sorriso, me faz a mulher mais  
feliz do mundo.

## AGRADECIMENTOS

*Aos meus pais, Éliada e Edson, que dedicaram muitos dos seus dias para que hoje esse sonho se concretizasse.*

*Ao grande amor da minha vida, meu noivo Wagner, que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos importantes de minha vida e, a cada dia, torna-me o ser humano mais feliz do mundo.*

*Às irmãs Carolina e Natália pelo carinho, pelas conversas e pela companhia em todos os momentos.*

*Aos cunhados e cunhadas, aos queridos sobrinhos e afilhados que a cada dia me fazem sorrir.*

*Aos meus queridos sogro e sogra, Waldomiro (in memoriam) e Vanilda, que me acolheram carinhosamente em suas vidas.*

*Aos avós que iluminam meu caminho.*

*À minha querida orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Helenise Sangoi Antunes que com amor e dedicação orientou este trabalho sem medir esforços.*

*Às queridas amigas Thais, Cinthia, Graziela, Denise, Lucila e Andréia pelos conselhos, pelas conversas e pela sincera amizade.*

*À querida amiga Elizandra pelas conversas acolhedoras, pelas palavras que confortam e pela amizade sincera de todos os dias.*

*À interlocutora da pesquisa Noeli Catharina Danieli, pela colaboração, disponibilidade e carinho nos encontros.*

*À Banca Examinadora, pela disponibilidade em avaliar e interagir com este trabalho.*

Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros – o do sanhaçu, o do olha-pro-caminho-quem-vem, o do bem-te-vi, o do sabiá; na dança das copas das árvores sopradas por fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos; as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores – das rosas, dos jasmims -, no corpo das árvores, na casca dos frutos. Na totalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos [...] Foi nesse tempo, possivelmente, que eu, fazendo e vendo fazer, aprendi a significação da ação de amolegar (FREIRE, 2011).

[...] Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi meu quadro-negro; gravetos, o meu giz (FREIRE, 2011).

Eu observava e me encantava com os desenhos, com as poesias que eram decoradas e com aqueles traçados chamados de “ABC”. Quando meus irmãos terminavam o caderno davam para mim e eu navegava nas escritas e nos desenhos e fazia de conta que lia, criando histórias (DANIELI, 2011).

## RESUMO

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Federal de Santa Maria

### **NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS: A MEDIAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NAS TRAJETÓRIAS FORMATIVAS DE UMA PROFESSORA DE CLASSE MULTISSERIADA**

AUTORA: JULIA BOLSSONI DOLWITSCH

ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. HELENISE SANGOI ANTUNES

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 19 de Março de 2014.

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa de Mestrado em Educação vinculada à Linha de Pesquisa “Formação, Saberes e Desenvolvimento profissional” (LP1) do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. O objetivo principal deste estudo foi o de compreender, por meio da pesquisa (auto)biográfica, como a literatura infantil influenciou as trajetórias formativas de uma alfabetizadora de classe multisseriada que atuou como tutora no Programa Pró-Letramento. A justificativa da relevância deste estudo fundamenta-se a partir da pouca discussão sobre o papel da literatura infantil e suas mediações nas trajetórias formativas de educadores do meio rural, bem como pelo imprescindível papel que a leitura, em especial, a leitura literária exerce na formação de professores. A ativação da memória, através das lembranças, alicerçou um caminho formativo percorrendo recordações em relação às lembranças da infância, da escola, dos percursos formativos e das trajetórias pessoais e profissionais da colaboradora da pesquisa. A metodologia utilizada baseou-se em um estudo qualitativo através da pesquisa (auto)biográfica, utilizando o método Biográfico História de Vida. A análise das informações foi embasada pelo uso do relato autobiográfico escrito e da entrevista narrativa organizada a partir de tópicos-guia. Para amparar a escrita desta dissertação, utilizei, como amparo teórico, estudos de Abrahão (2004, 2006), Antunes (2010, 2011, 2014), Arroyo; Fernandes (1999), Barcelos (2009), Bauer; Gaskell (2011), Bolzan (2002), Fernandes (2011), Freire (2011), Josso (2004), Nóvoa (2000, 2009), Souza (2006, 2012), entre outros. Ao longo do processo investigativo, a partir das trocas de experiências, conversas ao longo da pesquisa e análise das informações, foram emergindo as categorias de análise, que ficaram assim estruturadas: tempos de infância, lembranças de escola, processos formativos no contexto rural e trajetória profissional. A partir da análise das narrativas, constatei que o Pró-Letramento, através do intenso trabalho com a literatura infantil, tornou-se um mediador das trajetórias formativas da colaboradora da pesquisa, fazendo (re)surgir práticas e ações que já estavam adormecidas na sua caminhada formativa. Desse modo, percebi ao longo da entrevista narrativa realizada com a professora colaboradora da pesquisa, que a reflexão sobre a própria história de vida possibilitou o desenvolvimento de um trabalho pedagógico com maior consistência teórica e, ao mesmo tempo, impulsionou a criação de espaços compartilhados de construção do conhecimento entre os professores que realizaram o curso.

**Palavras-chave:** Narrativas Autobiográficas; Formação Continuada de Professores Rurais; Literatura Infantil.



## **ABSTRACT**

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Educação  
Universidade Federal de Santa Maria

### **(AUTO) BIOGRAPHICAL NARRATIVE: MEDIATION OF LITERATURE ON CHILD PATHS FORMATION OF A MULTISSERIATE CLASS TEACHER**

**AUTHOR: JULIA BOLSSONI DOLWITSCH**

**GUIDANCE: PROF. DR. HELENISE SANGOI ANTUNES**

**Date and Place of Defense: Santa Maria, March 19, 2014.**

This paper presents the results of a research Master of Education linked to the Research Line "Training, Professional Development and Knowledge" (LP1) of Post-Graduate in Education of Federal University of Santa Maria. The main objective of this study was to understand, through (auto)biographical research, such as children's literature influenced the formative paths of a multisseriate literacy class that acted as tutor in Pro-Literacy Program. The justification of the relevance of this study is based from the little discussion about the role of children's literature and its mediations in educational trajectories of rural educators, as well as the indispensable role that reading, in particular, the literary reading plays in shaping teachers. Activation of memory, through the memories, found a formative path, traversing memories in relation to memories of childhood, school, training courses and professional collaborative research and personal trajectories. The methodology used was based on a qualitative study through (auto)biographical research, using the Biographical History of Life method. The analysis of the information was based by the use of written autobiographical account and organized narrative interview from topics guide. To support the writing of this dissertation, I used as theoretical support, studies of Abrahão (2004, 2006), Antunes (2010, 2011, 2014), Arroyo; Fernandes (1999), Barcelos (2009), Bauer; Gaskell (2011), Bolzan (2002), Fernandes (2011), Freire (2011), Josso (2004), Nóvoa (2000, 2009), Souza (2006, 2012), and others. Throughout the research process, from the exchange of experiences, conversations throughout the research and analysis of information, were emerging categories of analysis that were structured as: childhood, memories of school, formative processes in the rural context and professional trajectory. From the narratives, I found that the Pro-Literacy through intensive work with children's literature, became a mediator of the training trajectories of collaborative research, making (re) emerging practices and actions that were already asleep in their formation process. Thus, I realized throughout the narrative interview with the cooperating teacher research, that reflection on the history of life enabled the development of a teaching job with greater theoretical consistency and at the same time, spurred the creation of shared spaces construction of knowledge among teachers who took the course.

**Keywords:** Autobiographical Narratives; Continuing Training of Rural Teachers; Children's Literature.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Desfile em comemoração ao Vinte de Setembro .....	19
Figura 2 – Primeiro dia de aula na Pré-Escola .....	20
Figura 3 – Trabalhos realizados no 1º Ano do Ensino Fundamental .....	21
Figura 4 – Trabalhos realizados no 2º Ano do Ensino Fundamental .....	22
Figura 5 – Trabalhos realizados no 2º Ano do Ensino Fundamental .....	22
Figura 6 – Na estrada a caminho de Boqueirão do Leão/RS .....	34
Figura 7 – Igreja da Comunidade .....	35
Figura 8 – Horta construída pelos alunos na Escola Municipal de Ensino Fundamental Oreste Danieli .....	36
Figura 9 – Portão de entrada da Escola Municipal de Ensino Fundamental Oreste Danieli .....	36
Figura 10 – Nosso reencontro .....	37
Figura 11 – Entregando um presente para a colaboradora da pesquisa após a realização da primeira entrevista .....	40
Figura 12 – Realização da segunda entrevista narrativa .....	41
Figura 13 – Município de Boqueirão do Leão/RS .....	44
Figura 14 – Palestra com o morador mais antigo da comunidade Arroio Galdino .....	68
Figura 15 – Alunos construindo a horta da escola .....	69
Figura 16 – Festa Junina na escola .....	70
Figura 17 – Festa a Fantasia da Comunidade .....	71
Figura 18 – Colchas de Retalhos produzidas pelas professoras no Curso do Pró-Letramento .....	83
Figura 19 – Visita da Biblioteca Móvel no Curso do Pró-Letramento .....	85
Figura 20 – “Cantinho de Aprendizagem” construído pela professora, pelos pais e alunos .....	91
Figura 21 – Professora Noeli apresentando as produções dos alunos .....	92
Figura 22 – Fotografia de algumas produções dos alunos e dos pais no “Cantinho de Aprendizagem” .....	92
Figura 23 – Fotografia da sala de aula da professora Noeli com a Biblioteca Itinerante	

ao centro .....	95
Figura 24 – Fotografia dos bonecos de meia com os livros preferidos dos alunos no colo .....	95
Figura 25 – Fotografia do “Cantinho da Leitura” construído pela professora Noeli e seus alunos na escola .....	97
Figura 26 – Fotografia do “Cantinho da Leitura” construído pela professora Noeli e seus alunos na escola .....	98
Figura 27 – Fotografia dos alunos trabalhando no projeto sobre agrotóxicos desenvolvido pela professora Noeli .....	106
Figura 28 – Fotografia dos alunos trabalhando no projeto sobre agrotóxicos desenvolvido pela professora Noeli .....	106
Figura 29 – Fotografia da horta construída pelos alunos no “Projeto Horta” desenvolvido pela professora Noeli em sua escola .....	107
Figura 30 – Projeto desenvolvido com os pais dentro da escola sobre os brinquedos de antigamente .....	108

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Quadro descritivo das Categorias de Análise .....	31
---	----

## LISTA DE ANEXOS

<b>Anexo A</b> – Termo de Cedência de Uso .....	127
<b>Anexo B</b> – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	128
<b>Anexo C</b> – Entrevista Narrativa .....	130
<b>Anexo D</b> – Relato Autobiográfico Escrito – Noeli Catharina Danieli .....	131
<b>Anexo E</b> – Quadro de Análise .....	136
<b>Anexo F</b> – Carta de Aprovação .....	146
<b>Anexo G</b> – Autorização Institucional .....	149

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 Narrativas na primeira pessoa: ressignificando o meu processo formativo .....</b>	<b>18</b>
<b>3 PERCURSOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>28</b>
<b>3.1 Os procedimentos metodológicos .....</b>	<b>28</b>
<b>3.2 A colaboradora da pesquisa: memórias sobre o “tempo de infância” .....</b>	<b>43</b>
<b>4 MEMÓRIAS, NARRATIVAS, HISTÓRIAS DE VIDA: RECONSTRUINDO TRAJETÓRIAS FORMATIVAS .....</b>	<b>49</b>
<b>4.1 Lembranças de Escola: memórias que o vento ainda não levou .....</b>	<b>54</b>
<b>4.2 Processos Formativos: caminhos percorridos e desafios da docência .....</b>	<b>62</b>
<b>4.2.1 Possibilidades e desafios - início da carreira docente .....</b>	<b>66</b>
<b>5 TRAJETÓRIAS FORMATIVAS: RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS SOBRE O PRÓ-LETRAMENTO .....</b>	<b>76</b>
<b>5.1 Formação Continuada de Professores .....</b>	<b>76</b>
<b>5.2 Programa de Formação de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Pró-Letramento – Algumas reflexões da pesquisadora .....</b>	<b>80</b>
<b>5.3 Tecendo caminhos, reconstruindo saberes... Experiências formativas em um curso de formação continuada .....</b>	<b>86</b>
<b>6 CLASSES MULTISSERIADAS E A MEDIAÇÃO DA LEITURA: “AS PEPITAS DE OURO” QUE PERMANECEM VIVAS NA TRAJETÓRIA FORMATIVA DE UMA ALFABETIZADORA .....</b>	<b>99</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS... NARRATIVAS DE VIDA [RE]SIGNIFICADAS PELO TRABALHO COM A LITERATURA INFANTIL .....</b>	<b>114</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>118</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>126</b>

# 1 INTRODUÇÃO

*[...] a educação e a formação são processos de transformação, múltiplos projetos habitam, tecem, percorrem, dinamizam e programam os relatos das histórias de vida e também nos informam sobre os desejos de ser e de vir-a-ser de seus autores (JOSSO, 2006).*

A temática sobre formação de professores (inicial e continuada) tem sido pauta constante em pesquisas nacionais e internacionais na área da educação. Isso se comprava pelo fato de ela se apresentar como uma temática fértil, remetendo-se a um rico cenário histórico com discussões antigas e atuais. Sabe-se que as discussões em torno da temática de formação de professores sempre tiveram muita importância na história da educação, pois, além de percorrer a história de muitos educadores brasileiros, contribuem para ampliar os conceitos e a fundamentação do processo de ensino.

Conforme estudos desenvolvidos por Nóvoa (2009), é importante considerar que a riqueza e a complexidade do ensino tornem-se cada vez mais visíveis, tanto do ponto de vista profissional como científico. Ao mesmo tempo, é essencial reforçar dispositivos e práticas de formação de professores que levem em consideração uma investigação pautada na problemática e na ação docente.

Nesse sentido, as propostas teóricas que envolvem os cursos de formação de professores só farão sentido se forem construídas dentro da profissão, se forem apropriadas a partir de uma reflexão dos professores sobre sua própria prática e sobre as ações pedagógicas que envolvem as experiências formativas que os educadores percorrem ao longo da vida (NÓVOA, 2009).

É neste contexto, de pensar a formação de professores dentro da profissão, que a presente dissertação foi elaborada, apresentando como objetivo principal compreender, por meio de narrativas (auto)biográficas, como a literatura infantil influenciou as trajetórias formativas de uma professora de classe multisseriada a partir de sua participação no Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Pró-Letramento – financiado pelo Ministério da Educação (MEC), por meio da Secretária de Educação Básica (SEB) no período de 2010 a 2011. A pesquisa em questão está vinculada à Linha de Pesquisa 1 – Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional – do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria que desenvolve

investigações sobre a formação inicial e continuada nos seus diversos níveis e espaços educativos e tem como referência as relações sociais, políticas e culturais na constituição da docência<sup>1</sup>.

Este estudo envolve a perspectiva da formação de professores através do relato autobiográfico de uma alfabetizadora, Noeli Catharina Danieli<sup>2</sup>, formada no Curso de Pedagogia, que atua em classes multisseriadas há 28 anos no Município de Boqueirão do Leão/RS. Além disso, a pesquisa considera os processos formativos percorridos pela professora ao longo da sua trajetória de vida que foi revivida, reconstruída e refletida através da utilização da memória. Desse modo, no decorrer da escrita da presente dissertação, tive a possibilidade de analisar, por meio das narrativas autobiográficas, como o Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Pró-Letramento foi visto e explorado por uma alfabetizadora que atua na escola rural.

Acredito que o desenvolvimento de trabalhos através da perspectiva biográfica de pesquisa possibilita contribuições importantes no que se refere ao estudo com professores. Guedes-Pinto (2002) enfatiza o importante papel que a investigação pautada na metodologia das “histórias de vida” tem na formação de professores, visto que do decorrer dos relatos e das entrevistas os educadores vivenciam um processo de reflexão e de reconceitualização de crenças e práticas que por vezes já estão estabilizadas. Do mesmo modo, os estudos desenvolvidos por Abrahão (2004, 2004b, 2006, 2010, 2014), Antunes (2007, 2010, 2011), Delory-Momberger (2008), Josso (2004), Nóvoa (2000, 2009), Moita (2000), Oliveira (2006, 2014) e Souza (2006, 2008, 2012, 2014) mostram o quanto a pesquisa, com narrativas (auto)biográficas, é formadora na medida em que possibilita um olhar reflexivo ao passado, o qual se relaciona necessariamente com o presente.

Para Josso (2006, p. 27), a metodologia das “histórias de vida” tem aberto mais possibilidades e visões tanto em discussões acerca das práticas de formação, quanto na pesquisa de novos saberes. “O paradigma do conhecimento subjetivo e o paradigma do conhecimento experiencial impõem-se como uma realidade tangível e cada vez mais indispensável nas sociedades que se desconhecem”. Ou seja, desconhecem-se cada vez mais pelas “mesclas” interculturais originárias de histórias coletivas.

Compreender as experiências formadoras como dimensão do trabalho a partir da abordagem biográfica de pesquisa, possibilita acessar e apreender, de um outro lugar, as aprendizagens que foram construídas ao longo da vida e potencializá-las no percurso de

---

<sup>1</sup> Informações disponíveis em: [http://coral.ufsm.br/ppge/?page\\_id=181](http://coral.ufsm.br/ppge/?page_id=181) Acesso em: 15 de Fevereiro de 2014.

<sup>2</sup> A colaboradora autorizou a utilização do seu nome verdadeiro.



formação (SOUZA, 2006). Nesse movimento, em que a reflexão sobre as experiências percorridas ao longo da vida se torna um elemento fecundo, os professores têm a possibilidade de reverem e reavaliarem seu percurso pessoal e profissional. A partir disso, acontece um processo de compreensão, pois muitas práticas anteriormente não reconhecidas pelos educadores passam a ser reconceitualizadas por meio da rememoração.

Em função, portanto, das reflexões acima descritas, este trabalho teve, como foco metodológico, as memórias de uma professora tendo como referência a perspectiva da história de vida através de narrativas autobiográficas orais e escritas. Essa foi uma escolha metodológica que teve, como fio condutor, recuperar as trajetórias pessoais e profissionais traçadas por uma alfabetizadora no decorrer do seu percurso formativo.

A abordagem biográfica de pesquisa possibilita a aproximação com identidades e subjetividades de narrativas autobiográficas; desse modo, exige cuidados metodológicos na recolha das informações, principalmente por considerar as condições de produção. Em função disso, não deve existir controle por parte do pesquisador, pois as narrativas expressas pelo sujeito-narrador partem da sua compreensão sobre os sentidos das experiências que foram vividas (SOUZA, 2006).

Partindo das considerações acima, esta escrita inicia-se com o capítulo da introdução no tema da pesquisa, posteriormente é apresentado o capítulo dois, que versa sobre a minha História de Vida. História essa que contempla o meu processo formativo desde a infância até os dias atuais e justifica, a partir do meu relato autobiográfico e do meu interesse na elaboração deste estudo.

O terceiro capítulo contempla a metodologia e os caminhos percorridos nesta investigação, a qual se constitui como uma abordagem qualitativa de pesquisa. Nesse contexto metodológico, destaco, como instrumento de coleta de informações, o relato autobiográfico escrito da colaboradora da pesquisa, a entrevista narrativa organizada a partir de tópicos que guiaram o estudo e de algumas fotografias que auxiliaram no processo de rememoração da professora. A partir desses elementos, foi possível eu conhecer a história pessoal e profissional da colaboradora da pesquisa. Este capítulo contempla, ainda, as memórias sobre o “tempo de infância” da colaboradora da pesquisa, bem como o contexto específico do Município de Boqueirão do Leão/RS, que serviu de cenário para a investigação.

A partir das informações fornecidas no relato autobiográfico e nas entrevistas narrativas, as categorias de análise ficaram assim delimitadas: tempos de infância, lembranças de escola, processos formativos no contexto rural e trajetória profissional. Essas categorias foram destacadas como temas centrais ao longo da escrita da investigação e do delineamento

do objetivo principal do trabalho: compreender, por meio de narrativas (auto)biográficas, como a literatura infantil influenciou as trajetórias formativas de uma professora de classe multisseriada a partir de sua participação no Pró-Letramento.

O quarto capítulo, referente às lembranças de escola e aos processos formativos evidenciados, a importância do trabalho de pesquisa em relação às trajetórias formativas da professora, possibilitando “tecer” reflexões desde as suas lembranças de escola até seus processos formativos, mediante ressignificação do vivido.

O quinto capítulo envolve uma trama de experiências percorridas pela professora ao longo do Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Pró-Letramento. Neste capítulo, está presente também uma discussão acerca da formação continuada de professores, bem como algumas reflexões minhas sobre o Curso de Formação Continuada Pró-Letramento.

O sexto capítulo - relativo às classes multisseriadas na trajetória de vida da colaboradora da pesquisa - encerra a análise das informações, trazendo algumas considerações relevantes sobre os desafios da docência em classes multisseriadas.

Por fim, as conclusões desta investigação são escritas em algumas linhas que não pretendem encerrar definitivamente as discussões aqui exploradas, e sim servirem como referência para aprofundar novas discussões sobre as temáticas aqui apresentadas.

## 2 JUSTIFICATIVA

*A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de “ler” o mundo particular em que me movia – e até onde não sou traído pela memória -, me é absolutamente significativa. Neste esforço a que me vou entregando, re-crio, e re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra (FREIRE, 2011)*

### 2.1 Narrativas na primeira pessoa: ressignificando o meu processo formativo

Ao iniciar a escrita deste capítulo, é importante apresentar o relato de uma caminhada e dizer de “dois tempos”: um tempo em que tudo era tão grande – as árvores eram tão altas que quase chegavam ao céu, as nuvens formavam figuras e desenhos sem fim, as classes eram espaçosas e as cadeiras tão altas que os pés não chegavam ao chão, os dias eram tão longos e as noites tão curtas, os tecidos em retalhos se transformavam em pequenas roupas e o tempo contado no relógio marcava as horas que ainda restavam da infância. O outro tempo refere-se aos percursos formativos que hoje habitam minha memória e ressignificam experiências a cada nova caminhada.

Falar das nossas próprias experiências formadoras é, conforme Josso (2004, p. 48), “[...] contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é vivido na continuidade temporal do nosso ser psicossomático”. Desse modo, parece ser importante reconstruir os acontecimentos anteriores que marcaram a minha vida para encontrar os sentidos das escolhas que fiz até aqui.

Minha história começa aqui mesmo, na cidade de Santa Maria, situada no coração do Rio Grande do Sul, RS. Sempre senti muito orgulho de ser daqui, sempre gostei de morar nesse lugar e, apesar de fazer 40°C no verão e 0°C no inverno, eu não trocaria Santa Maria, RS, por outro lugar.

Minha educação básica iniciou aos 5 anos de idade na escolinha Abelhinhas, lembro que gostava muito de ir à creche, mas recordo, com bastante clareza, a expressão sempre séria da minha primeira professora. Eu gostava mais da professora da minha irmã, e por destacar isso, eu sempre gostei mais das professoras dela, elas tinham em suas faces expressões muito carinhosas e acolhedoras, isso realmente marcou minha trajetória escolar até os dias de hoje.

Uma lembrança que permanece viva em minhas memórias, em relação ao meu tempo de infância, foi quando participamos (eu e a minha irmã) do desfile em comemoração ao Vinte de setembro. Eu lembro muito bem desse dia, principalmente pelo fato de não ter um vestido de prenda para desfilar. Essa lembrança também ficou guardada em uma fotografia, conforme evidencia a Figura 1:



Figura 1 – Desfile em comemoração ao Vinte de Setembro

Fonte: Arquivo pessoal Julia Bolssoni Dolwitsch

No ano seguinte, meus pais resolveram matricular eu e minha irmã na escola Antônio Alves Ramos. Lembro com carinho o primeiro dia de aula na pré-escola: fomos recebidos com música e festa pela professora. Conforme pode ser observado na Figura 2:



Figura 2 – Primeiro dia de aula na Pré-Escola

Fonte: Arquivo pessoal Julia Bolssoni Dolwitsch

Lembro-me de como estava ansiosa neste dia e também de como fiquei feliz em ser bem recebida. A professora, muito carinhosa, fez uma rodinha no início da aula, para que cada criança falasse seu nome, depois brincamos com muitos brinquedos que tinham no tapete, a sala era colorida e as mesinhas bem pequenas, dava até para encostar meus pezinhos no chão.

No outro ano, com muita felicidade, fui para o primeiro ano do Ensino Fundamental, quando entrei na sala tudo era diferente, a sala era grande e as mesinhas já não eram como aquelas, ficaram maiores e as cadeiras mais difíceis de encostar o pé no chão. Na minha memória, encontram-se vivos os trabalhos que realizávamos no primeiro ano de escolarização, os que mais lembro são aqueles que colávamos bolinhas de papel crepom em cima das letras, por vezes, ficava cansada de tanto enrolar bolinhas. Também me recordo das letras e sílabas que copiávamos, incansavelmente, na folha de atividades que pode ser observada na Figura 3 disponível abaixo:



Figura 3 – Trabalhos realizados no 1º Ano do Ensino Fundamental

Fonte: Arquivo pessoal Julia Bolssoni Dolwitsch

No ano seguinte, com muita alegria, fui para o segundo ano do Ensino Fundamental, lembro que me sentia “gente grande”, principalmente, porque sempre ia buscar minha irmã na turma do primeiro ano ao final da aula. Também me recordo das brincadeiras no pátio, das correrias que fazíamos ao pensarmos que tinha um monstro na floresta da escola (um espaço amplo repleto de árvores bem fechadas). Nós ficávamos todo o recreio naquela função de tentar ver o tal monstro, lembro-me como se fosse hoje, dos gritos quando algum colega dizia que tinha visto o monstro, até eu, na minha profunda imaginação de criança, recordo-me de ter visto.

No segundo ano, o que eu gostava mesmo era de criar frases, apesar de algumas dificuldades com acentos, trocas de letras e sumiço de outras, eu sempre fui muito criativa e adorava construir frases a partir do contexto em que vivia.

A seguir, trago alguns trabalhos realizados em aula que evidenciam algumas frases criativas construídas na escola:

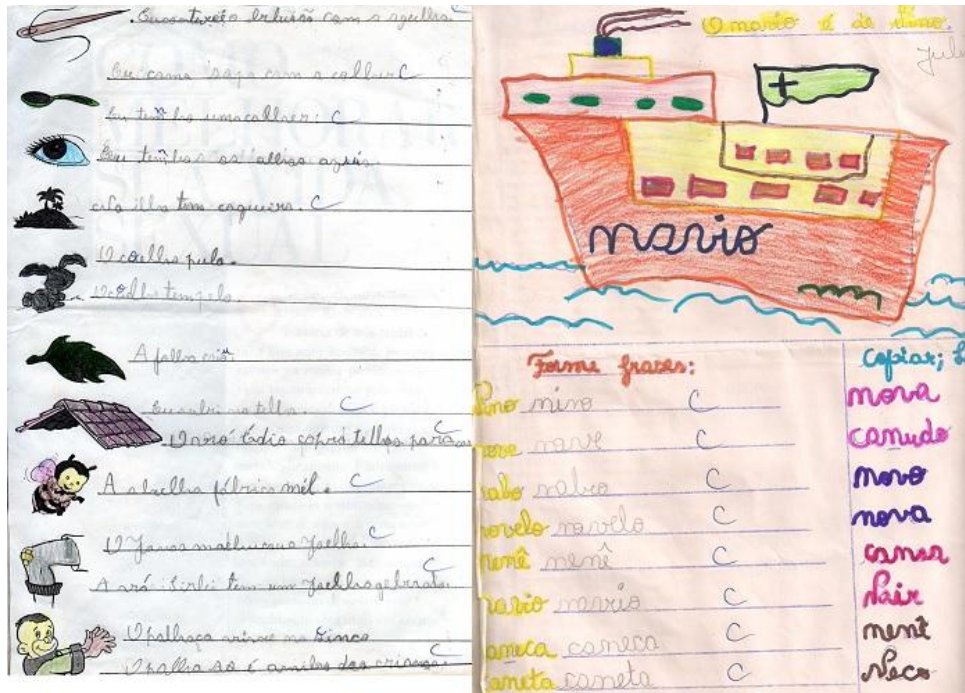


Figura 4 – Trabalhos realizados no 2º Ano do Ensino Fundamental

Fonte: Arquivo pessoal Julia Bolssoni Dolwitsch

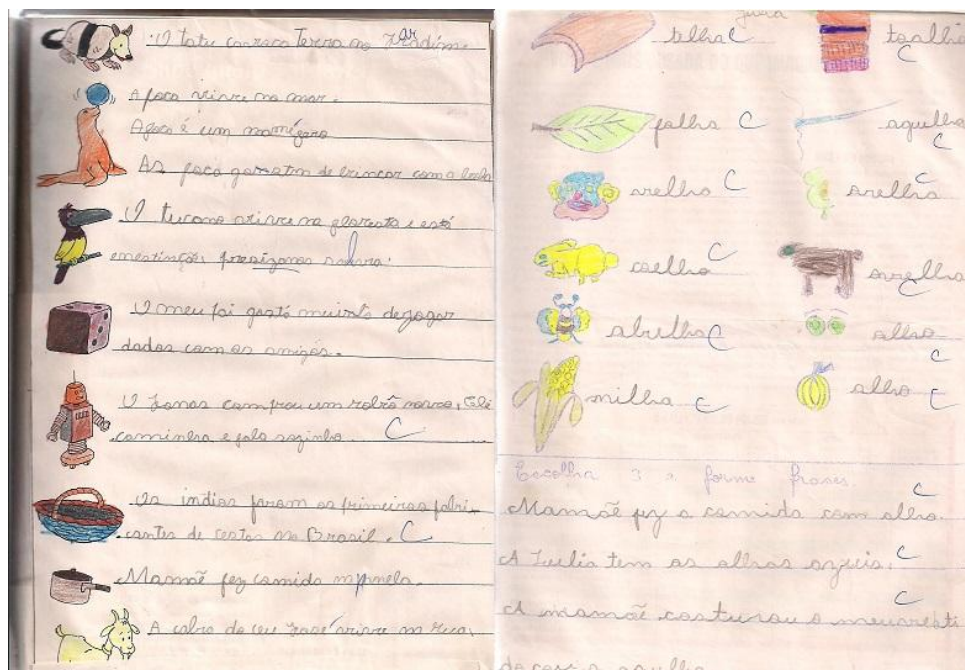


Figura 5 – Trabalhos realizados no 2º Ano do Ensino Fundamental

Fonte: Arquivo pessoal Julia Bolssoni Dolwitsch

Trago algumas fotografias, com frases que encontrei na minha cartilha, construída pela professora, no segundo ano do Ensino Fundamental. Cito algumas frases construídas por mim: “O vovó Édio comprou telhado para casa”; “O Jonas machucou o joelho”; “A vó Sirlei tem um joelho quebrado”; “A mamãe costura meu vestido com agulha”. As frases citadas foram construídas a partir das minhas vivências cotidianas, visto que eu sempre procurava trazer um pouco da minha história para a escola.

Nesse mesmo ano, aconteceu um episódio que marcou para sempre minha escolarização, estávamos fazendo um trabalho avaliativo e eu pedi à professora para ir ao banheiro, realmente estava precisando, ela negou o meu pedido e eu acabei fazendo xixi nas calças. Essa cena foi tão marcante que eu lembro até mesmo da roupa que eu estava usando naquele dia: um moletom laranja da Lilica Ripilica. O nome da professora nunca mais saiu da minha memória: professora Juraci.

Nessa escola eu vivi momentos maravilhosos, que certamente deixaram em minha vida marcas profundas de aprendizagens, ensinamentos, saudades e muitas alegrias.

Uma das maiores tristezas foi quando precisei sair da escola, pois meus pais não tinham mais condições financeiras de pagar. Assim, a partir do segundo ano do Ensino Fundamental, prossegui meus estudos na Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque de Caxias. Nessa escola também vivi muitos momentos importantes e inesquecíveis, cresci como aluna e principalmente como gente, como ser humano. Recordo-me que sempre estava envolvida com as festas da escola, ia ao mercado com a diretora, dava aula de dança para os pequenos e sempre amei interagir com os colegas, professores e funcionários. Confesso que, dentro de mim, sempre brilhou uma luzinha que apontava a minha profissão, quando menor dava aula para as crianças da minha rua, ensinava em um pequeno quadro negro que tinha lá em casa, fazia lanche e tudo mais para a criançada.

O primeiro e o segundo ano do Ensino Médio realizei na Escola Estadual de 2º Grau Cilon Rosa, o terceiro ano fiz no Colégio Politécnico da UFSM. Nesse período da minha vida, tudo passou a ser diferente, as brincadeiras acabaram, os colegas já não eram os mesmos, e a responsabilidade aumentava cada vez mais.

Na hora de fazer o vestibular, um pouco de insegurança e indecisão surgiram na escolha do curso. Minha primeira opção foi Enfermagem, por um pouco de influência da minha mãe, que também é da área. Como não passei na UFSM, comecei a cursar enfermagem na UNIFRA, das aulas teóricas eu até gostava, mas das práticas não consegui me adaptar.

Minha segunda opção sempre foi Pedagogia, todo mundo dizia que eu tinha jeito para ser professora, para educar, e no segundo vestibular, com muita dedicação minha e do meu



noivo Vagner que sempre esteve ao meu lado, eu entrei no curso. No decorrer do curso aprendi muito, conquistei muitas coisas que foram e são importantes pra mim até hoje, as mais importantes, com certeza, foram as amizades que pretendo levar para o resto da vida.

Em março de 2009, conheci o Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação Inicial, Continuada e Alfabetização (GEPFICA). Certo dia, passando pela sala do grupo, resolvi chegar, conversei com uma pessoa que hoje é muito especial pra mim, minha grande amiga Thaís. Comecei a frequentar as reuniões, fui muito bem recebida, principalmente pela querida professora Helenise, hoje orientadora deste trabalho e uma pessoa que marcou pra sempre minha história de vida. Nesse mesmo ano, participei e colaborei na II Edição do Curso de Formação de Profissionais da Educação: a Escola que Protege, realizada pelo GEPFICA, com financiamento da SECAD/MEC. Foi um evento que resultou do projeto de extensão, intitulado “Laboratório de Alfabetização: repensando a formação de professores”<sup>3</sup>. Eu participei por um tempo (quase um ano) desse projeto, foi uma experiência significativa, principalmente por me possibilitar mais experiências práticas, algo que senti falta ao longo do Curso de Pedagogia. Em março de 2010, resultado de uma trajetória iniciada com a entrada no grupo de pesquisa, tive a possibilidade de iniciar uma caminhada na pesquisa científica por meio de uma Bolsa de Iniciação Científica FAPERGS. Lembro que senti uma alegria sem fim, principalmente pelo fato de poder mergulhar em uma aventura importante na minha vida. A nova pesquisa, que foi financiada pelo Edital Universal 2008 do CNPq, “Memórias e relatos autobiográficos de alfabetizadoras: um estudo sobre as cartilhas de alfabetização nas escolas municipais rurais do Rio Grande do Sul/RS”<sup>4</sup>, já vinha sendo um foco dos estudos e pesquisas sobre história de vida do GEPFICA/PPGE/UFSM. O referido projeto possibilitou-me o contato com a pesquisa sobre educação rural, fazendo surgir um interesse constante em pesquisar nessa área. Além disso, criou espaços para discussões em relação às compreensões e reflexões críticas quanto ao esquecimento que muitas escolas rurais percorreram e ainda percorrem ao longo da história.

A partir desse momento, percebi como eu havia crescido, já não era mais aquela menininha com medo de arriscar, eu estava pronta para conhecer o novo, o diferente. E foi assim mesmo que eu comecei, sem esquecer minhas origens, eu me aproximei e me apaixonei

---

<sup>3</sup> Essa pesquisa tem como objetivo investigar novas metodologias para contribuir para a melhoria e qualificação das alunas em formação e dos professores alfabetizadores. Informação disponível em: <http://w3.ufsm.br/gepfica/historico.php>. Acesso em: 08 de Janeiro de 2014.

<sup>4</sup>Essa pesquisa foi elaborada com o objetivo de conhecer e realizar, através das memórias, relatos autobiográficos orais e escritos e as entrevistas semiestruturadas as memórias das professoras do meio rural, as cartilhas utilizadas para a alfabetização das escolas municipais rurais do Rio Grande do Sul/RS. Informação disponível em: <http://w3.ufsm.br/gepfica/historico.php>. Acesso em: 08 de janeiro de 2014.

pela pesquisa com histórias de vida. Os meus estudos realizados no grupo me ajudaram bastante no decorrer do curso de Pedagogia, eu me tornei mais crítica, mais conhecedora de mim mesma, da minha própria história.

Juntamente com as pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudos, o Curso de Pedagogia possibilitou-me diversos desafios, talvez o maior deles o meu estágio concluído em dezembro de 2012, optei pela Educação Infantil pela paixão em trabalhar com os pequenos. No início não foi nada fácil, foram tantas lágrimas, ansiedades, leituras, planejamentos, horas e horas escrevendo, muitas vezes, minhas atenções para o estágio eram tantas que eu acabava esquecendo o pessoal da minha casa, principalmente meu noivo Wagner, que superou seus níveis de paciência. No entanto, as dificuldades foram sendo superadas com apoio das colegas e da querida orientadora de estágio, professora Taciana Camera Segat, sempre colaborativa e dedicada a nos ouvir.

Eu penso que as itinerâncias da vida nos trazem ensinamentos profundos, ensinamentos que, por vezes, não aprendemos na academia, nem em casa, com nossos pais. Esses caminhos vividos precisam ser percebidos, interpretados por nós mesmos, mesmo que para isso precisemos retornar ao passado, através das nossas lembranças. Autoconhecer-se, como aponta Josso (2004), pode repercutir num eu mais consciente, mais observador das práticas que passaram e que ainda estão por vir e assim, a partir do processo de conhecermos a nós mesmos, podemos olhar para o outro com maior humildade.

Nos caminhos da vida, nos anos de 2010 e 2011, eu atuei, como monitora, no Pró-letramento. O Pró-letramento – Mobilização pela Qualidade da Educação, financiado pelo MEC/SEB – foi um Programa de Formação Continuada de Professores de Séries Iniciais do Ensino Fundamental, para melhoria da qualidade de aprendizagem da leitura/escrita e de matemática. No decorrer do curso, pude interagir com professoras de diferentes lugares do Rio Grande do Sul, foi uma experiência maravilhosa, que impulsionou e possibilitou a escrita desta dissertação.

No ano de 2012, eu ingressei no Curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria - mais uma conquista, mais um sonho que estava se tornando realidade. Nesse momento, percebi o quanto eu havia crescido, percebi que o meu envolvimento com a universidade me impulsionou para novos sonhos e novos caminhos.

No final do ano de 2012 e ao longo do ano de 2013, tive a possibilidade de fazer parte da Equipe Técnica que realizou um trabalho integrado e articulado com a Coordenação Geral e Adjunta do Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – Módulo

Alfabetização/Linguagem. No decorrer desse curso, tive a possibilidade de vivenciar experiências importantes para a constituição do meu processo formativo e construir, junto com a equipe, uma rede compartilhada de aprendizagens e discussões acerca da formação docente. O curso possibilitou-me ainda um espaço/tempo de reencontros: um momento especial em que pude novamente conversar e abraçar a professora colaboradora desta pesquisa.

Atualmente em 2014, concomitantemente à inserção no mestrado em educação, atuo com muito amor e dedicação nos projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos pelo GEPFICA/PPGE/UFSM, em especial o Projeto de Extensão – “Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – Módulo Matemática/Linguagem (2014)”<sup>5</sup>, financiado pelo Ministério da Educação (MEC); e o Projeto de Pesquisa “Cartografias da Educação Básica em Escolas Rurais: perspectivas para a formação e atuação de professores da região central do Rio Grande do Sul (2014)”<sup>6</sup>, financiado pelo Edital Universal 2013 do CNPq.

Cabe ressaltar ainda que, com a minha inserção no Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação Inicial, Continuada e Alfabetização (GEPFICA), tive possibilidades diversas de participação em eventos nacionais e internacionais, que, certamente, vieram a contribuir na minha formação acadêmica. Abaixo cito alguns eventos que contribuíram e tornaram a minha formação inicial e continuada mais fértil:

- ✓ XV ENDIPE - Convergências e Tensões no Campo da Formação e do Trabalho Docente: Políticas e Práticas Educacionais, (2010);
- ✓ II Curso de Formação de Profissionais da Educação: a escola que protege, (2009);
- ✓ VIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sul – ANPED SUL 2010, (2010);

---

<sup>5</sup> O Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC criado pelo Governo Federal em 2012, conta com a parceria de 38 Instituições de Ensino Superior do país e têm por objetivo promover ações de formação continuada de professores das redes estaduais e municipais de todo o país na área de Alfabetização e Linguagem e da Matemática. Como ações extensionistas, as ações do Pacto iniciaram em 2013 com a área de Alfabetização e Linguagem e, em 2014, a formação contemplará a área de Educação Matemática voltada para professores do Ensino Fundamental, que atuam no 1º, 2º e 3º ano e em turmas multisseriadas. Uma formação voltada à utilização de conteúdos e metodologias específicas e diferenciadas visando contribuir para a melhoria do processo ensino e aprendizagem de Matemática. No Rio Grande do Sul essa formação estará sob a responsabilidade da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

<sup>6</sup> Cartografar a realidade da Educação Básica rural por meio das informações coletadas relacionando-as com os Bancos de Dados do MEC, do INEP, do IBGE, do IDEB, do Censo Escolar para o Estado do Rio Grande do Sul objetivando traçar o perfil dos professores rurais e de potenciais leitores literários, através de um levantamento quanti-qualitativo das perspectivas educacionais para o ensino nos municípios da região central do Rio Grande do Sul.

- ✓ X Congresso Nacional de Educação - EDUCERE - I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSSE, (2011);
- ✓ IV Seminário Nacional de Formação de Professores: pesquisa autobiográfica, histórias de vida e perspectivas da docência no meio rural, (2011);
- ✓ IV Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica - IV CIPA, (2010);
- ✓ V Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica - V CIPA, (2012);
- ✓ Encontro entre Programas de Pós-Graduação do Brasil e do México, (2012);
- ✓ Seminário da Linha de Pesquisa 1: formação, saberes e desenvolvimento profissional, (2013);
- ✓ 1ª Congreso de Extensión de la Asociación de Universidades Grupo Montevideo - Augm - extenso 2013, (2013);
- ✓ VII Congresso Internacional Cátedra Unesco, Lectura y Escritura: continuidades, rupturas y reconstrucciones, (2013);

Diante disso, ressalto que todas essas vivências e experiências têm me possibilitado compreender o sentido e o significado que venho atribuindo à minha formação continuada, a qual julgo tão importante para minha prática profissional.

### 3 PERCURSOS METODOLÓGICOS

*Não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de uma narrativa (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2011).*

#### 3.1 Os procedimentos metodológicos

Para o desenvolvimento desta pesquisa, busquei uma metodologia que contribuísse para a compreensão do processo investigativo como um todo, a fim de atribuir significados e amparar teoricamente os objetivos do estudo.

Na escrita desta dissertação, busquei compreender, por meio das narrativas (auto)biográficas, como a literatura infantil influenciou as trajetórias formativas de uma professora de classe multisseriada a partir de sua participação no Programa Pró-Letramento. Nesse sentido, a ativação das memórias da professora, através das lembranças narradas e escritas, traçou um caminho formativo e reflexivo na sua constituição docente, percorrendo suas trajetórias pessoais e profissionais, passadas e atuais. Lembranças que estavam guardadas “no fundo da pipa de vinho”, “no porão da casa de infância”, “nos cadernos velhos que os irmãos não usavam mais”, foram rememoradas intensamente pela colaboradora da pesquisa nesse trabalho.

Para a realização de um trabalho com narrativas de vida, é preciso optar por uma metodologia que vá ao encontro desse universo sensível, que ao mesmo tempo busca aproximar sentimentos, memórias, significações, interpretações e embasamento teórico. Desse modo, a abordagem escolhida para o desenvolvimento desta investigação refere-se à pesquisa qualitativa, embasada teoricamente por estudos de Bauer; Gaskell (2011), que reconhecem, nessa abordagem, possibilidades para aprofundar o trabalho investigativo. Para os autores, em contraste a pesquisa quantitativa, a pesquisa qualitativa evita números e propõe uma pesquisa pautada na interpretação da realidade social. Nesse processo de pesquisa, assim descrita pelos autores, a realidade social é importante, o modo como as pessoas se expressam, falam, atribuem significados as suas ações cotidianas, é relevante no processo dessa investigação. “A pesquisa qualitativa é, muitas vezes, vista como uma maneira de dar poder ou dar voz às pessoas, em vez de tratá-las como objetos, cujo comportamento deve ser quantificado e

estatisticamente modelado” (BAUER; GASKELL, 2011, p. 30). A pesquisa qualitativa possibilita que os sujeitos envolvidos no estudo possam ter voz, possam narrar um pouco do que vivenciaram no percurso da vida, contar sua história, suas origens e suas culturas. Essa abordagem de pesquisa não transforma as pessoas em números, ela busca conhecer e investigar o contexto social que está por traz da história de uma vida.

No que diz respeito ao quantitativo e ao qualitativo, Minayo contribui dizendo que:

A diferença entre abordagem quantitativa e qualitativa da realidade social é de natureza e não de escala hierárquica. Enquanto os cientistas sociais que trabalham com estatística visam a criar modelos abstratos ou a descrever explicar fenômenos que produzem regularidades, são recorrentes e exteriores aos sujeitos, a abordagem qualitativa se aprofunda no mundo dos significados (MINAYO, 2012, p. 22).

Conforme estudos do mesmo autor, a pesquisa qualitativa aprofunda-se na experiência da vida cotidiana, nas significações, nas ações, nas interações e nas relações humanas construídas historicamente. “Esse conjunto de fenômenos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes” (MINAYO, 2012, p. 21). Para a autora, o universo da produção humana, nossas relações, representações, intenções, objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números, gráficos, dados quantitativos. Assim, não é possível ou não deveria ser possível quantificarmos essas relações/interações, e sim analisarmos o processo a partir da subjetividade de cada um.

No processo de análise das informações o produto ou resultado não ganha ênfase principal, e sim é superado pelo envolvimento interpretativo e pelo processo detalhado da pesquisa. No momento da narrativa, a pesquisa qualitativa não foca sua preocupação para resultados precisos e perceptíveis, mas sim se preocupa em dar voz àquele que narra, dar possibilidades e espaço de contar um pouco de si, do contexto social e histórico de que faz parte. “O pesquisador que trabalha com estratégias qualitativas atua com a matéria-prima das vivências, das experiências, da cotidianidade e também analisa as estrutura e as instituições, mas entendem-nas como ação humana objetivada” (MINAYO, 2012, p. 24). Desse modo, o processo de análise na pesquisa qualitativa perpassa pelo contexto sociocultural daquele que narra, possibilitando que vivências e experiências de outros tempos sejam [re]significadas.

Nesse contexto metodológico, com o intuito de fomentar a pesquisa (auto)biográfica no âmbito educacional, optei pelo método Biográfico História de Vida (ABRAHÃO, 2004;

2006; 2010), no sentido de dar voz a uma professora alfabetizadora do meio rural e compreender como a literatura infantil influenciou as trajetórias formativas de uma professora de classe multisseriada após a sua participação no Curso do Pró-Letramento.

A pesquisa (auto)biográfica “é uma forma de histórias autorreferente, portanto plena de significado, em que o sujeito se desvela, para si, e se revela para os demais” (ABRAHÃO, 2004, p. 202). A memória é o principal elemento do trabalho com pesquisa (auto)biográfica, utiliza-se do “exercício de rememoração, por excelência”. A metodologia de pesquisa autorreferente, conforme Abrahão (2010), é um processo de “construção” do qual também faz parte o investigador, que interage e possibilita que o sujeito, ao narrar sua vida, reconstrua sua história atribuindo-lhe significado. Nesse processo de reconstruir a história, através das memórias, o sujeito tem a possibilidade de revisitar e projetar “as redes de relações” construídas no decorrer das suas trajetórias de vida e de formação.

Os instrumentos de coleta de informações que guiaram esta pesquisa foram: relato autobiográfico escrito, pelo qual a colaboradora da pesquisa escreveu livremente sua História de Vida; e a entrevista narrativa organizada a partir de tópicos guia, com tópicos que guiaram a entrevista e possibilitaram que a colaboradora narrasse livremente sua história a partir de pontos mais específicos da pesquisa. A entrevista narrativa foi realizada após o relato autobiográfico com o intuito de aprofundar a coleta e alcançar os objetivos da pesquisa.

A entrevista foi organizada a partir de tópicos-guia com o intuito de não limitar ou influenciar as respostas da colaboradora a qual teve, neste trabalho, uma maior liberdade de falar a partir de tópicos que guiaram a temática da pesquisa. Os tópicos guia não são uma série extensa de perguntas específicas e sim um conjunto de títulos de parágrafos. “Em sua essência, ele é planejado para dar conta dos fins e objetivos da pesquisa” (BAUER; GASKELL, 2011, p. 66). A entrevista narrativa foi organizada a partir de tópicos guia, com o intuito de fazer emergir narrativas ricas, sem a limitação do esquema pergunta-resposta e com mínima interferência do pesquisador. O tópico guia, segundo Gaskell (2011), é um conjunto de títulos e funciona como um lembrete para o entrevistador. “O tópico guia é, contudo, como sugere o título, um guia, e não nos devemos tornar escravos dele, como se o sucesso da pesquisa dependesse só disso” (GASKELL, 2011, p. 67). Dessa forma, os tópicos elaborados para a realização da entrevista foram flexíveis e confortáveis, em nenhum momento, ficaram limitados a perguntas fechadas que sufocassem a resposta da colaboradora.

Assim, a partir do relato autobiográfico escrito, da entrevista narrativa e de algumas fotografias e bilhetes que foram apresentados no decorrer dos relatos, busquei uma

aproximação com a história de vida da colaboradora da pesquisa, desde as recordações da sua infância, suas lembranças de escola, seus processos formativos e sua trajetória profissional.

No decorrer deste trajeto de investigação, a partir das trocas de experiências, conversas ao longo da pesquisa e análise das informações, foram emergindo as categorias de análise, que ficaram estruturadas conforme descrição no quadro abaixo: tempos de infância, lembranças de escola, processos formativos no contexto rural e trajetória profissional.

<b>Categorias de Análise</b>	
Tempos de Infância	Essa categoria objetivou dar visibilidade para a história da infância da colaboradora da pesquisa, com o intuito de percorrer lembranças desde o seu processo inicial de formação.
Lembranças de Escola	A partir dessa categoria foi possível conhecer as lembranças do “Tempo de Escola” e compreender memórias passadas e atuais dos professores que marcaram a trajetória de escolarização da colaboradora da pesquisa.
Processos Formativos no Contexto Rural	Essa categoria possibilitou “tecer” reflexões sobre os processos formativos percorridos pela colaboradora da pesquisa no decorrer da sua experiência formativa no contexto rural, mediante ressignificação do vivido.
Trajeto Profissional	Essa categoria envolveu uma trama de experiências percorridas pela professora ao longo do seu percurso profissional.

Quadro 1 – Quadro descritivo das Categorias de Análise

Fonte: Julia Bolssoni Dolwitsch



Nesse momento, cabe ressaltar que as categorias de análise foram construídas após a coleta das informações; e o objetivo do trabalho, “compreender como a literatura infantil influenciou as trajetórias formativas de uma professora de classe multisseriada a partir de sua participação no Programa Pró-Letramento”, esteve presente na análise de todas as categorias. O processo de análise foi amparado, teoricamente, a partir de estudos de Abrahão (2004, 2004b, 2006, 2010), Antunes (2007, 2010, 2011), Antunes; Farias (2014), Arroyo; Fernandes (1999), Barcelos (2009), Bauer; Gaskell (2011), Caldart (2009), Delory-Momberger (2008), Fernandes (2011), Josso (2004), Moita (2000), Molina (2009), Nóvoa (2000, 2009), Oliveira (2006), Riter (2009), Souza (2006, 2008, 2012), entre outros autores que contribuíram de forma significativa para a realização deste estudo.

Para Minayo (1994, p. 70), as categorias de análise são empregadas para estabelecer classificações de elementos constitutivos de um conjunto. “(...) Nesse sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso”. As categorias auxiliam no sentido de organizar e facilitar a compreensão das etapas vivenciadas pela colaboradora, agrupando elementos significativos para uma melhor interpretação do pesquisador.

Os primeiros encontros com a colaboradora da pesquisa aconteceram na realização do Curso de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental Pró-Letramento no ano de 2011. Em um primeiro momento, tivemos uma conversa informal, apresentei-me à professora e manifestei meu interesse de pesquisa, que no momento estava restrito à realização do meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado: “Pró-Letramento: concepções sobre a leitura e a escrita na visão de uma alfabetizadora rural” (DOLWITSCH, 2012). No contexto em que estávamos, trabalhando juntas na mesma sala de formação, eu como monitora de sala e ela como professora tutora do curso, pudemos ficar mais próximas, narrar um pouco das nossas histórias, das nossas lembranças e trocar nossos telefones.

Nos demais encontros do curso, ao longo do ano, fomos nos aproximando, trocando experiências, saberes práticos e conhecimentos de vida. Nas nossas conversas, ficou definido que o relato autobiográfico seria escrito, pois assim a colaboradora poderia escrevê-lo no seu tempo e no seu espaço. Souza (2006, p. 135-136) argumenta que a escrita da narrativa intensifica no sujeito o contato com sua singularidade, torna-se um momento de reflexões e diálogos consigo mesmo, “(...) ao configurar-se como atividade formadora porque remete o sujeito para uma posição de aprendiz e questiona suas identidades a partir de diferentes modalidades de registro que realiza sobre suas aprendizagens experienciais”. A escrita da

narrativa possibilita que o sujeito em formação possa compreender o processo de conhecimento e aprendizagem que envolve suas experiências ao longo da vida. A partir dessa compreensão e, ao mesmo tempo, desse espaço para [re]significar sua história durante a escrita, o sujeito vive um processo de autoformação.

A escrita da narrativa, enquanto “aprendizagem experiencial”, implica colocar o sujeito numa prática subjetiva e intersubjetiva do processo de formação, a partir das experiências e aprendizagens construídas ao longo da vida e expressas no texto narrativo, porque as experiências que tratam de recordações-referências são constitutivas das narrativas de formação, contam sobre o que a vida ensinou e, também, no que concerne às aprendizagens experienciais em circunstâncias da vida dos sujeitos em processo de formação (SOUZA, 2006, p. 141).

A escrita da narrativa ativa no sujeito subjetividades, incita reflexões sobre sua vida, sobre suas ações passadas e futuras ações que podem ser [re]significadas e transformadas no processo de recordar sua vida.

Acredito que as pesquisas que se utilizam do método Biográfico História de Vida tem contribuições pertinentes para a formação de professores. Nesse sentido, pensar em formação remete à qualificação profissional oferecida pelos cursos de Graduação e Pós-Graduação dentro da academia. No entanto, não devemos conferir apenas a essa instituição a responsabilidade de ensinar. Penso que a vida, as experiências cotidianas que vivenciamos todos os dias, os caminhos que percorremos a cada fase da vida, as lembranças da nossa própria história têm muito a nos dizer, muito a nos ensinar.

Sendo assim, foi, em um dos meus percursos da vida, que pude experienciar uma visita na cidade da colaboradora da pesquisa, realizei a viagem percorrendo 50 km de estrada de chão e, apesar do longo percurso até a localidade de Arroio Galdino, interior do Município de Boqueirão do Leão/RS, apreciei uma bela paisagem, marcada por vales profundos, matas e montanhas, conforme demonstra a Figura 6.



Figura 6 – Na estrada a caminho de Boqueirão do Leão/RS

Fonte: Arquivo pessoal Julia Bolssoni Dolwitsch

Ao chegar à cidade de Boqueirão do Leão/RS, ainda precisava me deslocar até a localidade de Arroio Galdino, com algumas orientações dos moradores da cidade, consegui me localizar. Até chegar à casa da professora colaboradora da pesquisa, percorri mais alguns quilômetros de estrada de chão, passando por muitas e pequenas localidades, cada uma expressava suas origens, culturas e identidades. Ao longo do percurso, percebi diferentes expressões: olhares curiosos, “ofegantes”, por vezes amedrontados, tomavam conta do rosto dos moradores daquela região. Ao olhar pela janela do carro, vi a estrada de chão batido, senti o vento empoeirado deslizar pelo meu rosto, o menino de bicicleta expressava em sua face um olhar de curiosidade, as mulheres que acomodavam as roupas no varal pararam por um instante e ficaram a observar a estranheza de pessoas que não pertenciam àquele lugar.

Ao longo do percurso, perguntei para alguns moradores da comunidade se conheciam a professora Noeli Danieli, expliquei que precisava chegar até a casa dela e estava perdida, com muita delicadeza, fui orientada por alguns moradores e encontrei a casa da professora.

Apesar do cansaço da viagem, a recepção alegre e carinhosa da interlocutora da pesquisa superou qualquer desânimo. Nosso reencontro foi maravilhoso, conversamos, olhamos fotos antigas, visitamos a escola da colaboradora da pesquisa; com isso, eu pude conhecer um pouco o contexto rural habitado pela professora. Ela me mostrou sua horta, sua criação de galinhas e de porcos. Percebi, naquele momento, uma pequena localidade que vive

unida pelo afeto, pelas lembranças e principalmente pela riqueza das histórias. Ou seja, uma comunidade que compartilha entre si saberes, memórias, palavras, enfim, compartilha uma vida coletiva. No percurso até a escola, a professora foi sinalizando a casa de cada aluno, com muito carinho, contava quem era cada um. Ao chegarmos à escola, a professora mostrou-me tudo, a horta que os alunos estavam construindo, os trabalhos produzidos por eles e pelos pais, os livros de literatura infantil que ocupam um lugar especial na sala de aula. A professora levou-me até os trabalhos dos alunos, que ocupam o “Cantinho de Aprendizagem”, assim chamado pela turma, e, com muito orgulho ela leu alguns textos, recitou algumas poesias escritas pelos seus alunos e apresentou os brinquedos antigos que foram construídos com os pais na escola.

A seguir, trago algumas fotografias da comunidade e da minha visita à escola, conforme pode ser observado nas Figuras 7, 8 e 9:



Figura 7 – Igreja da Comunidade

Fonte: Arquivo pessoal Julia Bolssoni Dolwitsch



Figura 8 – Horta construída pelos alunos na Escola Municipal de Ensino Fundamental Oreste Danieli

Fonte: Arquivo pessoal Julia Bolssoni Dolwitsch



Figura 9 – Portão de entrada da Escola Municipal de Ensino Fundamental Oreste Danieli

Fonte: Arquivo pessoal Julia Bolssoni Dolwitsch

Ao retornar para a casa da professora, ela me entregou sua autobiografia escrita, conforme havíamos combinado. Nesse momento, sentamos na cozinha da sua casa e ela me relatou o quanto foi bom rememorar sua vida, escrever sobre sua história trouxe lembranças que já estavam guardadas no fundo da memória.

Em um novo reencontro no dia 25 (vinte e cinco) de março de 2013, agora na cidade de Santa Maria/RS, com a realização da Formação Inicial de 40 horas do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa SEB/MEC, tivemos a possibilidade de conversar novamente. Nesse momento, manifestei minhas intenções de pesquisa desenvolvidas a partir da minha inserção no curso de Mestrado em Educação e fiz a entrega de uma cópia do meu Trabalho de Conclusão de Curso. Após uma agradável conversa, decidimos que faríamos a entrevista ao longo dos encontros do Curso e decidimos que o relato autobiográfico escrito anteriormente, pela professora, permaneceria como instrumento desta pesquisa.

O nosso reencontro pode ser observado na Figura 10:



Figura 10 – Nosso reencontro

Fonte: Arquivo pessoal Julia Bolssoni Dolwitsch

Além do relato autobiográfico escrito pela professora, o outro instrumento de pesquisa utilizado neste estudo, para a coleta de informações, foi a entrevista narrativa. A entrevista narrativa é outro procedimento da perspectiva qualitativa de pesquisa. O renovado interesse pelo estudo de narrativas está relacionado, conforme Jovchelovitch; Bauer (2011, p. 90), com “a crescente consciência do papel que o contar histórias desempenha na conformação de fenômenos sociais”. Para os autores, a discussão sobre narrativas vai muito além de seu emprego como método de investigação.

As narrativas existem em todo lugar, são infinitas em sua variedade, estão presentes em cada história, em cada olhar, em cada sociedade. “Parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar; contar histórias é uma forma elementar de comunicação” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2011, p. 91). Através da narrativa, as pessoas lembram sua história, colocam as experiências em uma sequência de acontecimentos, relembram e ressignificam o vivido, mas tudo isso acontece dentro de um contexto social e cultural. Dessa forma, os autores destacam o importante papel do enredo para a estruturação de uma narrativa. É através do enredo que as histórias contadas adquirem sentido na narrativa, bem como amplia o contexto em que nós entendemos cada um dos acontecimentos.

Sendo assim, “compreender uma narrativa não é apenas seguir a sequência cronológica dos acontecimentos que são apresentados pelo contador de histórias: é também reconhecer sua dimensão não cronológica, expressa pelas funções e sentidos do enredo” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2011, p. 93). A narrativa não é apenas uma listagem de acontecimentos, vivências e experiências, a história contada por aquele que narra vem repleta de significações, sentidos e emoções, que se entrelaçam com o contexto social, cultural e histórico ao longo da narração. Assim, cabe ao pesquisador o trabalho criterioso de interpretação das narrativas, que expressam sentidos e significados singulares para aquele que narra.

O contar histórias segue um esquema autogerador com três principais características, conforme Jovchelovitch; Bauer (2011, p. 94):

- ✓ *Textura Detalhada:* neste processo, o narrador procura fornecer tantos detalhes dos acontecimentos quantos forem necessários para tornar a transição dos acontecimentos plausível.
- ✓ *Fixação da relevância:* o narrador conta aqueles aspectos do acontecimento que são relevantes, de acordo com sua perspectiva de mundo.

- ✓ *Fechamento da Gestalt*: um acontecimento central mencionado na narrativa tem de ser contado em sua totalidade, com um começo, meio e fim.

A entrevista narrativa é considerada uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas. É um artefato que se distingue da maioria das entrevistas, movidas pelo modo pergunta-resposta, buscando empregar um tipo específico de “comunicação cotidiana, o contar e escutar história, para conseguir este objetivo” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2011, p. 95). A fim de obter uma versão menos imposta, na entrevista narrativa, a influência do entrevistador deve ser mínima, deixando o narrador bastante à vontade para contar sua história.

A entrevista com a Professora Noeli aconteceu no dia 06 (seis) de agosto de 2013, na Universidade Federal de Santa Maria, local que sediou o III Seminário de Acompanhamento do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa<sup>7</sup>. Nesse encontro, iniciamos a entrevista narrativa, a professora precisava narrar sobre alguns tópicos expostos por mim ao longo da entrevista – tópicos como: “Contato com a cultura escrita na infância” – “Primeiros contatos com a literatura infantil” – “Lembranças de escola” – “Desejo de ser professora”. É importante destacar que esses tópicos guiaram as narrativas expressas pela professora, por alguns momentos não foi preciso o pesquisador intervir colocando um novo tópico, um tópico foi sendo costurado com o outro ao longo da narrativa da professora. Conforme Jovchelovitch; Bauer (2011), esse é um ponto positivo da entrevista narrativa, deixar o narrador bastante à vontade para contar sua história, com pouca influência do pesquisador. Os significados dados pela professora a esses tópicos estarão imersos no decorrer do trabalho.

No encontro, a professora Noeli trouxe algumas fotografias para olharmos juntas, a cada fotografia ela foi contando e relembando um pouco dos momentos que passou, mas junto com suas memórias revelam histórias da sua vida. Nesse contexto, Guedes-Pinto (2002, p. 123) considera que esses artefatos buscam “[...] auxiliar na ativação da memória das pessoas entrevistadas a partir do uso e manipulação de objetos que possam ser portadores de lembranças e recordações antigas” e são denominados de “disparadores da memória ou muletas da memória”, pois recordam de algum modo o passado auxiliando no processo de rememoração. A professora Noeli autorizou-me utilizar as fotografias do seu arquivo pessoal

---

<sup>7</sup> O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um compromisso formal assumido pelos governos Federal, do Distrito Federal, dos Estados e Municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental. Esse Programa é coordenado institucionalmente na Universidade Federal de Santa Maria pela Prof<sup>a</sup>. Helenise Sangoi Antunes. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/o-pacto> Acesso em 17 de dezembro de 2013.



que serão apresentadas no decorrer desse trabalho. Após o término da entrevista, eu presenteei a professora com o livro de literatura infantil “Quando me sinto bondoso” de autoria de Trace Moroney, conforme pode ser visto na Figura 11.



Figura 11 – Entregando um presente para a colaboradora da pesquisa após a realização da primeira entrevista

Fonte: Arquivo pessoal Julia Bolssoni Dolwitsch

No dia 01 (um) de outubro de 2013, realizamos a segunda entrevista narrativa, nosso encontro aconteceu no Itaimbé Palace Hotel, local que sediou o IV Seminário de Acompanhamento do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Nesse encontro apresentei mais alguns tópicos para a professora: “Percursos formativos e desafios da docência” – “Desafios e conquistas no trabalho com classe multisseriadas” – “Experiências do/no Pró-Letramento” – “A literatura infantil no contexto rural”. O objetivo desse encontro foi dar continuidade à realização da entrevista narrativa. Nesse contexto a professora narrou livremente sobre seus desafios na escola rural, seus percursos formativos desde sua formação até sua atuação como professora, sobre o trabalho que desenvolve com a literatura infantil no meio rural e sobre sua experiência no Curso de Formação Continuada Pró-Letramento. O

encontro que marca a realização da segunda entrevista narrativa está evidenciado na fotografia abaixo pela Figura 12:



Figura 12 – Realização da segunda entrevista narrativa

Fonte: Arquivo pessoal Julia Bolssoni Dolwitsch

No dia 18 (dezoito) de novembro de 2013, encontramos-nos novamente, agora no Seminário Final do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Na oportunidade, a professora Noeli trouxe-me com muito carinho o Projeto Político Pedagógico da Escola. Esse documento foi analisado com o intuito de entender a estrutura organizacional da escola, seus objetivos e suas relações com o contexto rural e o perfil dos alunos atendidos pela escola.

Para a participação nesta pesquisa, delimiti alguns critérios de inclusão, com o objetivo de amparar as informações necessárias para o desenvolvimento da pesquisa. Os critérios definidos para a escolha da colaboradora foram:

- ✓ Ser professora alfabetizadora;
- ✓ Atuar como professor (a) no meio rural, mais especificamente em classe multisseriada;

- ✓ Ter participado do Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental sobre Alfabetização e Linguagem realizado em Santa Maria, RS, no período de 2010 a 2011;
- ✓ Possuir disponibilidade de tempo para responder aos instrumentos que serão utilizados para a coleta de informações;
- ✓ Ter consciência das vantagens e desvantagens e possíveis desconfortos emocionais que poderão ocorrer em decorrência de suas memórias e lembranças de vida; e
- ✓ Residir no meio rural.

Justifico a escolha desses critérios pelo fato de possibilitar a conhecer a trajetória pessoal e profissional de uma professora alfabetizadora que atua no contexto da escola multisseriada ao longo das diferentes fases da carreira, principalmente após sua participação no Curso de Formação Continuada – Pró-Letramento. Dessa forma, pude analisar os diferentes processos formativos percorridos pela alfabetizadora ao longo de sua vida, principalmente os processos formativos construídos ao longo do curso.

Esta pesquisa teve como foco investigativo compreender, por meio das narrativas (auto)biográficas, como a literatura infantil influenciou as trajetórias formativas de uma professora de classe multisseriada a partir de sua participação como tutora no Programa Pró-Letramento. Como objetivo específico, foi o de verificar a repercussão do curso de Formação Continuada em relação ao trabalho com a literatura infantil no meio rural, mais especificamente em classes multisseriadas.

A pesquisa foi realizada com uma professora de classe multisseriada participante do Curso de Formação Continuada Pró-Letramento, residente na Cidade de Boqueirão do Leão/RS que fica aproximadamente 217 (duzentos e dezessete) quilômetros da Cidade de Santa Maria/RS. A colaboradora da pesquisa leciona na Escola Municipal de Ensino Fundamental Oreste Danieli e será apresentada, nesta pesquisa, no subcapítulo subsequente. Cabe ressaltar que a coleta desta investigação adentrou a participação da professora em outro Curso de Formação Continuada, intitulado “Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – Modulo Alfabetização/Linguagem”.

Antes da escolha, devido à necessidade de aprovação do projeto no Comitê de Ética e Pesquisa da UFSM (posteriormente, aprovado sob o número 09889813.7.0000.5346, Anexo E), precisei pedir à Secretaria Municipal de Boqueirão do Leão uma autorização institucional para a realização da pesquisa, conforme Anexo F.

### 3.2 A colaboradora da pesquisa: memórias sobre o “tempo de infância”

*Os contos e as histórias da nossa infância são os primeiros elementos de uma aprendizagem que sinalizam que ser humano é também criar as histórias que simbolizam a nossa compreensão das coisas da vida. As experiências, de que falam as recordações-referências constitutivas das narrativas de formação, contam não o que a vida lhes ensinou mas o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida (JOSSO, 2004).*

Narrar sobre o “tempo de infância” não é apenas contar sobre uma época que ficou para trás, uma época em que os cadernos dos irmãos mais velhos eram usados para criar histórias, a pipa de vinho guardada no porão de casa sediava a emissora de rádio criada pela professora, um pedaço de madeira se transformava em quadro negro e o carvão em giz. Dessa forma, as memórias sobre o “tempo de infância” foram sendo lembradas e [re]significadas pela colaboradora da pesquisa ao longo do trabalho. Nesta direção os estudos de Josso (2004, p. 43), reiteram a importância da retomada das memórias da infância afirmando que: as histórias da nossa infância revelam aprendizagens significativas ao longo da vida e sinalizam que ser humano é também criar as histórias que simbolizam a nossa compreensão sobre as coisas da vida.

A professora Noeli Catharina Danieli, colaboradora da pesquisa, nasceu na cidade de Lajeado, no dia 11 de Fevereiro de 1962, em uma pequena localidade chamada Arroio Galdino. Noeli nasceu e foi criada no interior, com uma vida simples e humilde sempre ajudou os pais e precisou trabalhar para concretizar seu grande sonho: ser professora. Apesar das dificuldades, Noeli foi criada em um ambiente de muita harmonia familiar.

Aos 24 anos, iniciou sua carreira profissional tão sonhada como professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Oreste Danieli, na mesma localidade em que nasceu e na escola em que estudou até a 3ª série, atuando como professora unidocente<sup>8</sup> com turmas de 1ª a 4ª série. Atuou 27 anos como professora unidocente, percorrendo outras duas escolas rurais. Atualmente, com 49 anos de idade, 27 anos na docência e 27 anos trabalhando com alfabetização, permanece atuando na escolinha em que foi alfabetizada. Com convites para trabalhar na Secretaria Municipal de Educação do seu Município, Noeli Catharina Danieli resiste e coloca que vai permanecer para sempre em sala de aula. A paixão por ser professora

---

<sup>8</sup> O professor unidocente assume as demais funções da escola, ficando responsável pela limpeza, pelas ações da secretaria como matrícula, boletins, transferências e tudo mais que se fizer necessário (RODRIGUES, 2009).

contagia aqueles que conhecem sua história de vida, uma história repleta de desafios, mas com uma dedicação imensa para ser e permanecer professora.

Em 1987, Boqueirão do Leão/RS emancipou-se de Lajeado/RS e a localidade de Arroio Galdino ficou pertencendo ao novo Município. A busca de tornar-se independente de Lajeado começou em 1982, e o sonho tão esperado pelos líderes comunitários foi consolidado seis anos depois. O plebiscito, realizado no dia 20 de setembro de 1987, foi favorável à emancipação, tornando o Distrito um Município, consagrado pela Lei Estadual nº 8.458 de 8 de Dezembro de 1988<sup>9</sup>. Abaixo trago uma imagem retirada do Google Maps, da Cidade de Boqueirão do Leão/RS.

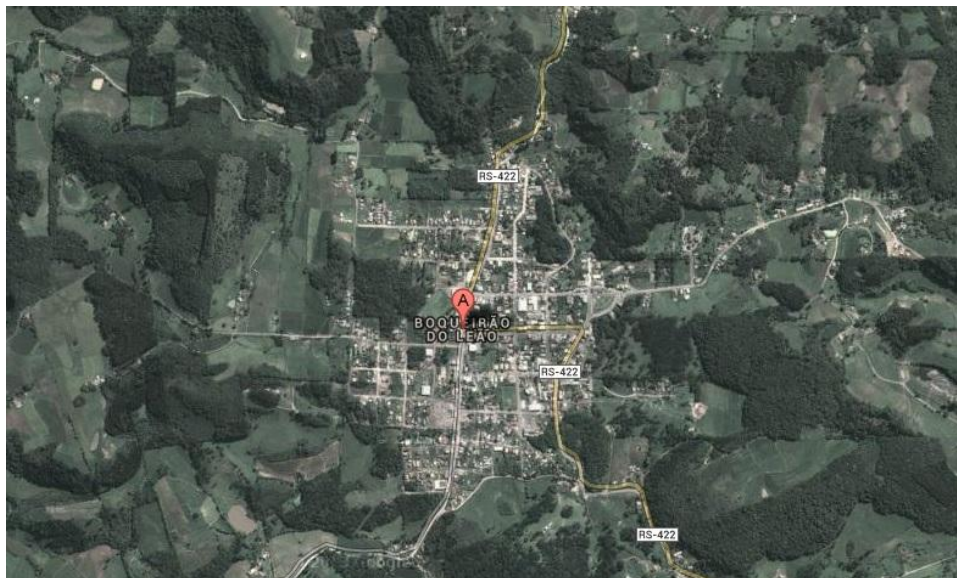


Figura 13 – Município de Boqueirão do Leão/RS

Fonte: Google Maps – Disponível em: <https://maps.google.com.br/> Acesso em: 30 de Outubro de 2013.

A interlocutora da pesquisa nasceu e viveu sua infância em uma localidade, uma *“região montanhosa, coberta por muitas matas virgens e um relevo abrupto, com profundos vales e com uma população aproximada de 7.200 habitantes dos quais 75% são de origem italiana e a grande maioria são da zona rural”* (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).

---

<sup>9</sup> Informações disponíveis em: <http://www.boqueiraodoleao.rs.gov.br/php/home.php> Acesso em: 30 de Outubro de 2013.

Um lugar com lindas paisagens, matas virgens e vales profundos, mas um lugar um tanto esquecido onde tudo era muito restrito e de difícil acesso, conforme relata a interlocutora da pesquisa na sua autobiografia.

*Vivíamos isolados do mundo, mas com muita paz, alegria, amizades e em contato direto com a natureza e com alimentos saudáveis. Tirando essas relíquias, aponto o oposto, pois nem tudo era perfeito. Havia muitas dificuldades e uma carência na área da saúde e da educação. Não havia hospitais, dentistas e a escola ficava bem longe de casa, os professores vinham de outros municípios e não ficavam por muito tempo na mesma escola e ainda só atendiam até a 4ª série (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).*

Apesar das dificuldades vividas naquela época, principalmente, pela localização geográfica do município e pelo difícil acesso à localidade, Noeli traz ainda, nas suas lembranças, a alegria de uma vida familiar bonita e harmônica: “(...) *sempre fomos uma família muito unida, alegres e companheiros nos bons e maus momentos*”. Filha de agricultores de origem italiana, com 9 irmãos, 7 vivos e 2 mortos, passou, junto com sua família, por muitas dificuldades: aspectos financeiros, falta de comércio na região, pouco acesso à hospitais, escolas, serviços de bancos e faculdades. Esses obstáculos vivenciados na época da sua infância não impediram a construção de uma vida familiar sólida e unida.

Nesse momento é importante ressaltar que, por meio das lembranças da infância, vão emergindo detalhes que compõem cenas vividas pela professora em um ambiente familiar harmônico. A família, os irmãos, o pai e a mãe, são pessoas marcantes nas memórias trazidas pela professora. As “[...] histórias que falam de pessoas na vida de cada professora [...]” são presenças que fogem dos retratos e estão fortemente costuradas nas palavras e nos atos daquele que narra a sua história (DIAS, 2002, p. 100).

A participação do pai e da mãe, em relação às suas primeiras imersões no mundo da leitura e da escrita, foi substituída pela forte presença dos seus irmãos mais velhos.

*Eu observava e me encantava com os desenhos, com as poesias que eram decoradas e com aqueles traçados chamados de “ABC”. Quando meus irmãos terminavam o caderno davam para mim e eu navegava nas escritas e nos desenhos e fazia de conta que lia, criando histórias. Também brincávamos de “escolinha” em que para escrever usávamos um pedaço de madeira e carvão e ali ficávamos horas brincando, riscando paredes e assim eu convivia com os números e as letras. (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).*

*(...) tudo que eles escreviam, os cadernos que eles não usavam mais, era tudo meu, era o único meio que eu tinha de acesso à escrita. A gente como morava bem no interior, não tinha acesso, meios de comunicação não tinha, energia elétrica não tinha, rádio só a pilha, então a gente assistia pouco, porque era muito caro. Então montamos uma emissora de rádio no porão de casa numa pipa de vinho que meu*

*pai não usava por ser muito grande. Eu entrava na pipa e era a radialista desenvolvendo a oralidade e também eu cantava músicas. Como a pipa era fechada o som era muito legal, pois emitia eco.* (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli).

As recordações do “tempo de infância” da colaboradora da pesquisa - o modo como narra suas brincadeiras com os irmãos, os primeiros contatos com o mundo da escrita e suas aventuras vivenciadas na casa onde nasceu - remetem minhas lembranças para palavras valiosas do nosso grande escritor brasileiro: Paulo Freire (2011). Em sua obra, “A importância do ato de ler”, o autor narra sobre o modo como ele próprio foi se aproximando da leitura da palavra.

A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – sítio das avencas de minha mãe – o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto [...] se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia apreendendo no meu trato com eles e nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais [...] (FREIRE, 2011, p. 21).

Nessa narrativa, o autor revela não somente detalhes marcantes da sua infância, mas procura evidenciar a importância do período que antecede a escolarização, descrevendo lembranças de como se aproximou da leitura da palavra.

De acordo com Freire (2011, p. 24), “a leitura da palavra foi a leitura da palavra mundo”, foi através da leitura dos “textos”, das “palavras” e das “letras” do seu contexto que ele se aproximou da leitura da palavra. Comparando ao contexto vivenciado pela professora Noeli, ao longo da sua infância, ela também possibilitou que ela adentrasse no mundo da palavra escrita antes mesmo do processo de escolarização. Foi no convívio com os irmãos mais velhos que ela teve suas primeiras aproximações com a “leitura da palavra”, em que os cadernos velhos dos irmãos representavam muito mais do que folhas rabiscadas, eles foram mediadores de histórias, poesias, desenhos, enfim, mediadores de palavras, de leituras e de escritas.

Desse modo, é possível observar que as lembranças das primeiras aproximações com as escritas e as leituras dos irmãos mais velhos e das brincadeiras realizadas quando criança, perpassaram sua infância e permanecem vivas na sua história, quando recontada e/ou [re]significada, representando um espaço-tempo em que aprendizagem pode acontecer. O encanto “*com os desenhos, com as poesias (...) e com aqueles traçados chamados de ‘ABC’*”

instigaram na professora Noeli a vontade de conhecer um mundo novo, um mundo no qual a escrita possibilita conhecer outras referências.

Mesmo sem conhecer as letras que estavam expressas nos cadernos dos irmãos, a interlocutora da pesquisa “*navegava nas escritas e nos desenhos e fazia de conta que lia, criando histórias*”. Antes de ler formalmente, a criança já se encanta pela fantasia das palavras, pelo formato das letras e pelos desenhos, que possibilitam a entrada da criança no universo da oralidade. As histórias contadas e/ou cantadas vão fazendo parte do universo infantil, com ouvidos atentos, olhos paralisados e mente movimentada, as crianças penetram em um mundo repleto de sonhos e imaginações (RITTER, 2009).

Desse modo, cabe destacar o importante papel do incentivo desde cedo à leitura, que surge aqui como uma possibilidade de criação e imaginação. “A leitura vai, portanto, além do texto e começa antes do contato com ele. Ela se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido, seja ele escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento” (BARCELOS et al, 2010, p. 197). Ler não é simplesmente decifrar letras, códigos e sinais, ler não é agregar palavras do autor dentro da memória, mas sim é sonhar, imaginar, recriar e recontar a sua própria história, a sua própria palavra sem medo de arriscar.

Como já destacava Freire (2011, p. 29) “[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra”. Ler a palavra significa adentrar em um universo formal, cultural, social, mas essa não existe antes da leitura do mundo, da leitura do contexto e das pessoas que estão ao nosso redor. Foi complexa a entrada da colaboradora da pesquisa no mundo letrado, principalmente porque na infância, junto à pequena localidade do interior, ela relata o difícil acesso aos meios tecnológicos, às formas de comunicação e até mesmo aos materiais letrados.

*O contato com a leitura e a escrita antes de frequentar a escola, foi pouco e pobre, mas não inexistente, pois não posso dizer que não convivi com algumas dessas práticas. Sempre demonstrei muito interesse e encantamento pelas escritas. Recortava embalagens de produtos e remédios, recolhia desenhos e até cortava os cadernos dos meus irmãos, colocava num saquinho de açúcar para brincar, era só deixar a vista e ter posse de uma tesoura que eu detonava tudo. Mesmo antes de começar ir para a escola eu já afirmava com muita convicção que eu iria ser professora (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).*

*(...) E eu sempre queria ser a professora, mesmo que meus irmãos sabiam muito mais que eu, porque eles iam primeiro na escola, eu era a professora. Não importava, nem que eu mandava fazer uns risquinhos, mas eu brigava, a professora era eu. Então desde dali né, eu sempre quis ser professora, desde muito cedo (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli).*



O desejo de ser professora, marcado na narrativa, estava presente desde sua infância, e, apesar das dificuldades e das carências, daquela época, o material letrado sempre esteve presente no seu processo de desenvolvimento. Nesta direção os estudos de Frade (2003) indicam que o contato da criança com o texto, com múltiplas leituras, com materiais que envolvam o letramento, torna-se um ponto importante no processo de aprender a ler e a escrever. É nesse processo, de intimidade com os diversos textos, que a criança cria possibilidades de descobertas espontâneas, que faz interferências correspondentes à grafia e à sonoridade. Essas interferências proporcionam ao sujeito uma maior intimidade com o mundo da leitura e da escrita, possibilitando uma interpretação que vai além das palavras presas no papel, ampliando suas compreensões de mundo vivido.

Para Kramer (1998, p. 4), “O leitor se constrói, pois, de forma complexa, nas práticas de leitura, com gestos, materiais impressos, desejo de ler, pelo contato físico e íntimo com o livro”. Desse modo, a concepção de leitor abrange leituras distintas inseridas num contexto com práticas diferenciadas, em que a heterogeneidade marca um universo múltiplo de leitores.

É possível afirmar, a partir dos excertos autobiográficos e da entrevista narrativa, que a aproximação com as leituras, escritos e desenhos dos irmãos mais velhos contribuiu significativamente para a escolha profissional da colaboradora e, mais tarde, para que a mesma se reconstruísse como formadora de outros professores.

As considerações trazidas pela professora Noeli, ao longo da sua narrativa de vida, possibilitam compreender que a lembrança depende dos significados que o narrador atribui às suas experiências de vida; o narrador vai evidenciar o que mais lhes dá sentido. Neste sentido, Fischer (2011) destaca que é importante considerarmos o que foi lembrado, porque o que foi lembrado é o que hoje recebe algum sentido. Assim, as marcas de infância que foram significativas no percurso da sua vida, foram lembradas e rememoradas pela colaboradora da pesquisa nesse momento.

## **4 MEMÓRIAS, NARRATIVAS, HISTÓRIAS DE VIDA: RECONSTRUINDO TRAJETÓRIAS FORMATIVAS**

*Amarrada ao presente de sua enunciação, ao mesmo tempo meio e fim de uma interação, a narrativa de vida nunca é “de uma vez por todas”; ela se reconstrói a cada uma de suas enunciações e reconstrói com ela o sentido da história que enuncia (DELORY-MOMBERGER, 2008).*

Busco, neste capítulo, discutir aspectos relacionados à escrita da narrativa e às suas implicações como prática de formação ao longo da trajetória de vida de uma professora alfabetizadora do meio rural. Ao centrar essa discussão na narrativa como prática de formação a partir do estudo com histórias de vida busco amparo teórico em Josso (2004), que denomina essa prática como: narrativa (auto)biográfica ou narrativa de formação. Sendo assim, a autora compreende que o trabalho com narrativas de formação possibilita a compreensão de memórias e histórias de escolarização de professores que estão em processo de formação, reconhecendo esse recurso metodológico como fértil para as pesquisas na área da educação.

No entendimento de Abrahão (2010), as narrativas (auto)biográficas de formação possibilitam que as pessoas universalizem suas experiências, narrem suas ações, revelando influências que tiveram ou exerceram, tanto na atuação profissional como na trajetória da sua vida e como essas vivências, através de um processo autorreflexivo, foram transformadas em experiências de formação.

Souza (2006), amparado teoricamente por estudos de Dominicé (1988), coloca que a experiência construída através da história da escolarização pode apresentar contribuições relevantes para os estudos e pesquisas sobre formação de professores e pesquisas que investigam as práticas pedagógicas vivenciadas pelos alunos e/ou professores em formação. Dessa forma, este trabalho surge com o intuito de fomentar as discussões acerca das narrativas de formação, possibilitando que uma professora de classe multisseriada possa narrar sua trajetória de vida e, nesse percurso, possa adentrar em um processo constante de autoformação.

Para isso, foi fundamental que se estabelecesse uma relação de confiança mútua entre a colaboradora da pesquisa e mim (a pesquisadora), para que a história fosse contada, sem medos e barreiras. História de vida que, costurada a outras histórias, constrói sentidos tanto para a vida quanto para a profissão.

O entendimento construído sobre a história de vida como um relato oral ou escrito, recolhido através de entrevista, de diários pessoais, autobiografias e demais fontes de recolha de informações, objetiva compreender uma vida, ou parte dela, como possível para reconstruir processos históricos e socioculturais vividos pelos sujeitos em contextos diferenciados (SOUZA, 2006, p. 137).

Com base em estudos de Pineau (1999), em seu texto *Experiências de Aprendizagem e Histórias de Vida*, Souza (2006) discute sobre a diferenciação terminológica apresentada pelo autor, que evidencia quatro categorias: a biografia, a autobiografia, os relatos orais e as histórias de vida.

Desta classificação apreendo os seguintes conceitos: a biografia como “escrito da vida do outro” (p. 343) inscreve-se numa abordagem denominada como abordagem biográfica [...]. A autobiografia expressa o “escrito da própria vida” caracterizando-se como oposta à biografia, porque o sujeito desloca-se numa análise entre o papel do vivido de ator e autor de suas próprias experiências, sem que haja uma mediação externa de outros (SOUZA, 2006, p. 138).

Dessa forma, Souza (2006) compreende que a abordagem biográfica e a autobiografia das trajetórias de formação inscrevem-se na abordagem epistemológica e metodológica. Além disso, entende, por meio das experiências de vida em formação, que essa abordagem de pesquisa constitui-se como processo formativo e autoformativo. Complementa ainda escrevendo que “[...] esta abordagem constitui estratégia adequada e fértil para ampliar a compreensão do mundo escolar e de práticas culturais do cotidiano dos sujeitos em processo de formação” (p. 138-139).

Pierre Domincé (1988) define a abordagem biográfica como “biografia educativa”, por adentrar na trajetória educativa do sujeito. Josso (2004) reconhece a abordagem biográfica como “biografia formativa”, visto que, nesse processo, o sujeito entende o sentido da autoformação através das lógicas de apropriação e transmissão de saberes que viveu no decorrer da vida.

A utilização do termo História de Vida “[...] corresponde a uma denominação genérica em formação e em investigação, visto que se revela como pertinente para a autocompreensão do que somos, das aprendizagens que construímos ao longo da vida e das nossas experiências [...]” (SOUZA, 2006, p. 139). Além disso, torna-se relevante no momento em que instiga um processo de autoconhecimento, que o sujeito, ao rememorar sua vida, pode atribuir diferentes significados aos fenômenos que tecem sua história individual/coletiva.

A História de Vida possibilita que o pesquisador construa saberes que não estão presentes nos livros, mas sim na história de vida pessoal e coletiva de cada sujeito. Conforme Feller (2008):

Entender a História de Vida requer perceber as emoções, as marcas pessoais, que passaram, por muito tempo, despercebidas, mas que, agora, fazem parte da história, e dão respostas a muitas questões educacionais. A História de Vida é uma possibilidade de recordar o passado e reconstruir o presente e o futuro das práticas e das demais ações educativas (FELLER, 2008, p. 30).

Feller (2008), com suas palavras, procura valorizar a vida das pessoas através do emprego do método História de Vida, destacando que, a partir das marcas pessoais e profissionais da vida de alguém, podemos compreender e discutir questões educacionais e reconstruir, no presente e no futuro, práticas educativas mais críticas e reflexivas.

Ao trabalhar com metodologia e fontes (auto)biográficas, o pesquisador aprofunda-se em “(...) uma realidade social multifacetária, complexa, socialmente construída por seres humanos que vivenciam a experiência de modo holístico e interrelacionado, em que as pessoas estão em constante processo de autoconhecimento” (ABRAHÃO, 2004, p. 203).

A pesquisa (auto)biográfica utiliza-se de diversas fontes de investigação: narrativas de vida, história oral, fotografias, vídeos, filmes, documentos, memoriais, diários, acima de tudo utiliza-se do exercício da rememoração, por excelência. É a partir do movimento da rememoração que o narrador tem a possibilidade de (re)construir sua subjetividade, (re)significar sua vida e suas construções pessoais e profissionais que envolvem a sua trajetória. A rememoração é um componente essencial no trabalho do pesquisador, é a partir desse processo que o pesquisador pode interpretar e compreender os elementos importantes para a análise das narrativas dentro da investigação (ABRAHÃO, 2004).

Em relação à interpretação das informações que surgem através das Histórias de Vida, Souza (2006) contribui dizendo que a abordagem biográfica aproxima-se das identidades e das subjetividades de narrativas autobiográficas. Desse modo, cuidados metodológicos são necessários para o recolhimento das fontes. “Isso significa dizer que não deve existir controle por parte do pesquisador, porque parte da compreensão dos sentidos e das experiências vividas pelo sujeito-narrador, a partir de suas vivências individual e coletiva” (SOUZA, 2006, p. 140).

Nesse sentido, é importante ressaltar que o trabalho com narrativas de vida envolve aspectos de ordem emocionais, sociais e histórico-culturais da vida de alguém, aspectos que

não podem ser traduzidos em dados exatos e acabados, mas sim interpretados a partir de uma análise cuidadosa e ética.

Nessa tradição de pesquisa, o processo investigativo deve ser caracterizado, segundo Abrahão (2006, p. 154), em “fazer surgir histórias de vida em planos históricos ricos de significado, em que afluam, inclusive, e muito especialmente, aspectos de ordem subjetiva”. Com base nesse entendimento, percebo a importância da relação que deve se estabelecer entre colaborador e pesquisador. O pesquisador é mais do que simples receptor de informações, a ele serão narradas histórias de cunho subjetivo, histórias que envolvem uma trajetória de vida implicadas numa carreira única, individual e repleta de acontecimentos coletivos.

A pesquisa (auto)biográfica é constituída por narrativas em que se “desvelam trajetórias de vida”. Nesse processo de construção da narrativa, aquele que narra sua trajetória tem a possibilidade de refletir sobre sua própria vida, analisar sua história e buscar a compreensão de si mesmo, mergulhando em um processo de (auto)conhecimento (ABRAHÃO, 2004).

No entendimento de Delory-Momberger (2008, p. 37), “É a narrativa que confere papéis aos *personagens* de nossas vidas, que define posições e valores entre eles; é a narrativa que constrói, entre as circunstâncias, os acontecimentos, as ações, as *relações* de causa, de meio, de finalidade”. É por meio da narrativa, oral ou escrita, que nos tornamos “os *recitantes* de nossa vida”, inscrevendo-nos na história e na cultura. “(...) as histórias que contamos de nossa vida, *se escrevem* sob as condições sócio-históricas da época e da cultura (das culturas) às quais pertencemos”. Assim, a partir dos escritos que fazem as narrativas da vida, podemos conhecer a história e o contexto de outras épocas, de outras culturas, de outros povos, enfim, viajar por uma história que foi biografada por alguém.

Na escrita da narrativa, a “arte de lembrar” impulsiona o sujeito a refletir e avaliar a importância das representações sobre sua identidade, sobre as práticas formativas percorridas ao longo da sua trajetória, sobre situações que marcaram escolhas e questionamentos sobre suas aprendizagens (SOUZA, 2006, p. 143). No momento da rememoração, o sujeito tem a possibilidade de rever seus passos, de refletir sobre suas ações, e ao evocar lembranças e recordações sobre suas experiências de vida, busca trazer para a narrativa, episódios que marcaram escolhas e que fizeram sentido para sua história.

A escrita da narrativa, conforme Souza (2006), congrega e carrega experiências diversas, através das escolhas de quem narra, das dinâmicas e singularidades de cada vida. A construção do texto narrativo possibilita que o sujeito em formação reviva o passado e, a partir disso, viva um processo de autotransformação.

Nesse percurso de narrar-se, existe uma relação entre memória e esquecimento, entre aquilo que será dito nas histórias individuais e coletivas do sujeito e aquilo que não será dito. Essa relação marca dimensões formativas entre vivências e lembranças que constituem identidades e subjetividades, potencializando apreensões sobre as práticas formadoras. Conforme Souza (2008, p. 97), “o não-dito vincula-se às recordações e não significa, necessariamente, o esquecimento de um conteúdo ou de uma experiência”. Por isso, o trabalho com a narrativa de formação exige do pesquisador um projeto investigativo, um olhar cuidadoso e mútuo com o sujeito envolvido. O pesquisador precisa dialogar com a subjetividade de cada sujeito, percebendo, nas entrelinhas um olhar, um gesto, um suspiro, que, muitas vezes, calam-se nas palavras do sujeito “investigado”. Desse modo, nem sempre o não dito vincula-se ao esquecimento e sim às recordações menos significativas ou que marcaram aspectos negativos na vida do sujeito-narrador.

O sujeito identifica as experiências significativas e formadoras que marcaram a sua história de vida, buscando uma compreensão sobre si, e remete a narrativa para uma incompletude, pois a entrada da escrita não tenciona abraçar a totalidade das vivências e aprendizagens formadoras do sujeito, mas sim, aquilo que cada um elegeu como conhecimento de si e como formador na sua vivência pessoal e social (SOUZA, 2006).

A partir da abordagem (auto)biográfica, amplia-se a possibilidade de aproximação com a memória que se constitui como principal fonte de informações para o trabalho com narrativas de vida em formação. A memória permite que a relação presente/passado intervenha no processo atual das representações. Por meio da memória, o passado não somente ressurgiu, mas entrelaçasse com as percepções atuais de ver o mundo e as coisas (BOSI, 1994).

A força da memória, segundo Fischer (2011), pode provocar o renascimento de fatos altamente significativos, tanto para a constituição do autoconhecimento do sujeito que narra como para o pesquisador que investiga narrativas ricas em vivências individuais e coletivas. Assim, “[...] somos todos constituídos a partir de histórias e reminiscências transmitidas de geração em geração. Só porque temos a capacidade de lembrar é que somos o que somos” (FISCHER, 2011, p. 17). Essas lembranças possibilitam conhecer e compartilhar histórias de outras épocas, histórias que carregam em si uma vida rica em experiências de tempos que não voltam mais, a não ser que esses “tempos” estejam guardados no fundo da memória e possam ser narrados através de pesquisas que tornem público o trabalho com narrativas de formação.

#### 4.1 Lembranças de Escola: memórias que o vento ainda não levou

*Perguntei-me repetidas vezes, inspirada pelo poeta Manoel Barros, sobre palavras e lembranças, ou sobre como narramos lembranças por meio de palavras, ou como nos valem de palavras para evocar lembranças. A escola é um lugar de muitas vivências, muitas palavras, silenciosas ou estridentes. Que sons, palavras, lembranças habitam nossas reminiscências mais remotas ou nem tanto da escola?(STEPHANOU, 2011)*

A partir de uma aproximação com a História de Vida da professora alfabetizadora envolvida na pesquisa, busquei conhecer e relatar suas lembranças de escola que, de uma forma ou de outra, contribuíram na sua formação pessoal e profissional. Essas lembranças foram narradas por meio de palavras que evocaram lembranças de lugares, de pessoas, de vivências, de contextos que ainda persistem na memória. Realmente a escola é um lugar de muitas lembranças, nem todas são alegres, nem todas são tristes, algumas estão inquietas na nossa memória e outras já foram apagadas pela “poeira” do tempo que passou.

Conforme Antunes (2005, p. 26-27), a memória torna-se um elemento importante no processo formativo dos professores, principalmente pelo fato das ações docentes estarem costuradas às lembranças escolares. Essas lembranças trazem consigo uma força que intensifica o ser e o sentir-se professor.

Busquei, dessa forma, uma aproximação com as lembranças vinculadas ao tempo de escolarização: do período de alfabetização, dos antigos professores, dos Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, que fizeram parte da trajetória de vida da professora.

A professora Noeli Catharina Danieli inicia sua vida escolar no ano de 1968, em que com 7 anos de idade entrou no 1º ano do Ensino Fundamental. Noeli, ao relembrar o início da sua vida escolar, destaca os momentos que marcaram fortemente essa fase, momentos de muitas expectativas e decepções:

*Eu assim ó, de início no primeiro ano da minha escola eu tenho uma lembrança muito triste, né, era uma expectativa muito grande de começar a frequentar a escola e no primeiro ano fui reprovada. E essa professora que foi minha primeira professora, ela veio de Taquari, era uma pessoa super doente, então ela ia pra casa, as vezes ficava uma semana, cinco dias, sem retornar e ela tava o tempo todo sentada na sala de aula, ela tinha problema de saúde e coisa assim. Me lembro, aquele ano a maioria foi reprovado e eu fui uma delas (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli).*

*Então eu no primeiro ano da minha escolaridade eu tenho uma lembrança muito triste, sabe, aquilo pra mim foi a gota d'água, eu fui reprovada. Eu lembro que a professora morava lá em casa, porque como eles vinham de fora, eles permaneciam numa família e assim pra mim foi muito triste, porque eu tinha ela dentro de casa, pra mim foi um choque. Eu fui reprovada no primeiro ano, e isso eu guardo sempre, eu lembro todas as lembranças, eu lembro minhas lágrimas, quando eu cheguei em casa eu chorei tanto, tanto (Entrevista narrativa, Noeli Catharina Danieli).*

Para a colaboradora Noeli, as lembranças do início da escolarização retratam como foi difícil esquecer a sua entrada na escola, primeiramente pelas representações positivas construídas em seu imaginário sobre a escola e depois pela destruição dessas representações pela sua professora. Sua fala marca ainda a experiência da reprovação no primeiro ano do Ensino Fundamental, bem como a lembrança negativa da sua primeira professora. Segundo Antunes (2010, p. 36), “A lembrança da primeira professora, para uma alfabetizadora, faz com que muitos elementos significativos do processo de ser e torna-se professor sejam recordados e refletidos”. Esses, portanto, podem prevalecer por toda a vida ou serem [re]significados ao longo da profissão.

A curiosidade de frequentar a escola e as expectativas construídas na infância de Noeli começam a ser preenchidas por discursos dogmáticos e representações autoritárias, principalmente ao recordar-se da sua primeira professora. “O mundo simbólico que a criança construiu a respeito da escola vai gradativamente sendo extinto no seu imaginário” (ANTUNES, 2011, p. 58). A escola com balanços e árvores frutíferas vai dando lugar à escola de cimento, as classes pequeninas vão sendo substituídas por enormes cadeiras enfileiradas, o desejo de aprender a ler e a escrever vai sendo substituído por normas rígidas de obediência. A escola, que deveria ser um espaço/tempo de onde se guardassem lembranças felizes e prazerosas acaba mantendo significações instituídas de práticas autoritárias embasadas no medo (ANTUNES, 2011). Essas práticas, muitas vezes, acabam limitando a representação positiva sobre a escola construída pelas crianças ao longo da infância.

Ao recordar sobre a sua primeira professora, Noeli traz lembranças tristes, pois percebia que a professora não se mostrava comprometida com os alunos e com a aprendizagem, resumia-se a uma pessoa doente e com mínimas expectativas de ensinar. O estranhamento com a professora torna-se uma experiência negativa pelo fato de viver e conviver com ela no ambiente familiar, pois a docente permaneceu hospedada em sua casa, na localidade de Arroio Galdino, em função da distância do município sede (Lajeado). A colaboradora compartilhou, ao longo da sua narrativa, que antigamente os professores vinham de cidades próximas à comunidade para exercer sua docência, mas em virtude das precárias



estradas, precisavam se hospedar na casa dos alunos. As famílias recebiam os professores com muito zelo, eles representavam uma figura importante no convívio familiar.

Na história de vida da colaboradora, é possível perceber as marcas deixadas por sua primeira professora, que foram desde palavras ásperas, até a expressão fechada com que ela convivia com os alunos. Essas marcas a fizeram chorar e estão guardadas na sua memória através de configurações autoritárias, impositivas e individualistas de se pensar educação.

Quanto ao modo como a primeira professora ensinava, observa-se uma influência muito forte do método tradicional, um método rígido e nada flexível. Isso pode ser observado no seguinte trecho da fala da colaboradora:

*Ela chegava na sala de aula, eu lembro assim no primeiro dia que eu entrei na sala de aula, ela pegou o giz, foi pro quadro e colocou as vogais todinhas no primeiro dia, sabendo que a gente vinha do interior e não sabia nem pegar um lápis na mão. Ela colocou A, E, I, O, U, com letra cursiva e tu tinha que copiar e ela dizia tudo junto AEIOU. Isso eu lembro como fosse hoje, e por isso a maioria foi reprovado aquele ano e eu fui uma delas (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli).*

Ao longo do relato, a colaboradora também dirigiu seu olhar à forma metodológica adotada pela professora, que já, no primeiro dia, colocou as vogais no quadro, com letra cursiva, sem preocupar-se com o nível de desenvolvimento do aluno e com o contexto que eles estavam inseridos. Por pertencerem ao meio rural, muitas vezes, têm pouco acesso ao mundo letrado, às formas de comunicação, e até mesmo ao novo universo escolar. A letra cursiva, uma forma de escrita com um único traço, esteve presente na vida de Noeli antes mesmo das impressas, “letras de forma”. Nesse processo aligeirado e complexo presente já na infância da colaboradora, a professora tornou invisível parte do desenvolvimento das crianças demonstrando, na sua prática, a incapacidade de aceitar as diferenças e os limites dos alunos.

Nesse contexto, é relevante pontuar que a cultura escolar, além de controlar a aprendizagem dos alunos, também controla a construção de um corpo material por meio da escrita. Atitudes como a postura do aluno quando senta, a maneira de como pega ou não pega o lápis, o tipo e o formato de letra usados e o ritmo com que cada criança aprende são atitudes demarcadas e controladas pela escola. Além disso, a escola reduz as palavras em frases sem sentido, e ao fazer isso, paralisa o imaginário infantil com ideias aprisionadas nas cartilhas e livros didáticos (KRAMER, 2000).

Hoje, a partir do lugar que ocupa a colaboradora, é perceptível, nas suas palavras, a relevância que representa, para um aluno de escola rural, considerar as especificidades, os

saberes do lugar e as vivências cotidianas do espaço rural, trazendo-as para as práticas de sala de aula.

Apesar dos reflexos de uma educação tradicional do seu período de alfabetização e de uma experiência negativa ao lembrar sua primeira professora, houve também marcas positivas nesse tempo, ao recordar do segundo professor como aquele que lhe proporcionou muitos ensinamentos e contribuiu para sua caminhada frente às novas experiências de vida.

*Este professor era muito exigente, e muito comprometido com a aprendizagem dos alunos (...) nos ensinou muitas coisas desde respeito, valores, compromissos, higiene e nos motivava com atividades prazerosas como músicas, teatros, brincadeiras e leituras. Em três meses eu estava alfabetizada e lendo com muita fluência, tirando as melhores notas da escola (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).*

*No final do ano como prêmio das notas e do meu empenho, ganhei um livro do professor: era os “Três Porquinhos” e seu enredo era contado através de uma poesia com rimas. Este fora meu primeiro livro; que alegria que satisfação. Foi o melhor presente que ganhei e que marcou minha vida escolar, pois ainda hoje lembro cada detalhe, cada imagem, cada verso, estrofe e rima. Tudo isso permaneceu vivo na minha memória (44 anos depois) e com certeza foi muito significativo para resgatar o ânimo e o gosto pelos estudos (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).*

*E o prêmio que eu recebi foi um livro, foi um livro de leitura dos Três Porquinhos em forma de uma poesia. Eu lembro ainda hoje todo o enredo da história, das rimas. Porque aquilo me marcou tanto que foi o primeiro livro de leitura que eu tive na minha vida, era meu. Eu lembro que eu dormia com o livro embaixo do travesseiro e de tanto que eu lia eu acabei decorando, eu lia pro meu pai, pra minha mãe, eu lia pro meus amigos, a gente brincava de rádio, porque o rádio era novidade naquela época, então eu brincava e eu lia aquele livro na rádio, eu que era a apresentadora da rádio. Então aquele livro pra mim me marcou a vida toda. E esse professor era muito comprometido com isso, com as leituras, por isso que eu acredito que, eu sempre gostei muito de ler, incentivei sempre meus alunos a leitura graças a esse professor, foi ele que me incentivou e esse presente que ele me deu, esse livro, marcou a minha vida pra sempre. Depois disso eu nunca mais fui reprovada, sempre fui bem na escola. (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli).*

A maneira carinhosa de como a colaboradora da pesquisa narra seu segundo professor refere-se ao modo de ele ser comprometido e atencioso com a aprendizagem dos alunos, trazendo “*atividades prazerosas como músicas, teatros, brincadeiras e leituras*”, sendo assim uma realidade bastante diferente da vivenciada com sua primeira professora, que não demonstrava preocupação e afeto pelos alunos. Relata com orgulho que, em pouco tempo, já estava alfabetizada, lendo com muita fluência e tirando as maiores notas da escola. Conforme mencionado anteriormente, a colaboradora [re]significou as frustrações com a primeira professora e encontrou, na continuidade da busca pelo mundo da leitura e da escrita, um

incentivo, iniciado nos primeiros contatos com os irmãos mais velhos, para se tornar, mais tarde, professora.

Tal afirmativa é vista também quando ganha o primeiro livro. Noeli narra com muito carinho o primeiro livro que ganhou na sua vida, um livro que marcou sua infância, sua escolaridade, seus processos formativos e os ciclos de vida por que passa ou passou.

*Faz 45 anos que eu ganhei esse livro e se eu fecho os olhos hoje eu lembro cada detalhe, cada desenho do livro. No primeiro contato com o livro eu olhei os desenhos, e por ser uma história de porquinhos com árvores da minha realidade, eu fiquei encantada. Ele era bem colorido e os três porquinhos brincavam muito em árvores, e eu sempre brincava em árvores também, era a nossa brincadeira preferida. A árvore era oca e o lobo tinha colocado sabão no tronco, e os porquinhos entravam na árvore e resvalavam. A história era escrita em rima, tipo uma poesia, então eu gostei mais ainda, dei mais atenção por ser escrito em forma de poesia. Eu lembro a árvore, o tronco, o tamanho, as cores, isso quase 50 anos que eu ganhei esse livro, então, marcou muito minha vida. Essa é a marca que ficou do meu primeiro livro, esse era meu, eu conquistei esse livro e essa vitória a gente não esquece nunca mais (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli).*

Esse presente que ganhou do seu segundo professor, como prêmio por ser a melhor aluna da escola, trouxe marcas profundas na história da sua vida. Hoje ela lembra os detalhes, as imagens, os versos, as estrofes e as rimas do livro. *“Tudo isso permaneceu vivo na minha memória (45 anos depois) e com certeza foi muito significativo para resgatar o ânimo e o gosto pelos estudos”*. Ritter (2009) salienta a importância, quando se pensa em formar leitores, de lembrar que possuir um livro é passo fundamental nesse processo.

No entanto, no contexto vivenciado por Noeli, adquirir um livro de literatura infantil não era muito fácil, principalmente porque os pais precisavam comprar os materiais básicos para o início do ano escolar, e não sobrava dinheiro para investir em livros de literatura.

*Os meus pais não tinham condições de comprar livros para nós, pois naquela época eles precisavam comprar: caderno, lápis, borracha. Hoje as crianças do meu Município ganham esse material, o Município fornece tudo. O meu pai e minha mãe podiam apenas comprar o necessário, uma caixinha de lápis de cor, lápis, borracha e caderno. Livros nós não tínhamos (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli).*

Conquistar o livro dos Três Porquinhos oferecido pelo professor Mauro foi uma vitória na trajetória escolar da colaboradora. A partir da narrativa da professora Noeli, fica evidente o quanto esse livro foi importante na sua vida, trazendo significados e representações inesquecíveis ao longo da sua trajetória.

A leitura do livro literário faz-nos diferente, possibilita-nos viajar pelos sonhos e fantasias, permite-nos escrever de si, dialogar com o livro e não, sobre ele. A literatura infantil instiga o imaginário para a criação, para a busca de novos sentidos e significados fora do livro, assim, “professores que leem têm muito mais a contar, a dizer” (BARCELOS et al, 2010, p. 535).

O texto literário não tem uma finalidade preestabelecida, não precisa existir em função de algo ou com alguma finalidade, é necessário que ele apenas atribua sentido por aquele que lê. E aquele que o lê dialoga com diferentes áreas do conhecimento, enxerga o mundo com olhos críticos e sensíveis, “amplia a sua capacidade de compreensão e de reflexão sobre aquilo que lê, vê, e escuta” (BARCELOS, 2009, p. 536).

Para Barcelos (2009), o texto literário transita pelo universo íntimo de cada pessoa. Os anseios, os desejos, as incertezas podem estar expressas ou impressas no ato de ler e escrever obras literárias. Essas obras aguçam a curiosidade, os sonhos, o imaginário, inquietam mentes agitadas, despertam sensibilidades, e instigam a (auto)formação. Assim, concordo com o autor quando coloca que um texto literário, seja ele o poema, a narrativa, a obra infantil, pode ser mediador na formação de professores.

De acordo com Noeli, o livro que ganhou do seu professor foi o mais belo tesouro nas entrelinhas das suas vivências.

*Li este livro muitas vezes por dia. Dormia com ele embaixo do travesseiro como se fosse um tesouro. Decorei de tanto ler. Lia para minhas irmãs mais novas, para meus pais, avós, amigos e na rádio onde brincávamos (Autobiografia – Noeli Catharina Danieli).*

O fragmento acima me inquieta no sentido de que adquirir um livro, na época vivida por Noeli, nas condições descritas pela colaboradora ao longo do seu relato e no contexto rural em que vivia, não era tão comum. Para ela, o livro que ganhou do seu segundo professor trouxe significados valiosos para a história da sua infância, da sua escolarização e ao longo da sua formação como leitora. Ao deitar levava sua paixão pela literatura consigo. A paixão era tamanha que Noeli dava voz ao livro nas interações com as irmãs, com os pais, avós e amigos, sem esquecer-se de contar as histórias na emissora de rádio criada dentro de uma pipa de vinho no porão da sua casa. “*Eu entrava na pipa e era a radialista desenvolvendo a oralidade e também eu cantava músicas. Como a pipa era fechada o som era muito legal, pois emitia eco*” (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).

Assim, o seu primeiro livro foi cantando e encantando o contexto vivido por Noeli. “A entonação, o suspense, as pausas, as diferentes vozes para diferentes personagens, a suspensão, tudo busca apenas a atenção total daquele que ouve”. Contar histórias é partilhar carinho e troca, é partilhar com pequenos e adultos, poemas, cantigas, brincadeiras com palavras. Contar histórias é rememorar lembranças que estavam guardadas em algum canto da memória (RITTER, 2009, p. 38).

Junto a essa lembrança no tempo de escolarização, percebi o quão significativa foi a entrada desse professor na vida de Noeli, no sentido de resgatar algo que havia perdido em sua primeira experiência de escola: o amor e o gosto pelos estudos.

Dentre as lembranças de escola que Noeli destaca, em especial do professor Mauro, notei que os momentos (bons/ruins, positivos/negativos) contribuíram para sua formação como educadora e para suas práticas como alfabetizadora. Assim, relata: “(...) *incentivei sempre meus alunos a leitura graças a esse professor, foi ele que me incentivou e esse presente que ele me deu, esse livro, marcou a minha vida pra sempre*” (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli). Para Bosi (1994, p. 47), “a percepção concreta precisa valer-se do passado de que algum modo se conservou; a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade na nossa experiência adquirida”. Muitas das experiências passadas, como a vivenciada pela professora Noeli, contribuiu de uma forma ou de outra para as ações futuras. O livro que marcou sua vida no passado, hoje, constitui-se como o principal incentivador nas suas práticas presentes.

Conforme Passeggi (2006), os saberes provenientes das práticas autobiográficas envolvem um campo amplo de aprendizagens, sejam elas positivas ou negativas, possuem um significado relevante para quem as vivenciou. Nesse sentido, a autobiografia surge como um caminho possível para que os professores reflitam sobre suas práticas, destacando aspectos com possibilidades construtivas de autoformação.

Ao relatar sua trajetória até a 8ª série, Noeli retoma sentimentos de alegrias, tristezas, saudades e superações. Naquela época, as escolas atendiam até uma determinada série. Na escola da colaboradora, eram atendidos alunos até a 3ª série. Assim, para concluir o restante do ensino fundamental, a professora precisou sair de casa, conforme escreve na sua autobiografia:

*Concluí a 4ª série e como meu pai não tinha mais condições de pagar o transporte tive que com 12 anos sair de casa e ir morar em Vila Sério, trabalhar de doméstica nos turnos manhã e noite e estudar de tarde, somente pela pensão. À noite e nos finais de semana eu estudava, fazia meus trabalhos de aula e revisava os conteúdos.*

*Lia os livros exigidos pelos professores e alguns escolhidos por mim. Adorava ler os livros de Monteiro Lobato. (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).*

Os desafios vivenciados pela professora Noeli até a 8ª série foram sendo vencidos, a saudade foi sendo abafada pela vontade de estudar e o cansaço superado diante de tantas expectativas. A vontade, mesmo que incipiente, durante os primeiros anos de escola de vencer obstáculos e desafios, prevalece, ao longo da história de vida da colaboradora, tornando-a uma professora propositiva e incentivadora dos seus alunos ao longo da carreira.

Após concluir o primeiro grau e com o objetivo de cursar o segundo grau, Noeli, novamente precisou sair de casa, pois queria realizar seu sonho: “*ser professora como o professor Mauro, meu ídolo*”.

*Arrumei as malas e rumei a Lajeado. Os primeiros dias foram muitos difíceis, sentia uma solidão infinita e perdida diante de uma realidade totalmente diferente. Lembro que chorava muito, sentia muita saudade de meus familiares e do meu pequeno mundo. Ficava muitos dias até meses sem notícias de minha querida família, pois não tinha telefone nem correios. Também não pude cursar o tão sonhado Magistério por dois motivos: primeiro por ser uma escola particular e ser muito caro, segundo por ser somente um curso diurno (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).*

O distanciamento que sentiu da sua família e do seu “*pequeno mundo*” não fez com que Noeli desistisse dos seus sonhos. Com muitas dificuldades, precisando estudar e trabalhar para se sustentar, ela se mostrou uma mulher determinada, pois persistiu no sonho desejado.

Nesse momento da sua vida, Noeli traz, na sua autobiografia, outra lembrança que marcou sua trajetória: os primeiros contatos com a língua inglesa.

*Como nesta época, no interior, era comum os professores serem admitidos com 2º grau ou até com 8ª série, me matriculei num colégio estadual e concluí o curso de auxiliar de escritório. Sempre fui muito bem nas aulas, tirando as melhores notas. Mas sofri muito em inglês, pois nunca tive contato com nenhuma palavra em inglês até a 8ª série e não tinha o básico para acompanhar a turma que desde a 5ª série já tinham a disciplina. Minha sorte que a professora era muito legal e compreensiva e procurava me ajudar com trabalhos extras e assim graças a sua dedicação consegui aprovação nos três anos (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).*

Neste fragmento, Noeli traz à tona outra lembrança carinhosa dos mestres do passado, a professora de inglês, que “*era muito legal e compreensiva*” e não media esforços para ajudar os alunos superar suas dificuldades. Foi graças à ajuda dessa professora que Noeli conseguiu aprovação nos três anos cursados.

Em meio a tantos acontecimentos na trajetória do tempo de escola, as superações da saúde, do medo, da insegurança e do novo foram fazendo parte da construção das experiências formativas de Noeli. As lembranças dos professores e suas vivências como aluna fizeram, de uma forma ou de outra, diferença na sua atuação prática. As lembranças, sejam elas positivas ou negativas, interferiram de modo reflexivo na prática docente da professora.

Isso se remete à assertiva de que a abordagem biográfica possibilita compreender, de um modo global e dinâmico, as interações que foram acontecendo entre as diversas etapas de uma vida. A história de vida permite captar o modo como cada pessoa se transforma, o modo como cada pessoa vai dando forma e cor a sua própria trajetória de vida (MOITA, 2000).

Na arquitetura da memória, muitos dos professores que deixaram marcas em nossas vidas foram aqueles que de alguma forma nos tocaram, nos inquietaram, nos machucaram, nos indignaram, essas lembranças, muitas vezes, não esquecemos e para algumas pessoas não são apenas marcas, são sonhos desestruturados e embrutecidos pelo tempo.

Assim, muito daquilo que vivemos quando criança, na nossa infância e no nosso período de escolarização, constituiu-se como processos experienciais significativos dentro do âmbito da história de vida que, ao ser rememorada, exprime reflexões sobre o que somos hoje e sobre nossas referências de vida (OLIVEIRA, 2006).

#### **4.2 Processos Formativos: caminhos percorridos e desafios da docência**

*Estou a falar da necessidade de cada um se contar a si mesmo como modo de adquirir uma maior consciência do seu trabalho como educador (NÓVOA, 2009a)*

Neste momento, busquei aproximar-me dos processos formativos vivenciados pela professora Noeli, analisando os caminhos percorridos e os desafios da docência, desde a sua formação no magistério até o início da sua atuação prática como docente. A formação a qual me refiro, neste subcapítulo, não fica limitada a uma aprendizagem situada em tempos e espaços definidos, mas envolve como ação vital a construção de si próprio e conseqüentemente um processo de formação (MOITA, 2000). Desse modo, Moita (2000) faz uso dos estudos de Pineau (1983), quando define que o processo de formação integra fontes

diferentes de movimento, destacando que, ao compreender como cada pessoa se formou, podemos encontrar as relações entre as pluralidades<sup>10</sup> que atravessam a vida de cada ser.

O processo de formar-se professor não se dá no vazio, mas envolve uma série de trocas, experiências, aprendizagens, interações sociais e culturais. “Ter acesso ao modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade da sua história e sobretudo o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos. Um percurso de vida é assim um *percurso* de formação” (MOITA, 2000, p. 115).

Nesse contexto, analisar os processos formativos da vida de alguém é também aproximar-se das singularidades, dos sentimentos, das ações que interagem com contextos sociais e culturais, e, principalmente, com o modo como cada pessoa constrói a si próprio. Dessa forma, no decorrer do percurso formativo da professora Noeli, foram narrados diferentes caminhos percorridos os quais trazem vestígios de uma história de vida rica de sonhos e superações em que o desejo de ser professora permaneceu vivo desde a sua infância.

A paixão por ser professora, na vida de Noeli, iniciou muito cedo: desde criança ela já dizia que queria ser professora. Nas brincadeiras de infância, dava aulas aos irmãos mesmo sem saber ler e escrever, pois já estava presente no seu imaginário o desejo de ser professora. Com 5 e 6 anos de idade, seus pais, que sempre estiveram presentes, de um modo ou de outro, no seu processo de escolarização, já afirmavam com muita convicção que ela iria ser professora: “*Meu pai e minha mãe (...) diziam com toda convicção que eu iria ser professora*” (Entrevista Narrativa – Noeli Catharina Danieli).

Outra influência marcante para a escolha profissional, no percurso formativo da professora Noeli, foi o seu segundo professor, marcado como um ídolo, nas suas narrativas de vida.

*Eu sempre tive uma paixão por ser professora, tanto que esse professor, meu segundo professor é meu ídolo ainda hoje. Eu o guardei como se fosse um ídolo. Eu sempre dizia que iria ser professor que nem ele. Dizia: quando crescer vou ser igual o professor Mauro. Então eu fui crescendo sempre com aquela ideia de querer ser professora, tudo que eu fazia, tudo que eu pensava era pro meu futuro ser professora. (...) tu vai ver a dificuldade que eu tive pra chegar onde estou. Tantas outras pessoas têm tanta facilidade, e eu, foi muito difícil, foi muito difícil chegar onde estou hoje, principalmente pela distância, pelo poder econômico, pela falta de conhecimento dos grandes centros* (Entrevista Narrativa – Noeli Catharina Danieli).

---

<sup>10</sup> O termo pluralidades é definido por Pineau (1983) como: “*pluralidade sincrônica* de trocas incessantes e de múltiplas componentes internas e externas e de *pluralidade diacrônica* de diferentes momentos, de diferentes fases de transformação” (MOITA, 2000, p. 114).



A história de vida da professora Noeli sempre esteve entrelaçada “*com aquela ideia de querer ser professora*”, conforme ela relata na narrativa acima. Apesar das dificuldades enfrentadas, principalmente por viver no meio rural, distante dos grandes centros de ensino e, muitas vezes, sem o conhecimento deles, com dificuldades financeiras - pois tinha que trabalhar para poder estudar - e com pouco acesso aos meios tecnológicos, Noeli não desistiu da sua “*paixão por ser professora*”.

*Ao concluir o segundo grau, procurei imediatamente a Prefeitura e me escrevi para uma vaga como professora. Para minha decepção me comunicaram que a partir deste ano só seriam admitidos professores com magistério. Fiquei decepcionada, meus sonhos se apagaram, fiquei muito triste e desanimada, pois todo o sacrifício tinha sido em vão* (Autobiografia – Noeli Catharina Danieli).

Na autobiografia destacada acima, mais decepções cruzam o caminho de Noeli. Com muitas expectativas em iniciar sua carreira profissional, ela recebe uma triste notícia, de modo que seus “*sonhos se apagaram*” por algum tempo.

Nesse tempo em que o desejo de ser professora ainda era um sonho, Noeli trabalhou em um escritório, fez muitas amizades e conheceu muitas pessoas, mas o que ela queria era ser professora. Nessa convivência com outras pessoas, em especial com a amiga Neiva, Noeli conseguiu “*uma bolsa de estudos que custeava 70% do valor da mensalidade e ainda poderia ir morar com ela, estudar de manhã e trabalhar na sua casa de tarde, onde receberia pelo trabalho, sendo possível custear o resto do curso*” (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).

Era a conquista tão esperada pela professora Noeli: cursar o Magistério. Assim ela relatou:

*Larguei tudo e lá fui eu fazer o “Magistério”, o 1º ano não precisei cursar. Ingressei então no 2º ano. Obtive bons resultados visto que no 2º grau tinha muitas aulas de Português e Matemática. Este colégio era de freiras, muito rigoroso e exigente e muito conceituado na região* (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).

*Como tinha facilidade em Matemática, Física, Química e Português à noite dava aulas particulares para algumas colegas ricas, recebendo delas por este trabalho; também nos finais de semana fazia jantares e almoços para estes jovens recebendo pelo trabalho, conseguindo assim estudar neste colégio e custear outras despesas com vestuário, calçados, livros, etc* (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).

Foram muitas noites fazendo trabalhos, muitas noites dando aulas particulares para conseguir custear os estudos e as despesas. “*Para não dormir tomava muito café e colocava*

*os pés na água fria*” (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli). Foram muitos dias de saudades e muita dedicação, para tornar-se professora, como sempre desejou.

*Terminando o magistério, me casei e fui morar em Vila Sério, onde comecei o meu estágio na 2ª série no mesmo colégio estadual onde havia concluído o 1º grau, hoje Ensino Fundamental (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).*

*No meu estágio enfrentei grandes dificuldades. Havia se instalado na localidade a dois anos uma indústria, onde os agricultores abandonaram o trabalho com a terra e foram trabalhar como “operários”. Neste ano a indústria faliu e estes operários ficaram sem empregos e não haviam cultivado nenhum alimento nas suas terras. Foi uma crise muito grande, os pais não puderam comprar nem os materiais necessários, faltavam roupas, calçados e alimentos. Os alunos faltavam muito nas aulas e a merenda que a escola fornecia era muito escassa. Também não tive apoio e incentivo do diretor e professores da escola que não me ajudaram nem na campanha para arrecadar materiais, roupas e calçados para os alunos. Foram muitos problemas e não estava preparada para enfrentar tudo isso. Mas através de campanhas, visitas nas famílias e com um trabalho insistente consegui vencer mais este obstáculo (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).*

Os tempos de estágio não foram fáceis, Noeli enfrentou muitas dificuldades, mas foi resiliente, primeiramente pelo fato de ser sua primeira experiência em assumir uma turma, e depois, pelo contexto de crise que sua localidade estava vivenciando. O abandono da terra, pelos agricultores, representou a falta de alimentos, a falta de condições financeiras para comprar materiais escolares, roupas e calçados. Representou a falta dos alunos na escola.

Diante de todas essas dificuldades, Noeli não teve apoio da equipe escolar. Isso fica claro na escrita da sua narrativa: “(...) não me ajudaram nem na campanha para arrecadar materiais, roupas e calçados para os alunos”. Mesmo sozinha, a colaboradora assumiu compromisso junto à comunidade rural e cumpriu seu importante papel de educadora: “através de campanhas, visitas nas famílias e com um trabalho insistente, conseguimos vencer” (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).

Esse encontro com a memória possibilitou reflexões sobre práticas profissionais em diferentes contextos socioculturais. Quanto a isso, Noeli demonstra ser uma professora preocupada com a educação e com os sujeitos e espaços que a rodeiam. Mesmo com pouca colaboração da escola e dos demais professores, nunca desistiu dos seus alunos. Dessa forma, “os processos de formação estão relacionados e são produzidos através da trajetória de vida e dos percursos educativos de cada professor no decorrer da sua carreira docente” (ANTUNES, 2011, p. 31).

Os novos modos de profissionalidade docente, segundo Nóvoa (2009), implicam esse trabalho colaborativo, desenvolvido pela professora Noeli ao longo da sua carreira, reforçam as dimensões coletivas da intervenção conjunta nos projetos educativos de escola.

O compromisso social assumido pelo professor, nesse processo, converge no sentido dos princípios, dos valores, da inclusão social e da diversidade cultural. “Educar é conseguir que a criança ultrapasse fronteiras que, tantas vezes, lhe foram traçadas como destino pelo nascimento, pela família ou pela sociedade. Hoje a realidade da escola obriga-nos a ir além da escola” (NÓVOA, 2009, p. 31). O compromisso social assumido pelo educador vai além da escola, intervindo no espaço social da educação. Nesse contexto, o ato de educar não deveria ficar restrito à escola e/ou na escola, pois ser educador é também educar para a vida, para as relações sociais, para a cultura, enfim, educar para conhecer a si mesmo.

#### 4.2.1 Possibilidades e desafios - início da carreira docente

Noeli iniciou sua carreira docente em março de 1986. Aos 24 anos de idade começou exercer a profissão na Escola Municipal de Ensino Fundamental Oreste Danieli na mesma localidade em que nasceu e na escola em que estudou até a 3ª série. No início da carreira trabalhava 20 horas, com 31 alunos de 1ª a 4ª série. Devido ao número elevado de alunos, Noeli passou a trabalhar 40 horas, atendendo também alunos da 5ª série do Ensino Fundamental.

*No semestre restante deste ano fiquei em casa trabalhando na agricultura. Em março de 1986 meu sonho se realizou. Comecei a trabalhar na escola da comunidade de Arroio Galdino onde nasci e estudei até a 3ª série. Onde alguns de meus familiares ainda hoje residem neste local, inclusive eu e meus queridos pais. De início eu trabalhava 20 horas, com 31 alunos de 1ª a 4ª série numa pequena sala. Não havia classes suficientes e tínhamos que acomodar os alunos no chão. Então devido ao grande número de alunos passei a trabalhar 40 horas e atendia até a 5ª série. Eu era a única professora da escola, fazia merenda, limpava a escola, fazia horta, etc. (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).*

*Quando eu comecei trabalhar nesta escola, com 31 alunos, eu não tinha rádio, eu tinha poucos livros, só os livros didáticos, então eu recolhia o que eu podia, eu comprava livros para os meus filhos depois eu passava tudo para a escola, tanto que hoje tá tudo lá, eu fazia economia, comprava com meu dinheiro. (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli).*

*Eu estava feliz e realizada com meu trabalho e sempre senti uma satisfação muito grande em trabalhar nesta escola, tenho muito carinho e afeto por todos e por este chão. Conheço todas as famílias e a história de cada um. Além disso, aqui se encontra gravado grande parte de minha vida. Talvez os melhores e mais felizes momentos (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).*

Ao recordar os primeiros anos da carreira, Noeli relata as dificuldades enfrentadas para acomodar os alunos na sala: com pouca estrutura física e material, os alunos precisavam sentar no chão. Quando iniciou a prática profissional, precisou dispor de recursos próprios, principalmente para a compra de livros, pois a escola tinha poucos recursos materiais e oferecia somente os livros didáticos. Apesar das dificuldades encontradas no início da carreira, Noeli “*estava feliz e realizada*” com o seu trabalho. O entusiasmo inicial, a aproximação com um contexto que já fazia parte de sua vida e as primeiras ações como professora fizeram com que as dificuldades fossem superadas.

A colaboradora da pesquisa demonstra, no seu relato autobiográfico, traços de uma professora unidocente que “*fazia merenda, limpava a escola, fazia horta etc.*”. Em suas lembranças, recorda com carinho a escola em que trabalha até hoje. Para ela, essa não é uma escola comum: “*aqui se encontra gravado grande parte de minha vida. Talvez os melhores e mais felizes momentos*”. Além dessa lembrança afetuosa em relação à escola que marcou sua vida desde o início da escolarização e da carreira docente, Noeli demonstra carinho pelas pessoas que fazem parte do seu cotidiano. “*Estes moradores são pessoas humildes, com uma bondade infinita, com um carisma incomparável, são hospitaleiros onde prevalece o respeito e a solidariedade entre as famílias. Eles me tratam há 27 anos com muito reconhecimento, carinho e respeito*” (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).

A professora Noeli reconhece os moradores da comunidade como pessoas importantes ao longo da sua trajetória pessoal e profissional, e sempre que pode, procura integrá-los aos trabalhos realizados na escola, conforme mostra a Figura 14:



Figura 14 – Palestra com o morador mais antigo da comunidade Arroio Galdino

Fonte: Arquivo pessoal Noeli Catharina Danieli

A professora Noeli Catharina Danieli tornou-se, ao longo do seu percurso pessoal e profissional, uma referência para a comunidade rural em que vive, porque é participante e atua com liderança em sua comunidade, conforme expressa o relato abaixo:

*Destes 27 anos que estou atuando nesta comunidade, sirvo como referência e nunca medi esforços para ajudar, sinto-me realizada em poder estender a mão a estas pessoas maravilhosas, que necessitam de apoio. Já fiz enterros, arrumei defuntos no caixão, sou catequista, coordenadora do clube de jovens, sempre fui integrante da diretoria da comunidade, do clube de mães e da liturgia, etc (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).*

A professora Noeli valoriza a história do seu contexto, das suas origens e da sua profissão e, ao mesmo tempo, reconhece que os saberes escolares precisam estar em sintonia com os saberes e com a cultura que acontecem fora da escola. Em relação a isso, Arroyo (2009) contribui dizendo que a escola precisa estar vinculada aos processos culturais, produtivos e sociais do povo do campo; precisa, desse modo, fortalecer as matrizes culturais da comunidade, as matrizes culturais do campo. Essa sintonia entre os saberes escolares e os saberes apreendidos fora da escola está representada na escola de Noeli pela Figura 15 que segue:



Figura 15 – Alunos construindo a horta da escola

Fonte: Arquivo pessoal Noeli Catharina Danieli

Na fotografia, fica visível o fortalecimento das matrizes culturais dos alunos porque o trabalho desenvolvido pela professora Noeli envolve os saberes da comunidade e do contexto social que a constitui. A construção da horta envolve saberes próprios e significativos para os alunos que habitam o contexto do campo; envolve, ainda, um trabalho diferenciado que procura quebrar com a estrutura rígida da sala de aula.

Para Arroyo (2009, p. 84), “A escola não pode acontecer dentro de quatro paredes, apenas nos tempos e espaços da sala de aula, temos que reinventar tempos e espaços escolares que deem conta dessa proposta de educação rural”. Dessa forma, em busca de um entendimento sobre a identidade das pessoas que habitam o contexto rural, principalmente, a figura do professor nesse contexto, trago Arroyo (2005, p. 15) ao asseverar que:

(...) no imaginário das populações do campo a escola simboliza essa totalidade. Junto à capela, é referência de identidade, de memória, de enraizamento naquele lugar, de cultura, celebração e perpetuação da vida nas novas gerações. A figura da professora e do professor quando mora junto às populações é uma figura que extrapola seu papel escolar: é conselheiro, guardião da cultura e da memória, organizador da comunidade e-dirigente...Uma figura humana com funções, saberes e habilidades múltiplas.

A escola, para a comunidade do meio rural, constitui-se como espaço de sabedoria e respeito. Ali são apreendidos e compartilhados momentos que envolvem a família, o trabalho na roça, a colheita, a aprendizagem dos filhos, e o festejo junto à comunidade. O professor representa seu papel para além dos ensinamentos, das interações, ele configura-se como “guardião” de uma história única e singular daquele lugar (ARROYO, 2005). Essa proximidade entre a vida da população rural e a professora fica entrelaçada pela fala da colaboradora da pesquisa: *“Já fiz enterros, arrumei defuntos no caixão, sou catequista, coordenadora do clube de jovens, sempre fui integrante da diretoria da comunidade, do clube de mães e da liturgia”* (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).

A escola simboliza para a população do meio rural um lugar de múltiplas aprendizagens, um espaço compartilhado de ações, falas, festejos e brincadeiras. Tudo isso pode ser observado a seguir, nas fotografias comemorativas que acontecem na escola (Figuras 16 e 17).



Figura 16 – Festa Junina na escola

Fonte: Arquivo pessoal Noeli Catharina Danieli



Figura 17 – Festa a Fantasia da Comunidade

Fonte: Arquivo pessoal Noeli Catharina Danieli

A professora Noeli compartilhou com seus alunos, ao longo da carreira docente, mais do que saberes formais, idealizados e prontos. No decorrer do seu trabalho, ela sempre procurou aproximar escola e comunidade, e a escola com a realidade dos alunos, com os anseios, as dificuldades e os festejos na comunidade. A docente compartilhou com seus alunos saberes que foram sendo construídos a cada dia, em cada espaço que eles percorriam, em cada comemoração que eles celebravam. Logo, Noeli compartilhou mais do que saberes presos nos livros, ela compartilhou gestos, palavras, sorrisos e olhares.

A professora Noeli relatou, ao longo da sua entrevista narrativa, que não possui formação específica para atuar no meio rural. Não obstante, por vivenciar o mesmo contexto da comunidade em que está inserida, torna-se mais fácil a sua atuação profissional.

*Eu não tenho formação específica para atuar no meio rural (...). Mas, como eu nasci aqui, eu me criei aqui, eu conheço todo mundo, todas as famílias, aqui no interior um conhece o outro, e eu conheço todas as realidades, todas, então eu acho que propicia pra mim, meu trabalho, porque eu conheço as pessoas, eu conheço os problemas de todas as famílias, as necessidades. Eu tenho assim uma convivência com as famílias, uma convivência super legal, a gente se visita, a gente participa da vida um do outro, nas festas, isso é muito legal. Eu acho que a maior formação que eu poderia ter é conhecer a realidade, ter nascido aqui, me criado nessa realidade, daí eu sei os problemas e as necessidades que eles têm. (Entrevista Narrativa – Noeli Catharina Danieli).*



Dessa forma, percebo que é, através da experiência de vida, que Noeli atribui relevância à sua formação específica. Isso significa dizer que a formação não se deu na academia, ou nos cursos de formação de professores, e sim se constituiu ao longo da sua trajetória de vida. É na convivência com os moradores do meio rural, com as famílias, com os alunos e suas realidades que a colaboradora da pesquisa vem se constituindo professora.

Conforme Arroyo (2005, p.15), o professor ou a professora que leciona na escola rural assume “funções, saberes e habilidades múltiplas” para a população que vive nesse contexto. As alfabetizadoras não se constituem apenas como professoras, mas sim como pessoas importantes que vivenciam os mesmos contextos, as mesmas dificuldades, os mesmos caminhos. São pessoas que valorizam as populações do meio rural. São pessoas que reconhecem esses agricultores como ser humano e não apenas sabedores de conteúdos ou meros dominadores de competências e habilidades técnicas.

Na fase inicial da carreira, Noeli depara-se com momentos desafiadores. Por outro lado, a certeza de pertencer ao lugar, desde o nascimento, conferiu a ela segurança e legitimidade do trabalho a ser desenvolvido como alfabetizadora daquela escola. Noeli, embora jovem e pouco experiente, possuiu, ao seu favor, uma comunidade local, que viu no seu trabalho, a possibilidade de produzir algo novo para a educação da escola rural.

*Eu acho que sou uma ótima alfabetizadora, porque eu adoro o que eu faço. Eu sempre digo: eu não gosto do que eu faço, eu tenho paixão pelo que eu faço. E eu acho que o professor que alfabetiza ele não pode só gostar, ele precisa ter paixão, precisa se doar, precisa se dedicar, eu adoro o que eu faço, tenho prazer de fazer isso, e eu tenho orgulho de dizer que sou professora, e que eu alfabetizo, eu acho que isso pra mim é a maior conquista. Eu gosto do que eu faço livremente (Entrevista Narrativa – Noeli Catharina Danieli).*

*Por várias vezes fui convidada para trabalhar na Secretaria de Educação, mas sempre relutei, pois preferi e prefiro permanecer em sala de aula, com meus alunos; percebo uma sinceridade incomparável em seus gestos e sentimentos que não permitem trocar por nenhuma outra oferta (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).*

Noeli define-se como alfabetizadora, enfatizando sua paixão pela profissão, seu prazer e seu orgulho de ser professora alfabetizadora. Demonstra, ainda, um carinho muito especial pela escola: “*Eu sempre digo do fundo do coração e com muita sinceridade que a minha escola é a melhor escola do mundo*”.

A sua vivência como educadora está alicerçada na relação que Noeli construiu com a comunidade rural em que nasceu e vive até hoje. O comprometimento, atitude referente nesta

fase, é demonstrado pelo envolvimento para além da sala de aula, um envolvimento construído pela professora Noeli junto a sua comunidade. A identidade profissional<sup>11</sup>, neste momento, está consolidada. Com isso, passam a surgir convites, por parte da Secretaria Municipal de Educação: convites para que a professora deixe a sala de aula e integre a equipe da Secretaria de Educação do Município. No entanto, Noeli, com 27 anos de carreira, insiste em permanecer na escola em que aprendeu a ler e a escrever, em que iniciou sua carreira profissional e na qual construiu uma sincera relação com a comunidade rural.

A opção pela permanência em sala de aula é demonstrada pela consideração construída ao longo dos anos de profissão e pelo comprometimento com a docência e com seus alunos. O afeto com o exercício profissional e com os seus alunos tornou-se um dispositivo importante para a sua manutenção na profissão.

*Eu procuro incentivar muito os meus alunos, motivar, dar o exemplo, mostrar a importância que tem o estudo na vida, mesmo porque eu recebo crianças também como eu quando comecei a ir à aula, crianças que nunca entraram na educação infantil. O primeiro ano é comigo, então eu tenho que ensinar, muitas vezes, eles a pegar a tesoura e cortar. Eu acho assim, ó, a maior conquista é o carinho, eu sou muito carinhosa, eu sou dedicada, eu pego esse meu aluno e adoto ele, sabe, então eu acho que é por aí, tendo muito carinho e paciência. Os alunos aqui da zona rural que eu recebo, eles têm uma carência de tudo, sabe, na coordenação motora, recortes, o lápis pegar na mão não tem firmeza, então eu acho que tem que começar por aí, sabe, com carinho, dedicação e paciência. Os pais sempre estão à par de tudo o que ta acontecendo. O método que uso para alfabetizar, o que eu penso, a importância da leitura, os pais conhecem tudo, é tudo feito em parceria, tudo o que eu faço, os pais tomam conhecimento, as mudanças que ocorrem, a gente sempre senta e conversa com os pais. Eu acho que a escola tem que abrir as portas e essa parceria é o ponto mais positivo que eu encontrei na minha carreira (Entrevista Narrativa – Noeli Catharina Danieli).*

A partir das narrativas acima, nota-se a relação de carinho que a professora estabelece com os seus alunos, atribuindo a esse afeto um ponto de partida importante para o desenvolvimento das suas aulas. Outro aspecto importante narrado pela interlocutora da pesquisa é a presença dos pais, tanto na escola como na aprendizagem dos filhos. Essa parceria entre a escola e a família constitui-se “o ponto mais positivo” que Noeli encontrou na sua carreira profissional.

No ano de 1996, Noeli iniciou a faculdade de Pedagogia – Licenciatura Plena, numa extensão da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), em Boqueirão do Leão/RS.

---

<sup>11</sup> A identidade, conforme Nóvoa (2000, p. 16-17), não é um dado adquirido, não é uma propriedade ou um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. Por esse motivo, é mais conveniente falar em processo identitário, realçando a maneira como cada um sente e se diz professor. O processo identitário passa também pela capacidade de exercermos com autonomia a nossa atividade, pelo sentimento de que controlamos o nosso trabalho.

*Todas as noites e nos meses de janeiro íamos à Santa Cruz para agilizar o tempo. Sempre gostei muito de estudar e encarei os desafios de cabeça erguida. Trabalhava de manhã e de tarde e estudava à noite numa distância de 23 km em estrada de chão e em péssimas condições (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).*

Em 1999, diminuiu o número de alunos da escola em que Noeli lecionava passou então a trabalhar, pela parte da manhã, numa escola vizinha. *“Nas duas escolas atendia 4 turmas (1ª, 2ª, 3ª e 4ª série) e fazia todos os trabalhos como: horta, merenda, limpeza, direção, etc”*. Permaneceu, nessa escola, durante cinco anos. Depois, trabalhou três meses em outra escola mais distante *“mas com a mesma realidade, sozinha e realizando todas as tarefas”*. Após esse período, *“surgiu a oportunidade de voltar a trabalhar as 40 horas na minha adorável escola, onde permaneço até hoje”* (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).

Em 2002, Noeli concluiu a faculdade, e, em 2006, iniciou uma Pós-Graduação em Educação Especial, na Faculdade Dom Alberto, cidade de Progresso/RS, onde as aulas eram realizadas aos sábados e nas férias, concluindo-a em 2009.

Sendo assim, ao longo deste capítulo, percorri algumas experiências formadoras e algumas recordações-referências (Josso, 2004) narradas pela professora Noeli. Experiências que possibilitaram a professora vivenciar, no seu processo formativo, experiências formadoras e aprendizagens experienciais inscritas em suas identidades e subjetividades (SOUZA, 2006c).

O momento da escrita da narrativa de formação permitiu “[...] diferentes entradas sobre a constituição da identidade docente, do desenvolvimento pessoal e profissional e formas de compreender a cultura escolar” (SOUZA, 2006c, p. 162). A constituição da identidade profissional torna-se um processo constante e contínuo, relacionando-se a diferentes tempos e espaços, a diferentes experiências e aprendizagens construídas ao longo da vida, seja na formação inicial ou nas aprendizagens institucionalizadas na profissão.

A constituição da identidade profissional, na vida da professora Noeli, deu-se ao longo do seu percurso profissional, em diferentes tempos e espaços e foi alicerçada pela relação que Noeli possui com os moradores da sua comunidade - uma relação de solidariedade, confiança e compartilhamento.

De acordo com Souza (2006c, p. 162), “as referências contidas nas narrativas sobre o sentido da escrita de si no processo de formação revelam novos modos de compreender a epistemologia da formação, os saberes e as aprendizagens da profissão [...]”, principalmente, por revelarem itinerâncias dos sujeitos em formação.

Dessa forma, os sentidos formativos expressos pela professora Noeli, durante a escrita e a oralização das suas narrativas de vida, articularam-se com processos de formação e autoformação, por meio das aprendizagens experienciais e das recordações-referências, conforme expressa Josso (2004).

No decorrer dos processos formativos de Noeli, muitas lembranças vieram à tona – a escolha profissional, o desejo de cursar o magistério, a experiência do Estágio Supervisionado, os primeiros anos da docência e as memórias como professora consolidada na profissão. Recordações essas que foram narradas e [re]significadas no decorrer deste capítulo, possibilitando que a história de vida de uma educadora de classe multisseriada “tivesse voz”.

## **5 TRAJETÓRIAS FORMATIVAS: [RE]SIGNIFICANDO MEMÓRIAS SOBRE O PRÓ-LETRAMENTO**

*Memória, representações, histórias, narrativas e voz. É a voz do professor que preciso ouvir e dela extrair considerações que me permitam compreender a gênese, aprendizagem e desenvolvimento do exercício docente (SOUZA, 2012).*

### **5.1 Formação Continuada de Professores**

Os saberes docentes têm sido pauta constante em estudos que tratam sobre formação de professores. As pesquisas apontam para uma investigação fundamentada nos conhecimentos adquiridos pelos professores ao longo da sua trajetória pessoal e profissional. Autores como Antunes (2011), Antunes; Farias (2014), Bolzan (2002, 2007), Moita (2000), Nóvoa (2000, 2009), Souza (2006c, 2012), entre outros, contribuem com suas pesquisas no sentido de considerar complexa a prática docente, bem como os múltiplos saberes adquiridos ao longo da trajetória formativa do educador. O professor, ao longo das suas trajetórias formativas, constrói saberes próprios, saberes que não são apreendidos na formação acadêmica, que ultrapassam a visão fragmentada, muitas vezes, expressa dentro das universidades. O professor, no decorrer das suas itinerâncias da vida, constrói saberes a partir da própria experiência, da própria prática docente que se constitui rica em detalhes, desafios, inquietações, decepções, enfim, rica em aprendizagens.

Nesse contexto, recorro às ideias de Antunes et al (2001, p.39), ao colocar que os professores em serviço precisam de uma formação continuada, embasada por uma política educacional mais flexível, que possibilite apoio a essa (re) construção profissional a partir da reflexão do saber da experiência.

Sobre essa questão, Larrosa (2002), em seu texto “Notas sobre a Experiência e o saber de Experiência”, afirma que experiência precisa ser sentida, precisa tocar a vida de alguma forma, precisa adentrar no coração das pessoas e fazê-lo bater mais forte. Ao discutir sobre o sentido da palavra, em relação ao aparecimento da informação, Larrosa (2002) ampara-se teoricamente em Benjamin (1993), ao afirmar que a informação não é experiência, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário de experiência. A vivência também não é uma experiência, pois ela passa pela vida das pessoas e não deixa

marcas. Para o autor, a experiência é cada vez mais rara no mundo de hoje, principalmente pela falta de tempo, pelo excesso de opinião e pelo acúmulo de trabalho. “O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada” (LARROSA, 2002, p. 23). Muitas experiências acontecem na nossa rotina, tudo passa pelas nossas vidas, mas muito pouco nos toca, desacomoda-nos, inquieta-nos. Convivemos todos os dias com pessoas diferentes, com saberes diferentes, cores, raças, culturas, mas nem sempre percebemos que esse diálogo e essa interação pode nos tornar diferentes, pode nos tornar pessoas melhores e mais humanas.

A experiência torna-se cada vez mais rara, mais distante, pela falta de tempo, pela corrida ao poder e ao consumo. O excesso de informações, de acordo com Larrosa (2002), reduz nossa capacidade de criticidade, de criação, nos acomoda, nos conforta diante de um universo que pulsa sem parar. O mundo moderno, para o autor, impede a conexão significativa entre os acontecimentos, impede a memória, já que cada acontecimento é substituído por outro com rapidez.

Desse modo, procuro refletir, neste capítulo, sobre o sentido de pensarmos a formação dos professores para além de uma formação acadêmica instituída pela sociedade. Ou seja, vincular essa formação com as experiências educativas que os professores vivenciam ao longo da sua trajetória de vida. Em relação a isso, Souza (2012, p.39) contribui dizendo que o saber da experiência envolve uma trama de conhecimento e vida humana. “É um saber singular, subjetivo, pessoal, finito e particular ao indivíduo ou ao coletivo em seus acontecimentos”. Isso acontece porque, a transformação do acontecimento em experiência, vincula-se ao sentido e ao contexto vivido pelo sujeito.

Delory-Momberger (2008, p. 89), ao relatar sobre o processo evolutivo dos dispositivos e das modalidades que orientam a formação continuada na França e em outros países europeus, destaca que a formação pode ser descrita como reconhecimento progressivo da *experiência* profissional e pessoal e como a integração das *adquisições da experiência* nos conteúdos e metodologias de formação. O reconhecimento biográfico de formação possibilita estimular às pessoas em formação a refletirem sobre elas mesmas: “realizando um balanço de seus percursos e de suas competências, inscrevendo sua formação em um projeto pessoal e profissional e atestando, desse modo, sua *formabilidade* e sua *empregabilidade*”.

A partir dos anos 70, os métodos biográficos, a autoformação e as biografias educativas assumem uma importância crescente no universo educacional. Mas a integração destas abordagens às Ciências da Educação e da Formação, não tem sido fácil. “[...] verifica-se a ausência de uma teoria da formação dos adultos, que forneça um suporte sólido à

elaboração de modelos inovadores e à realização de práticas alternativas”, do mesmo modo “[...] as fragilidades conceituais das Ciências da Educação provocam uma necessidade de afirmação com base nos paradigmas científicos dominantes, o que dificulta a emergência de novas perspectivas” (NÓVOA, 2000, p. 19).

Em paralelo ao movimento de biografização da vida social, desenvolvem-se, de maneira convergente, a partir dos anos 70, dispositivos de formação continuada, destinados a acompanhar as mutações econômicas e tecnológicas e a responder às exigências de uma organização produtiva que atribui cada vez mais aos próprios indivíduos o cuidado de gerenciar suas competências e seus percursos profissionais (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 87).

No Brasil, a partir dos anos 1980 e 1990, as discussões consolidam o discurso acadêmico de valorização da pesquisa acerca da formação de professores e do desenvolvimento profissional docente, articulando-se com categorias teóricas no campo dos saberes docentes, identidade, história de vida como dispositivo de formação inicial e continuada, profissionalização, desenvolvimento pessoal e profissional, bem como em relação às possibilidades teórico-metodológicas da pesquisa na área da educação (SOUZA, 2006c, p. 31).

Conforme estudos realizados por Souza (2006c, p. 31), a partir dos anos 1990, emergem pesquisas sobre formação de professores que abordam sobre as histórias de vida, a memória, as representações sobre a profissão, os ciclos de vida, o trabalho com a autobiografia ou narrativas de professores em exercício profissional ou no final de carreira. “Essa perspectiva de pesquisa vincula-se ao movimento internacional de formação ao longo da vida, o qual toma a experiência do sujeito adulto como fonte de conhecimento e de formação”.

As narrativas ganham sentido e potencializam-se como processo de formação e de conhecimento porque tem na experiência sua base existencial. “Desta forma, as narrativas constituem-se como singulares num projeto formativo, porque se assentam na transação entre diversas experiências e aprendizagens individual/coletiva”. A pesquisa com narrativas (auto)biográficas ou de formação inscreve-se em um espaço no qual o ator parte da experiência de si, inquieta-se com suas vivências, questiona os sentidos das suas aprendizagens, suas trajetórias pessoais e seus percursos pelas instituições de ensino (SOUZA, 2012, p. 40). Nesse percurso de questionar-se e inquietar-se com suas experiências educativas, o professor vivencia uma trama de conhecimentos e de aprendizagens e, ao

mesmo tempo, constrói caminhos que os levam a conhecer a si mesmo, a engrenar em um processo de autoformação.

Ao longo do processo de narração, o professor tem a possibilidade de criar espaços para reorganizar seus pensamentos e suas reflexões. Ao refletir sobre sua ação pedagógica, atua como pesquisador da sua própria prática, das ações que vem desenvolvendo na sua atuação profissional. Nesse movimento de reflexão-ação, o professor pode vir a ser um produtor de conhecimento profissional e pedagógico, fugindo das prescrições cristalizadas e impostas pela escola (BOLZAN, 2002).

É nesse viés que me utilizo dos estudos de Antunes (2011), quando penso que os professores precisam criar, dentro das instituições escolares, espaços de formação continuada. Espaços que lhes permitam questionar e reformular constantemente os elementos que fazem parte do Projeto Pedagógico da escola, compartilhar com a equipe diretiva e demais colegas respostas, soluções, inquietações sobre os problemas e desafios que afetam o seu cotidiano escolar. É dentro da escola que os professores precisam criar espaços de interação e diálogo, é nesse espaço que as experiências educativas dos professores precisam vir à tona, precisam ser compartilhadas, dialogadas e valorizadas. Se os próprios professores não acreditarem na mudança a partir da reflexão das suas experiências educativas e das suas experiências de vida, como pensar que o poder educacional instituído vai acreditar? A mudança precisa começar pelo professor, pela escola, pela equipe que está envolvida no espaço escolar.

Assim, o espaço construído dentro da escola precisa possibilitar aos professores momentos de discussões, momentos de trocas, em que, por meio das narrativas, possa ser possível reorganizar e refinar as ideias, as concepções e os saberes no e pelo grupo, favorecendo a “construção compartilhada do conhecimento pedagógico” (BOLZAN, 2002, p. 14).

Para a mesma autora, compreender o processo de construção de conhecimento pedagógico de forma compartilhada implica:

compreender como se constitui esse processo no cotidiano da formação, local de encontros e desencontros, de possibilidades e limites, de sonhos e desejos, de encantos e desencantos, de atividades e reflexão, de interação e mediação nessa construção que não é unilateral, mas acontece à medida que compartilhamos experiências, vivências, crenças, saberes, etc., numa ciranda que não se esgota, ao contrário, se desdobra, se modifica, se multiplica, revela conflitos e se amplia (BOLZAN, 2007, p. 75).



É nesse processo compartilhado de construção de conhecimento que as instituições de ensino precisam investir, criando espaços organizados e planejados no decorrer da formação. Espaços que permitam que os professores compartilhem suas histórias de vida, suas histórias de escolarização, suas memórias dos tempos de infância, compartilhem possibilidades, sonhos, encantos, angústias, encontros e desencontros que percorreram e ainda percorrem ao longo da profissão docente.

Nóvoa (2009) contribui com seus estudos quando coloca que as propostas teóricas só têm sentido se forem construídas dentro da profissão, se forem apropriadas a partir de uma reflexão dos professores sobre o seu próprio trabalho. “Por isso, insisto na necessidade de devolver a formação de professores aos professores, porque o reforço de processos de formação baseadas na investigação só faz sentido se eles forem construídos dentro da profissão” (p. 37).

Ser professor é compreender os sentidos e os significados da instituição escolar, é integrar-se numa profissão, aprender com o outro. É no espaço da instituição escolar e no diálogo com os colegas que se aprende a profissão. “O registro das práticas, a reflexão sobre o trabalho e o exercício da avaliação são elementos centrais para o aperfeiçoamento e a inovação. São estas rotinas que fazem avançar a profissão” (NÓVOA, 2009, p. 30).

No entanto, conforme o mesmo autor, essas conquistas só serão alcançadas se for alterado as condições existentes nas escolas e as políticas públicas em relação aos professores. Para o autor, é inútil reivindicar uma formação colaborativa, inter-pares, interativa, se a definição da carreira docente não andar junto com esse propósito. É inútil propor uma qualificação pautada na investigação e parcerias entre instituições escolares e universidades se as normativas legais persistirem em dificultar esta aproximação. Desse modo, compreendo que a formação continuada dos professores pode acontecer de maneira qualificada, integrada e colaborativa, principalmente se for pautada nas experiências educativas que os docentes percorrem ao longo da vida, conforme pôde ser observado no decorrer do Curso de Formação Continuada – Pró-Letramento.

## **5.2 Programa de Formação de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Pró-Letramento – Algumas reflexões da pesquisadora**

*Andamos sempre carregados de história (NÓVOA, 2009a)*

O Programa de Formação de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental - Pró-Letramento, política pública de nível governamental, idealizada pelo Ministério de Educação (MEC) e pela Secretaria de Educação Básica (SEB), conta com o apoio de Universidades parceiras e com adesão dos Estados e Municípios por meio de seus professores, promovendo a formação continuada de professores em alfabetização e linguagem no Brasil. Tem como principal objetivo promover práticas de leitura e escrita entre professores, tornando-os indivíduos reflexivos e autônomos, a fim de que possam buscar subsídios para suas próprias construções metodológicas em ambientes formadores.

O Programa, segundo o Guia do Pró-Letramento (2010, p.1), objetiva: oferecer suporte à ação pedagógica dos professores dos anos/séries iniciais do ensino fundamental, contribuindo para elevar a qualidade do ensino e da aprendizagem de língua portuguesa e matemática; propor situações que incentivem a reflexão e a construção do conhecimento como processo contínuo de formação docente; desenvolver conhecimentos que possibilitem a compreensão da matemática e da linguagem e de seus processos de ensino e aprendizagem; contribuir para que se desenvolva nas escolas uma cultura de formação continuada; e desencadear ações de formação continuada em rede, envolvendo Universidades, Secretarias de Educação e Escolas Públicas dos Sistemas de Ensino.

A Universidade Federal de Santa Maria, representada institucionalmente pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Helenise Sangoi Antunes, assumiu a Coordenação Geral do Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental – PRÓ-LETRAMENTO no Rio Grande do Sul – Módulo de Alfabetização e Linguagem. A primeira etapa iniciou no final de 2010, e as outras três foram concluídas até setembro de 2011. Para a realização do curso, contamos com a participação de alguns integrantes do Grupo, bem como, com a participação de cinco professoras<sup>12</sup> do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria que assumiram papéis fundamentais para o desenvolvimento do trabalho. Eu acompanhei o trabalho, como monitora, junto à Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Doris Pires Vargas Bolzan, com ela aprendi muito, vivenciei cada fala, cada experiência que ela trazia com muito carinho às professoras. A cada dia de curso, fui me encantando pela temática, pelas professoras que vinham de tão longe, mas traziam, em suas faces, a alegria de querer conhecer mais, de querer compartilhar com os outros um pouco da sua história.

---

<sup>12</sup> Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cleonice Maria Tomazzetti (Professora do Departamento de Metodologia do Ensino da UFSM), Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Doris Pires Vargas Bolzan (Professora do Departamento de Metodologia do Ensino da UFSM), Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Graziela Escandiel de Lima (Professora do Departamento de Metodologia do Ensino da UFSM), Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sueli Salva (Professora do Departamento de Metodologia do Ensino da UFSM) e Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Viviane Ache Cancian (Professora do Departamento de Metodologia do Ensino da UFSM).

Através desse trabalho de formação continuada realizado no Estado do Rio Grande do Sul, ao longo de 12 meses, uniram-se forças entre a Universidade sede do Programa e seus professores, 94 Municípios do Estado e suas Secretarias Municipais de Educação e a formação de 1.473 professores da educação básica inseridos em escolas municipais de grandes, médias e pequenas cidades do Rio Grande do Sul (ANTUNES, 2012).

O Pró-Letramento criou espaços enriquecedores, pude ouvir e compartilhar experiências, aprender com professoras que vivenciam cotidianamente o espaço escolar, professoras que vieram de longe, mas trouxeram na memória histórias do seu “pequeno grande mundo”. Enquanto algumas narravam às tecnologias e o grande número de alunos que faziam parte do seu contexto profissional, outras falavam sobre as classes **multisseriadas**<sup>13</sup> das escolas do interior, a realidade vivenciada por elas. Assim, o espaço proporcionado pelo curso tornou-se uma rede diversificada, em que a cada encontro novas histórias iam sendo tecidas.

As colchas de retalhos construídas pelo Grupo 1 do Pró-Letramento, atividade realizada a partir da leitura deleite do livro “Feita de Pano” de Valéria Belém, representa essa rede de diversidade construída pelos principais atores do curso, professores/tutores da rede pública de ensino. Através de pequenos panos retalhados, retalhos velhos para quem não tem imaginação, os professores deixavam suas marcas, memórias, escritas, leituras, sonhos, poesias e músicas. “A história tecida em retalhos é um convite para adentrar no mundo do imaginário, habitar o mundo das incertezas, a epifania de um mistério, a coisa fora do ato da percepção” (BERKENBROCK-ROSITO, 2009, p. 488). A história tecida em retalhos faz-nos compreender como cada sujeito tece a sua história. Dessa forma, a experiência do Pró-Letramento não passou simplesmente por mim, e sim, como muito bem nos fala Larrosa (2002), deixou marcas inquietas em minha vida. Na figura 18 disponível abaixo pode ser observada a colchas de retalhos produzidas pelas professoras no Curso do Pró-Letramento:

---

<sup>13</sup> Modalidade de ensino em que um único professor ministra aulas para várias séries no mesmo espaço e tempo. É uma modalidade de ensino bastante recorrente no território brasileiro, visto que, conforme Censo Escolar 2005, quase 50% das escolas brasileiras estão localizadas no meio rural e mais da metade das escolas do meio rural (59%) são multisseriadas. No entanto, a classe multisseriada é bastante desconhecida e desvalorizada por muitos, sendo vista, pela maioria, como sinônimo de atraso e de falta de qualidade. Em algumas escolas multisseriadas, o professor assume as demais funções da escola, ficando responsável pela limpeza, pelas ações da secretaria como matrícula, boletins, transferências e tudo mais que se fizer necessário (RODRIGUES, 2009).



Figura 18 – Colchas de Retalhos produzidas pelas professoras no Curso do Pró-Letramento

Fonte: Arquivo pessoal Julia Bolssoni Dolwitsch

A principal delas foi o trabalho com a literatura infantil. Durante todos os encontros do curso, nosso espaço de aula foi encantado pelo trabalho com os livros infantis, principalmente, com as “Leituras Deleite”. Todas as atividades, conversas, dinâmicas iniciavam ou encerravam com uma leitura deleite, trabalho proposto pela formadora do grupo; assim, todos os dias podíamos nos deliciar, imaginar, sonhar, viajar através da literatura infantil. Os momentos de contar histórias foram incríveis, é como se retornássemos à infância, digo isso, porque enquanto a leitura ia sendo feita, eu ficava olhando as professoras, elas estavam hipnotizadas, com os olhos brilhantes, flutuando na sua imaginação. Quando terminavam as leituras, vinham as falas, os risos, as lágrimas, a felicidade de poder se deleitar, saborear um livro sem a obrigação de fazer “fichas de leitura”, interpretar, ler para dizer algo a alguém. Em relação a isso, Barcelos (2009) coloca que estamos acostumados a ler algo para cumprir alguma finalidade, quando o professor pede para lermos uma obra literária, perguntamos: o que devemos pensar a partir desta obra? Para o autor, deveríamos pensar o que quisermos, deveríamos pensar a partir do nosso olhar crítico, pois a leitura torna-se um território de produção de conhecimentos.

Outro momento marcante ao longo do curso foi a visita da biblioteca móvel nas salas. Essa biblioteca foi construída por algumas monitoras do curso e surgiu a partir de algumas reuniões com as formadoras. A proposta da biblioteca faz refletir sobre as possibilidades de inovação e criação dentro do espaço escolar. Por que não pensar em uma biblioteca (carrinho de mercado, cestinha, armário, caixa, baú) com obras literárias que circula no espaço escolar, aflorando a imaginação e a criação das crianças e jovens? Até quando nossas escolas continuarão (des)investindo em bibliotecas cinzas, com cheiro de mofo, abafadas, com livros intocáveis e lacrados dentro das caixas? Soares (2004, p. 21) defende que, além de termos um pequeno e desatualizado acervo nas bibliotecas escolares e públicas, elas ainda “(...) funcionam mais como depósito de livros que como verdadeiras bibliotecas, centros de informação, de formação de leitores.” Os livros ficam dias, meses, anos abafados dentro de caixas empoeiradas e, quando são descobertos por leitores inquietos, pouco podem ser explorados, os motivos são muitos: não pode amassar o livro “novo”, não pode sujar, não pode levar pra casa, enfim, os melhores livros não podem sair das paredes empobrecidas da biblioteca escolar.

Além da precária estrutura física e cultural das bibliotecas, acredito ser significativo pensar sobre os profissionais que atuam como mediadores nesses espaços. Até quando nossas crianças precisarão conviver com as professoras que, na maioria das vezes, não são leitoras? Como gostar de ler nesse espaço que a escola oferece? Talvez fechando os olhos e abrindo a mente, criando e viajando pelas páginas dos livros, como se essas tivessem vida própria no imaginário de cada criança.

De acordo com Barcelos (2009, p. 534), podemos aprender a gostar de ler, esse gosto vai sendo construído e saboreado em função das nossas vivências, na tessitura das diferentes fases da vida. Assim, “(...) a partir da leitura de um livro, ou de um autor, de um filme, ou de uma música que mexa com nossos sentimentos, podemos aprender a gostar. Ou começar a despertar nosso gosto”. Penso, amparada teoricamente pelo autor, que esse gosto possa surgir, também, a partir de leituras de outras áreas de conhecimento como, por exemplo, leituras literárias.

Abaixo, trago uma fotografia (Figura 19) da biblioteca móvel visitando a nossa sala no Pró-Letramento:



Figura 19 – Visita da Biblioteca Móvel no Curso do Pró-Letramento

Fonte: Arquivo pessoal Julia Bolssoni Dolwitsch

O Programa, segundo o Guia Geral do Pró-Letramento (2010, p. 2), é executado com a participação de quatro atores essenciais que são responsáveis pela execução das ações nos Estados: Coordenador Geral; Professor Orientador de Estudos/Tutor; Professor Cursista e Formador de Professor Tutor<sup>14</sup>.

O curso do Pró-Letramento foi desenvolvido a partir de seis etapas; primeiramente aconteceu a apresentação do Programa, momento em que os Secretários de Educação e Coordenadores do Programa conhecem a dinâmica do Pró-Letramento; em um segundo

---

<sup>14</sup> O Coordenador Geral é um profissional da Secretaria de Educação e sua função é: acompanhar e dinamizar o Programa na instância de seu Município; participar das reuniões e encontros agendados pelo MEC e/ou Universidades; subsidiar as ações dos tutores; garantir condições materiais e institucionais para o desenvolvimento do Programa. O Professor Orientador de Estudos/Tutor precisa estar em efetivo exercício no magistério da rede pública de ensino; ter formação em nível superior, licenciatura em pedagogia/letras/matемática; ter experiência de um ano no magistério; permanecer em exercício durante a realização do Pró-Letramento, mantendo o vínculo com a rede pública de ensino e não possuir vínculo com mais um programa com pagamento de bolsa de estudo tendo por base a Lei 11.273/06. O Professor Cursista deverá estar vinculado ao sistema de ensino e trabalhar em classes dos anos/séries iniciais do ensino fundamental. Cada grupo de 20 a 30 professores reunir-se-á com o tutor, semanalmente ou quinzenalmente, para discutir os textos lidos, retomar as atividades e planejar futuras. O Formador de Professor Tutor deve estar vinculado ao Centro de REDE ou a uma Universidade parceira. O formador de Professor Tutor deve participar da preparação para a formação dos tutores junto a Universidade; organizar os seminários ou encontros com os orientadores/tutores para acompanhamento e avaliação do curso; analisar com os tutores os relatórios das turmas e orientar os encaminhamentos (GUIA GERAL DO PRÓ-LETRAMENTO, 2010).

momento aconteceu a seleção dos tutores que se dá mediante seleção pública a partir da análise do currículo, experiência e habilidade didática dos candidatos. O tutor também deve ter reconhecimento por parte do grupo de professores do município. A próxima etapa caracterizou-se pela adesão do Secretário de Educação ao Programa. A quarta etapa foi a formação dos tutores, o curso terá duração de 180 horas em atividades semipresenciais, 120 horas presenciais e 60 horas à distância. Após essa etapa, aconteceu a formação dos cursistas, a qual começou, imediatamente, após a formação inicial dos tutores e ocorreu ao mesmo tempo em que aconteceu a formação do tutor. A formação dos cursistas foi dividida em 84 horas presenciais e 36 horas à distância, totalizando 120 horas (GUIA GERAL DO PRÓ-LETRAMENTO, 2010, p. 4).

O material do Pró-Letramento foi elaborado por dez universidades parceiras e foi dividido em fascículos, os cursos de alfabetização e linguagem tinham oito fascículos: “capacidades linguísticas de alfabetização e avaliação; alfabetização e letramento: questões sobre avaliação; a organização do tempo pedagógico e o planejamento de ensino; organização e uso da biblioteca escolar e das salas de leitura; o lúdico na sala de aula: projetos e jogos; o livro didático em sala de aula: algumas reflexões; modos de falar/modos de escrever; fascículo complementar”. O livro, com a organização dos fascículos, foi enviado para todas as escolas do Brasil, no ano de 2007, e para todas as Secretarias de Educação no ano de 2008. Ao aderir ao curso, foi necessário que os gestores verificassem a quantidade de material que possuía no Município e solicitassem ao MEC a quantidade que ainda era necessária para a formação inicial dos professores.

### **5.3 Tecendo caminhos, reconstruindo saberes... Experiências formativas em um curso de formação continuada**

*Ler é produzir significados. Escrever é marcar, mudar (KRAMER, 1998)*

Neste tópico, busquei aproximar-me das experiências percorridas pela professora Noeli no Programa de Formação de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental - Pró-Letramento, analisando suas trajetórias formativas e as implicações da literatura infantil ao longo desse percurso. Desse modo, por meio das narrativas expressas

pela professora, pude criar uma escrita rica em detalhes, em que as experiências formativas foram universalizadas e cuidadosamente analisadas. Em nenhum momento, as memórias trazidas pela professora foram invadidas ou testadas, e sim conseguimos (pesquisadora e colaboradora da pesquisa), ao longo do trabalho, criar um espaço colaborativo e enriquecedor.

A experiência sobre a escuta e a leitura das narrativas da professora me possibilitou compreender e ampliar as minhas trajetórias formativas e a própria história da minha vida. Algumas memórias narradas pela professora fizeram com que eu refletisse sobre aspectos da minha própria história de vida (SOUZA, 2012, p. 42). Sendo assim, foi nesse espaço colaborativo que a voz e as narrativas de vida da professora Noeli vieram à tona.

No ano de 2010, a professora Noeli recebeu o convite da Secretaria de Educação do Município de Boqueirão do Leão/RS para participar como Tutora do Programa de Formação Continuada de Professores para os Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Pró-Letramento –, financiado pela Secretaria de Educação Básica (SEB) do Ministério da Educação (MEC).

*Em um primeiro momento relutei pela distância até Santa Maria e depois porque tudo estava muito confuso, faltava esclarecimentos sobre o programa e fui avisada 2 dias antes da primeira etapa. Como insistiram muito que eu fosse acabei aceitando o desafio e rumei à Santa Maria; mas muito preocupada, com muitas dúvidas, insegurança e com uma grande expectativa (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).*

*No decorrer do programa diferentes estratégias foram desenvolvidas, um ponto positivo foi a troca de experiências entre os tutores dos diferentes municípios e a exploração de diversos gêneros de leituras, jogos, etc. A professora Doris, extremamente comprometida com a educação, soube conduzir muito bem os encontros, demonstrando segurança, domínio de conteúdos, nos cativando e motivando para despertar o interesse e provocar significativas mudanças nos tutores. Desta forma, foi proporcionado atividades diversificadas, desafiadoras e dinâmicas que possibilitaram repensar nossa prática e metodologias e assim provocar mudanças na educação dos municípios. Também foi sendo construído com os professores, através da formação continuada, diferentes propostas de práticas com as leituras para que cada um pudesse adaptar de acordo com as condições e necessidades de sua realidade (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).*

Em um primeiro momento, Noeli descreve, em sua autobiografia, as dúvidas e as incertezas em relação ao Curso, pois era uma experiência que apareceu como nova e instantânea em sua carreira profissional. Apesar das limitações iniciais, a colaboradora relata as contribuições do curso para sua prática, principalmente por se constituir um espaço de trocas de experiências entre os professores tutores dos diferentes Municípios.



A professora Noeli descreve, como ponto positivo do curso, a troca de experiências com professores de diferentes Municípios, reforçando, nesse sentido, a importância do processo compartilhado de construção do conhecimento (BOLZAN, 2007). Desse modo, percebo que não são apenas as instituições de ensino formalizadas que precisam investir em espaços que permitam que os professores compartilhem suas experiências formativas. Os cursos de formação de professores também precisam criar estratégias colaborativas que envolvam o professor como um todo, que valorizem as histórias de vida dos professores. É nesse sentido que retomo as palavras de Nóvoa (2009, p. 19), quando coloca que é preciso devolver a formação de professores aos professores, é preciso criar propostas teóricas dentro da profissão a partir de uma reflexão dos professores sobre o seu próprio trabalho.

A colaboradora da pesquisa relembra ainda com carinho a formadora que atuou na sua turma do curso: professora Dóris<sup>15</sup> que, ao seu olhar, era *“extremamente comprometida com a educação, soube conduzir muito bem os encontros demonstrando segurança, domínio de conteúdos, nos cativando e motivando para despertar o interesse e provocar significativas mudanças nos tutores”* (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).

Foram essas trocas que possibilitaram à professora Noeli repensar suas práticas e metodologias de ensino. Foi por meio de atividades diversificadas, planejadas, desafiadoras e dinâmicas que professores e formadores puderam construir juntos diferentes propostas de práticas de leituras e, assim, provocar alguma mudança na educação dos Municípios que ali estavam (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).

A professora Noeli relata, ao longo da entrevista narrativa, que com 27 anos na carreira docente já estava passando por uma fase de “acomodação” frente à profissão: *“Bom, como eu já tenho 27 anos de atividade [...] eu confesso que eu já estava um pouquinho acomodada”* (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli). Entretanto, narra com entusiasmo: *“Eu acho que o Pró-Letramento fez eu voltar lá no primeiro dia que eu entrei na sala de aula, que eu ganhei o meu contrato. Eu me senti assim, sabe, a mil, aquela adolescente quase de chegar na sala de aula e virar do avesso”* (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli). Nesse momento da vida de Noeli, o Pró-Letramento significou uma renovação, uma retomada aos primeiros anos de profissão, marcados por inovação, criação e empolgação frente ao novo.

---

<sup>15</sup> Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Doris Pires Vargas Bolzan professora da Universidade Federal de Santa Maria que atuou como formadora na turma I no Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Pró-Letramento – financiado pelo Ministério da Educação (MEC).

*Eu voltei do Pró-Letramento apaixonada por livros, tanto que eu tinha livros na minha escola que eu não tinha lido, livros de literatura infantil, que hoje, chegou um livro novo eu sou a primeira a ler. A grande maioria dos professores da zona rural, também tem carência de leituras, o professor também é acomodado, e eu acho que primeiro a mudança precisa acontecer no professor, depois no aluno. Como eu vou pedir para um aluno ler, se eu não sou leitora. Eu sempre gostei de ler, acho que eu lia razoavelmente, hoje eu leio muito e eu atribuo ao Pró-Letramento, com certeza foi o Pró-Letramento que fez isso comigo, eu não sei, eu me encantei com o Pró-Letramento, eu só lamento que muitos professores não têm oportunidade, da rede Estadual, todos os professores deveriam ter essa oportunidade, essa formação continuada (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli).*

*Eu sempre digo que eu fiz a pedagogia, toda ela presencial, fiz uma pós também nessa área, mas o Pró-Letramento eu acho que valeu por tudo isso junto. Eu entendi assim: que o ensino não tava se adequando a realidade, a gente não tava conseguindo essas vitórias, o aluno não tava escrevendo, o aluno não tava lendo, ele não tava se comunicando como é o ideal, então é porque tinha alguma coisa que tava fracassando, e eu acredito que depois do Pró-Letramento, principalmente no meu Município, eu to vendo maravilhas, as minhas colegas estão ainda hoje me trazendo trabalhos, coisas maravilhosas e que antes não aconteciam, por isso que eu disse, o Pró-Letramento foi uma benção na minha vida e na minha profissão (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli).*

O Curso de Formação Continuada de Professores para os Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental, Módulo Alfabetização e Linguagem - Pró-Letramento – significou para Noeli uma renovação pessoal e profissional. Todavia, não foi apenas para a Noeli que essa renovação repercutiu, mas também na educação do seu Município, conforme relata a professora: “[...] depois do Pró-Letramento, principalmente no meu Município, eu to vendo maravilhas, as minhas colegas estão ainda hoje me trazendo trabalhos, coisas maravilhosas e que antes não aconteciam”.

Os encontros realizados nas formações do curso possibilitaram, ainda, um trabalho bastante intenso com a leitura, em especial com a leitura de livros infantis. No relato acima, a professora Noeli narra com entusiasmo uma das paixões que foi intensificada ao longo do Pró-Letramento: “*Eu voltei do Pró-Letramento apaixonada por livros, tanto que eu tinha livros na minha escola que eu não tinha lido, livros de literatura infantil, que hoje, chegou um livro novo eu sou a primeira a ler*”. Nesse relato, fica claro que o curso significou para Noeli a sua própria formação como leitora e, mais tarde, possibilitou que ela se tornasse referência para seus alunos.

A partir desse contato intenso e direto com a leitura, junto a essa referência adulta presente dentro da escola, os alunos conquistaram suas posições como leitores. Isso fica claro no seguinte trecho da entrevista narrativa realizada com a professora Noeli:

*O principal impacto do Pró-Letramento foi tornar os alunos leitores, devoram livros, hoje eu tenho que dizer crianças agora vamos parar de pegar livros e vamos trabalhar outra coisa, porque eles só querem ler agora, desperto assim. E outra coisa, as crianças chegam na escola e dizem: professora aquele livro que ontem a professora leu, minha mãe perguntou pra ela ler também, a professora empresta? Então agora os pais estão se tornando leitores, as crianças comentam a leitura e os pais pedem pra elas levar livros pra casa pra eles lerem. É uma maravilha, o pessoal aqui do interior lendo os livros em casa. Aí incentiva as famílias, o aluno, e eu fico maravilhada com isso, estou ajudando a própria família a tornar-se leitora (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli).*

A repercussão do Curso não se deu apenas no ambiente escolar, um lugar em que os alunos “*devoram livros*”. A família também está fazendo parte dessa comunidade leitora na pequena localidade de Arroio Galdino – Município de Boqueirão do Leão/RS –. O mundo mágico da literatura infantil está saindo das quatro paredes da sala de aula e entrando na vida do povo do interior, conforme relata a professora Noeli: “*É uma maravilha, o pessoal aqui do interior lendo os livros em casa. [...] Estou ajudando a própria família a tornar-se leitora*”.

Conforme estudos de Kramer (1998, p. 24), o gosto pela leitura “é construído a partir de experiências positivas, de práticas concretas de ler e escrever, de identificação de interesses, de liberdade (ou não) de escolher”. Dessa forma, Noeli, a partir de experiências positivas que vivenciou no Curso do Pró-Letramento, conseguiu despertar nos seus alunos o significado de se constituir e tornar-se leitor. As práticas socioculturais que referenciam os usos da leitura despertaram o gosto de ler por prazer, por liberdade, com opções de escolhas. Os alunos tornaram-se referências positivas aos pais, que agora também estão se tornando leitores.

A partir do incentivo à leitura, Noeli construiu junto com os alunos e com os pais o “Cantinho de Aprendizagem”. Ali estão todas as produções das crianças: os textos, as poesias, as receitas, as dobraduras, os jogos didáticos; nesse espaço, também se encontram as produções construídas junto com os pais dentro da escola: os brinquedos antigos, as cantigas e as brincadeiras de antigamente.

Como pesquisadora, foi uma satisfação a possibilidade de conhecer esse “cantinho especial”, construído pela professora Noeli, pelos alunos e pelos pais. Noeli leu e mostrou-me

com orgulho os textos produzidos pelas crianças, reconhecendo todos os trabalhos dos alunos, incentivando sempre a criatividade, a autonomia, a autoria e o prazer de ler e escrever. Para Kramer (1993, p. 83),

Ser autor significa dizer a própria palavra; cunhar nela sua marca pessoal e marcar-se a si e aos outros pela palavra dita, gritada, sonhada, grafada... Ser autor significa resgatar a possibilidade de “ser humano”, de agir coletivamente pelo que se caracteriza e distingue os homens... Ser autor significa produzir com e para o outro... Somente sendo autora a criança interage com a língua; somente sendo lida e ouvida pelos outros ela se intensifica, diferencia, cresce no seu aprendizado... Somente sendo autora ela penetra na escrita viva e real, feita na história.

A autora contribui no sentido de valorizar o ser humano como potencialmente ativo, autônomo, como criador das suas próprias produções, da sua marca pessoal, afim de que se crie espaços de interação e aprendizagem.

No decorrer das narrativas da professora Noeli, fica claro que os alunos ocupam um espaço especial na sala de aula, constituindo-se, a cada dia, autores das suas palavras, dos seus textos e das suas obras. Junto com os pais, produzem brinquedos e cantigas que carregam em sua origem histórias e memórias sem fim.

Nas fotografias abaixo (Figuras 20, 21 e 22), trago um pouco do trabalho realizado pela professora Noeli na sua escola:



Figura 20 - “Cantinho de Aprendizagem” construído pela professora, pelos pais e alunos

Fonte: Arquivo pessoal Julia Bolssoni Dolwitsch



Figura 21 - professora Noeli apresentando as produções dos alunos

Fonte: Arquivo pessoal Julia Bolssoni Dolwitsch



Figura 22 - Fotografia de algumas produções dos alunos e dos pais no “Cantinho de Aprendizagem”

Fonte: Arquivo Pessoal Julia Bolssoni Dolwitsch

O Programa de Formação Continuada de Professores para os Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Pró-Letramento – também trouxe contribuições para o Município de Boqueirão do Leão/RS, conforme excerto na entrevista narrativa abaixo:

*No meu município, há pessoas que são mais de idade, já estão vários anos atuando, e a minha preocupação foi essa: como eu vou fazer para mudar a mentalidade dessas minhas colegas, porque eu conhecia muitas e até tinha um pouco de medo delas. E assim, então, eu comecei o curso muito preocupada. Quando eu fui pra Santa Maria, eu fui lá despreparada, eu não sabia nem o que eu ia fazer, a Secretaria de Educação me avisou dois dias antes, que eu teria que ir pra lá, eu no começo relutei, mas fui, de tanto que insistiram fui. Eu cheguei lá e não sabia o que eu ia fazer, eu achei que ia assistir palestras e eu viria pra cá e iria colocar o que eu tinha assistido. Mas quando eu cheguei no primeiro dia eu vi que a realidade era bem outra, que o assunto era outro, confesso que eu fiquei bem assustada. Mas eu sou assim ó, tudo que eu faço eu faço bem feito, eu procuro me dedicar ao máximo e foi o que eu fiz, eu passei as minhas férias do ano passado, organizando os joguinhos, as atividades, eu não saía, eu não fui pra praia, só preparando o curso do Pró-Letramento, porque eu queria realmente fazer a diferença no meu município. O meu objetivo realmente era fazer a diferença no meu município, o meu município vem da zona rural, tem muita carência e eu pensei, então eu vou fazer a diferença. E foi através da leitura que eu comecei. E realmente esses cantinhos de leitura pras crianças tá dando resultado, a Secretaria de Educação já montou quatro bibliotecas volantes que estão passando em escolas pra trazer livros novos, diferentes, e isso foi depois do Pró-Letramento (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli).*

Dentre as contribuições para a Educação do Município, destaca-se a montagem de bibliotecas itinerantes, com literatura infantil e leituras diversas. Essa iniciativa demonstra a aceitação e inserção de novas práticas pedagógicas e de leitura e escrita propostas pelo Curso de Formação Continuada – Pró-Letramento. Isso vem ao encontro das propostas sugeridas pelo Programa do referido Curso a partir das orientações da SEBMEC e pelas Professoras Formadoras que atuaram diretamente na formação destes professores tutores dos municípios participantes, dentre eles, Boqueirão do Leão/RS.

A partir das experiências vivenciadas no curso, Noeli conseguiu, junto à Secretaria de Educação do seu Município, a construção de quatro bibliotecas itinerantes, que passam uma vez por semana em todas as escolas Municipais, inclusive nas localizadas no interior, como a de Noeli. Essas bibliotecas oferecem livros novos e diferentes dos que já têm na escola, possibilitando que os alunos tenham contato com diferentes acervos literários.

Maciel (2008) discute que a leitura do texto literário, seja ele de qualquer gênero, além de proporcionar às crianças, aos jovens e aos adultos o conhecimento de as obras do passado,

possibilita a localização cultural desses sujeitos em um universo letrado, com fluxos de informações cada vez mais amplos e acelerados. Para a autora, a leitura do texto literário acaba “(...) contribuindo de maneira única para a formação de um leitor crítico e capaz de articular o mundo das palavras com o seu eu mais profundo e a comunidade onde ele está inserido” (p. 13). Dessa forma, por meio das leituras literárias que percorrem as escolas rurais do Município de Boqueirão do Leão/RS, através das bibliotecas itinerantes, os professores e alunos têm a possibilidade de tecer múltiplas redes de comunicação, em que histórias pessoais e coletivas revelam-se a partir da leitura dos livros infantis.

Na visita em que fiz à escola de Noeli, pude conhecer uma as bibliotecas volantes<sup>16</sup>. Enquanto eu olhava os livros, encantada, Noeli falava com entusiasmo sobre o trabalho, sobre a alegria das crianças com a chegada das bibliotecas itinerantes e a motivação para ler todos os livros. A professora Noeli conta, ainda, que dois bonecos de meia sempre acompanham a biblioteca itinerante em todas as escolas, em que, no colo desses bonecos, os alunos acomodam os livros que mais gostaram. Desse modo, quando a biblioteca chega à escola, os alunos ficam ansiosos para ler os livros sugeridos pelas crianças de outras escolas e ao mesmo tempo buscam ler livros novos para compartilhar com os demais alunos. É nesse caminho que eu penso que a criação das bibliotecas itinerantes possibilitou, nas escolas de Boqueirão do Leão/RS, a construção de uma rede compartilhada de comunicação, de troca de saberes, de aprendizagens e de leituras.

A seguir, compartilho algumas fotografias da sala de aula da colaboradora da pesquisa com a biblioteca itinerante ao centro:

---

<sup>16</sup> Conforme consta no Relato Autobiográfico (2011) da Professora Noeli Catharina Danieli, as bibliotecas volantes são bibliotecas (construídas com gavetas de armários, cesta de compras, carrinhos de supermercado) que circulam com diversos livros literários pelas escolas do interior de Boqueirão de Leão, RS.



Figura 23 - Fotografia da sala de aula da professora Noeli com a Biblioteca Itinerante ao centro

Fonte: Arquivo Pessoal Julia Bolssoni Dolwitsch



Figura 24 - Fotografia dos bonecos de meia com os livros preferidos dos alunos no colo

Fonte: Arquivo Pessoal Julia Bolssoni Dolwitsch



A biblioteca itinerante, o “Cantinho de Aprendizagem” e o “Cantinho da Leitura” (que será apresentado abaixo) são propostas que foram construídas junto com os professores no decorrer do curso do Pró-Letramento em Boqueirão do Leão/RS. Desse modo, os professores levaram essa proposta para suas escolas e, junto com os alunos, colocaram em prática.

*Na primeira noite do curso aqui no Município, eu comecei colocar pra eles o que era o curso, porque eles não sabiam também. Assim, eu tive uma colega que a primeira questão que ela me fez, foi essa: pra que serve esse curso? E em que ele vai ajudar na minha profissão? Olha, foi uma pergunta bem forte de início. Mas daí eu fui conversando com ela, e eu coloquei que eu também tinha me feito essa questão antes, e que tava valendo à pena, eu tava no fim do curso, mas que eu tava adorando, e que pra mim tava servindo pra muita coisa. Eu senti que ela não tava com vontade de fazer o curso. No final da primeira etapa do curso, essa professora foi a primeira que veio me abraçar, me agradeceu pelo curso e me disse que tinha sido o melhor curso que ela tinha feito na carreira dela. Então pra mim isso foi muito importante, porque realmente o primeiro dia a maneira como ela me fez a questão, a fisionomia dela sabe, me deixou um pouco pra baixo e um pouco triste, mas no final foi a primeira que veio me agradecer, me dar parabéns e que tava amando o curso, que tava servindo pra ela trabalhar na escola, que tava levando coisas novas, coisas interessantes, então, tudo isso compensou. Elas colocaram que os cursos que vêm aqui para o interior, geralmente, são o pessoal de fora que dão. Não é um curso, vem e dão apenas uma palestra, não conhecem a realidade, vem e dão aquela palestra mais por cima e vão embora (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli).*

Inicialmente, Noeli narra, em sua entrevista, certa insegurança frente ao novo, a preocupação em introduzir algo diferente no contexto em que vive e a expectativa da proposta ser rejeitada pelas colegas. No entanto, com determinação e dedicação, Noeli conseguiu realizar um excelente trabalho, cumprindo seu objetivo de causar mudanças no seu Município.

Já no primeiro contato com as professoras que receberam o Curso do Pró-Letramento, Noeli precisou interagir com a resistência de algumas professoras: “*o primeiro dia a maneira como ela me fez a questão, a fisionomia dela, sabe, me deixou um pouco pra baixo e um pouco triste*”. Mas tudo isso foi sendo superado ao longo do curso, através das atividades, das conversas, das trocas de experiências e das soluções dos problemas. Essa mesma professora que questionou a interlocutora da pesquisa, no primeiro dia do curso, com uma expressão de negação, foi a primeira que, ao final da primeira etapa, veio agradecer e parabenizar Noeli pelo excelente trabalho realizado, relatando: “*que tinha sido o melhor curso que ela tinha feito na carreira dela*”.

*Se a gente não tivesse essa oportunidade do Pró-Letramento, de sentar e discutir e ver o que poderia ser feito, que foi chamado de Cantinho da Leitura, as nossas escolas estariam ainda hoje com aqueles livros nas caixinhas, porque, realmente, eu sou muito de fuçar no que vem novo, eu tinha achado os livros, aqueles que vieram*

*do MEC, mas a maioria das minhas colegas estavam com aqueles livros dentro das caixas e quando eu pesquisava essas leituras e levava para o curso para fazer leitura deleite, aí que elas se davam por conta que esses livros estavam dentro das caixas, guardados. Hoje esses livros saíram das caixinhas e estão entrando na mente das crianças e são livros ótimos, maravilhosos que a gente trabalhou no curso, são livros que todos nós tínhamos nas escolas e que não eram explorados, não eram usados, estavam trancados, fechados nas caixas de papelão, livros maravilhosos, todos os textos, todos os tipos de textos, todos os gêneros e poderiam ter sido usados há muito tempo, faltou esclarecimento (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli).*

O curso do Pró-Letramento criou espaços para que os professores pudessem sentar juntos e trocar experiências, práticas, problemas e questionamentos. Foi a partir da leitura que as mudanças começaram a acontecer na cidade de Boqueirão do Leão/RS. Os livros, que antes estavam guardados nas caixas, hoje ocupam o principal espaço da sala de aula e são considerados, pelos professores, alunos e pais, o maior tesouro daquela comunidade.

Abaixo é possível visualizar o “Cantinho da Leitura” construído pela professora Noeli e por seus alunos na escola:



Figura 25 - Fotografia do “Cantinho da Leitura” construído pela professora Noeli e seus alunos na escola

Fonte: Arquivo Pessoal Julia Bolssoni Dolwitsch



Figura 26 - Fotografia do “Cantinho da Leitura” construído pela professora Noeli e seus alunos na escola

Fonte: Arquivo Pessoal Julia Bolssoni Dolwitsch

A partir da criação de um espaço de interação, é possível que os professores construam seus saberes nas ações cotidianas, nos espaços em que estão inseridos e nos processos temporais vivenciados por eles mesmos ao longo da sua trajetória pessoal e profissional.

No decorrer deste capítulo, percorri algumas experiências formativas vivenciadas pela professora Noeli ao longo do Programa de Formação de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental - Pró-Letramento. Experiências que possibilitaram a professora Noeli tecer caminhos instituintes na formação de professores e, conseqüentemente, na educação do Município de Boqueirão do Leão/RS. A partir de referências positivas vivenciadas, ao longo do curso, a professora conseguiu intervir na educação do seu Município, reconstruindo saberes e despertando práticas e ações que já estavam adormecidas dentro das escolas.

## **6 CLASSES MULTISSERIADAS E A MEDIAÇÃO DA LEITURA: “AS PEPITAS DE OURO” QUE PERMANECEM VIVAS NA TRAJETÓRIA FORMATIVA DE UMA ALFABETIZADORA**

*Cada um lê o mundo à luz de suas próprias experiências e das aprendizagens que pôde fazer, cada um diz o mundo com as palavras próprias a seu mundo mental, social, cultural, histórico e a seu imaginário (GALVÃO et al, 2011).*

Início este capítulo com as palavras de Galvão et al (2011, p. 24), com o intuito de expressar representações sobre a vida no contexto rural e sobre as pessoas que habitam esse contexto. Concordo com as palavras da autora quando ela menciona que cada ser humano lê o mundo a partir das experiências que vivenciou e percorreu ao longo da vida. Ou seja, cada ser humano fala sobre o mundo e com o mundo a partir de palavras próprias do seu contexto, da sua cultura e da sua história.

As palavras descritas acima pela autora vão ao encontro do contexto rural expresso nos escritos deste texto, narrado por uma professora que nasceu e ainda hoje permanece nesse espaço. Desse modo, pretendo, neste capítulo, percorrer as experiências formativas narradas pela colaboradora da pesquisa em relação ao seu trabalho com classes multisseriadas. As classes multisseriadas são definidas como uma turma com várias séries/anos no mesmo espaço e um único professor para desenvolver a ação pedagógica. Além disso, procuro destacar o envolvimento da literatura infantil no trabalho realizado pela professora Noeli, após a sua participação no Pró-letramento.

A compreensão de rural, presente neste estudo, perpassa pelo entendimento de um rural como categoria que surge de um contexto histórico-geográfico e sociocultural e extrapola a concepção de um rural eminentemente agrário, atrasado, inferior ao urbano, voltado especificamente para atividades de agricultura e agropecuária. Ao longo deste capítulo, a compreensão de rural está associada às questões da natureza e de seus processos produtivos, considerando-o como um lugar de vida, um lugar onde as pessoas possam fortalecer a sua identidade cultural (FERNANDES, 2004, p. 137).

No contexto rural, existe vida própria, com conhecimentos específicos do povo que lá habita. Entretanto, ao longo da história, a realidade que se tem percebido é uma imposição urbanista cada vez mais crescente, um cenário descontextualizado da vida dos povos do campo.

Para Caldart (2009), é urgente a compreensão de que, por trás da frieza dos dados estatísticos, vive uma parte do povo brasileiro com traços de uma identidade própria. Logo, um povo com relações sociais, aspectos culturais e itinerários de formação que compõem a vida no contexto rural.

A mesma autora coloca que, apesar de políticas existentes no âmbito da educação rural, essas políticas foram pensadas, ao longo da história, para o meio rural e raramente com os sujeitos originários do campo. Como se esses tivessem suas vozes caladas e ao invés de serem sujeitos das ações, passaram a ser sujeitos às ações da educação. Assim, Caldart (2009) contribui no sentido de pensarmos o povo do campo como sujeitos da política e da pedagogia e não os reduzir a instrumentos de implementação de modelos excludentes.

Esse processo de artificialização da vida, fabricado a partir das formas de socialização escolar, fez com que os sujeitos fossem apartados da própria vida e de suas próprias histórias, uma vez que suas experiências sociais não integravam os “cardápios” que constituíam os currículos das escolas rurais. Ou seja, alunos e professores, ao invés de sujeitos de direitos e protagonistas dos currículos escolares, passaram a ser meros destinatários (SOUZA, 2012d, p. 357).

Historicamente, a escola rural vem sendo tratada como sinônimo do desvio daquilo que se projetou como ideal de escola. Os currículos escolares constituem-se fundamentados numa visão urbanocêntrica que insiste em desvalorizar e desqualificar o espaço e o tempo rural (SOUZA, 2012d).

O acelerado processo de globalização e industrialização que, ao longo dos anos, vem modelando a sociedade contemporânea desconsidera a história e as experiências formativas de uma pequena parte da população.

Os que detêm o monopólio do ter, do poder e do saber, controlam os mercados e decidem sobre o que se deve produzir, consumir e exportar. Numa palavra, os colonizados são impedidos de fazer suas escolhas, de tomar as decisões que constroem a sua própria história (BOFF, 1997, p. 5).

Assim, o controle imposto pelo capitalismo atual vai abafando toda e qualquer manifestação que não esteja dentro dos padrões já estabelecidos pelo seu monopólio. É nesse sentido que Fernandes (2011) propõe a construção de um paradigma de resistência, que luta pelo direito do povo, que produza “[...] uma visão de mundo que consiga romper com um conjunto de preconceitos, um conjunto de obstáculos que nós enfrentamos a cada dia” (2011, p. 128). É preciso pensar em um paradigma de resistência que rompa com a visão de território

simplesmente usado para produzir mercadorias; um paradigma que defenda “(...) o território que produz a vida, que garanta a soberania, que garanta o desenvolvimento, que garanta a participação de todos, mas uma participação de qualidade” (FERNANDES, 2011, p. 129).

Para o mesmo autor, pensar o campo como território significa compreendê-lo como espaço de vida, como espaço multidimensional possibilitando criar “(...) leituras e políticas mais amplas do que o conceito de campo ou de rural somente como espaço de mercadorias”. Desse modo, o território para os agricultores rurais não abrange somente o espaço físico ou mercadológico, ele se constitui a partir de relações sociais educativas, culturais, políticas, relações de produção e trabalho. As relações sociais e os territórios devem ser pensados a partir de dimensões complementares e não a partir de relações dicotômicas e excludentes.

As experiências dos sujeitos que habitam o contexto rural, em torno dos tempos e ritmos desenvolvidos no meio local, bem como as especificidades da docência em territórios rurais, não tem sido alvo das pesquisas dos educadores e especialistas dos sistemas educacionais (SOUZA, 2012d). É nesse viés que procuro trazer à tona as narrativas formativas de uma professora que atua há 28 anos na docência no meio rural, mais especificamente em classes multisseriadas.

A professora Noeli Catharina Danieli nasceu e viveu sua infância em uma pequena localidade no interior de Boqueirão do Leão/RS. Nesse contexto, é professora até hoje, completando, no início do mês de março de 2013, 28 anos na docência com classes multisseriadas.

*No início do mês de março de 2013, completei 28 anos de professora. Todos esses anos atuei na zona rural e com classes multisseriadas, inclusive como única docente na escola e a maioria dos anos com 5 turmas juntas. Ainda por 25 anos fui responsável pela merenda, limpeza e horta. Por ser uma escola numa área bem afastada das cidades, enfrentei muitas dificuldades como a falta de espaço físico, de meios de transporte e comunicação, pobreza, falta de água potável e de materiais didáticos e pedagógicos. A Prefeitura responsável pela escola, por muitos anos, ficava numa distância de 53 km (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli).*

*No entanto, nunca desanimei, sempre lutei com muita garra e dedicação para que pudesse fazer o melhor possível pela educação local (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli).*

Ao recordar sobre as condições físicas e materiais da escola, Noeli relata algumas dificuldades enfrentadas para atuar no meio rural: como a falta de espaço físico, de meios de transporte, de comunicação, de água potável, de materiais didáticos e pedagógicos. Conforme a professora relata em outros momentos da sua trajetória, ela precisou dispor de recursos

próprios, principalmente, para a compra de livros, pois a escola tinha poucos recursos materiais e oferecia somente os livros didáticos. Outro obstáculo percorrido pela professora, ao longo da sua trajetória no meio rural, foi a distância entre a escola e a Prefeitura Municipal de Educação, que por muitos anos ficou a uma distância de 53 km da escola de Noeli. Apesar das dificuldades encontradas para atuar no meio rural, Noeli nunca desanimou, sempre lutou com garra e dedicação para melhorar e qualificar a educação do seu Município.

*Nesta caminhada passei por muitas experiências, aprendi e cresci muito em todos os sentidos, não só como profissional. Claro que esta vivência serviu muito para fortalecer minha prática e assim aprimorar os procedimentos e criar novas estratégias que vieram somar e facilitar meu trabalho no dia-a-dia* (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli).

*É muito bom trabalhar na zona rural. Eu adoro trabalhar aqui, o professor é respeitado, reconhecido e valorizado pela comunidade. Os alunos são dóceis e muito carinhosos. Isso é muito gratificante e motiva o professor a melhorar cada vez mais o seu trabalho* (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli).

No decorrer das suas experiências, Noeli relata que toda essa caminhada não significou apenas um crescimento profissional, mas sim um crescimento pessoal. Sua trajetória de vida possibilitou que muitos caminhos fossem percorridos, que muitas vivências fossem vividas e muitas experiências fossem significadas para além da profissão. Foi no seu percurso de vida que a professora conseguiu fortalecer sua prática, reconstruir saberes e criar estratégias para facilitar o seu trabalho no contexto rural.

Em relação a sua atuação no meio rural, Noeli expressa um sentimento bastante afetivo, relatando que adora trabalhar nesse contexto, principalmente pelo respeito, pelo reconhecimento e pela valorização que recebe da comunidade local. *“Os moradores da comunidade são pessoas humildes, com uma bondade infinita, com um carisma incomparável, são hospitaleiros onde prevalece o respeito e a solidariedade entre as famílias”* (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli).

Nesta perspectiva, é possível considerar que, especialmente, a participação dos cidadãos se dá com maior força e colaboração; os esforços de solidariedade ficam visíveis na fala da professora, a qual valoriza e conhece cada história de vida dos moradores da sua comunidade (conforme já expressou em outros momentos do texto).

No decorrer dos seus escritos (auto)biográficos, a professora Noeli faz referência, ainda, aos alunos que são geradores de alegria e motivação para o seu trabalho.

*Amo este lugar, amo a escola e os meus alunos, tenho paixão pelo que faço, pois para o professor não basta apenas gostar, tem que ter paixão pelo que faz. Eu sempre digo do fundo do coração e com muita sinceridade que a minha escola é a melhor escola do mundo. As crianças são super carinhosas, educadas e dedicadas (Autobiografia, Noeli Catharina Danieli).*

O amor e a dedicação pela profissão, pelo lugar onde habita e pela escola que, desde a sua infância, faz parte da sua vida são aspectos que tornam Noeli uma professora realizada, segura e comprometida com a educação do seu Município. *“Eu sempre digo do fundo do coração e com muita sinceridade que a minha escola é a melhor escola do mundo”*. A meu ver, essa frase diz muito, expressa a força e a autonomia de uma professora que construiu isso, que mesmo percorrendo dificuldades, conseguiu, ao longo da sua história, transformar a sua escola na “melhor do mundo”.

Ao longo da entrevista narrativa, a professora Noeli relata que, para muitos professores que atuam no seu Município, trabalhar com classes multisseriadas é uma tarefa penosa e muito difícil, principalmente porque *“[...] exige mais dedicação, esforço, agilidade, empenho, pesquisa e organização do professor, pois dá bem mais trabalho em sala de aula e fora dela.”* (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli).

O Município de Boqueirão do Leão/RS concentra um elevado número de escolas com classes multisseriadas, esse fato justifica-se pelo baixo número de alunos por série matriculados nas escolas. Conforme relato da professora colaboradora da pesquisa, a sua escola serve como uma referência para os moradores da comunidade, por esse motivo continua funcionando.

A escola da professora Noeli - Escola Municipal de Ensino Fundamental Oreste Danieli - atende, no ano de 2013, sete alunos do 1º ao 5º ano abrangendo uma faixa etária de 06 a 11 anos de idade. É uma escola multisseriada, pois atende todos os alunos em uma única sala e com a atuação de apenas uma professora. A instituição possui uma sala de aula com aproximadamente 90 m<sup>2</sup>, uma cozinha e dois banheiros. Dispõe de um pátio cercado onde são realizadas as aulas de educação física, leituras e trabalhos ao ar livre. O terreno no qual está localizada a escola é bastante arborizado e compreende uma área de 2.500 m<sup>2</sup>. Nos fundos da escola, a professora cultiva, em parceria com os alunos e com os pais, uma horta que auxilia na complementação da merenda escolar. A escola possui um significativo acervo de livros de literatura infantil, de livros didáticos, dicionários, revistas e jogos<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> Informações coletadas no Projeto Pedagógico da Escola Municipal de Ensino Fundamental Oreste Danieli, 2013.



A comunidade de Arroio Galdino, localizada no interior de Boqueirão do Leão/RS, é composta por vinte e cinco famílias que têm como atividade econômica a agricultura, principalmente o cultivo do fumo e alguns produtos de subsistência, como, feijão, milho, aipim, batata, entre outros. Atualmente, algumas famílias dedicam-se, ainda, na produção de aves para o abate. A população local caracteriza-se por pessoas mais idosas e descendentes dos fundadores da comunidade. A maioria dos moradores está dentro do nível de escolaridade entre o 1º e 9º ano do Ensino Fundamental, e todos os alunos, em idade escolar, estão matriculados na escola. Conforme informações disponíveis no Projeto Pedagógico da escola, a comunidade mostra-se bastante participativa, buscando sempre colaborar com os eventos e atividades proporcionadas pela escola. A partir dessa integração entre escola e família, foi criado o Conselho Escolar que está sempre pronto para sentar e discutir os problemas que possam surgir<sup>18</sup>.

A comunidade enfrenta dificuldades com os meios de transportes. O único meio de transporte coletivo que trafega pela comunidade é o ônibus escolar, e nas férias não há transporte disponível para os moradores. Os meios de comunicação estão mais presentes na vida da população, visto que a maioria das famílias dispõe de rádio, televisão e telefone. Seis famílias da comunidade assinam o jornal da cidade e dez famílias possuem computadores com acesso à internet. Outras dificuldades enfrentadas pela comunidade são: falta de comércio próximo à localidade, deficiência com o saneamento básico e armazenamento de lixo, carência de hospitais e tratamento dentário próximo à comunidade<sup>19</sup>.

A escola mantém um excelente relacionamento com as famílias da comunidade, buscando realizar um trabalho integrado e colaborativo com o contexto rural que está inserida. A partir do Projeto Pedagógico da escola e das narrativas expressas pela professora Noeli, fica evidente que a comunidade está envolvida com a educação do Município, buscando construir junto com a escola uma rede compartilhada com o intuito de qualificar, cada vez mais, a educação da cidade de Boqueirão do Leão/RS.

Em relação às estratégias utilizadas pela professora Noeli, no trabalho com classes multisseriadas, ela destaca que:

*O professor deve ser realmente comprometido com a aprendizagem dos alunos. Avaliar sua realidade, verificando o que dispõe e o que pode fazer com o que tem (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli).*

---

<sup>18</sup> Informações coletadas no Projeto Pedagógico da Escola Municipal de Ensino Fundamental Oreste Danieli, 2013.

<sup>19</sup> Informações coletadas no Projeto Pedagógico da Escola Municipal de Ensino Fundamental Oreste Danieli, 2013.

*Quando disse que muitas estratégias foram criadas, preciso também citar que muitas conclusões e observações foram necessárias para desempenhar um bom trabalho. Neste sentido cito como relevante trabalhar com projetos, pois a partir dele posso envolver todos os alunos. Também é preciso ter cuidado para que os temas sejam de interesse dos alunos e da sua realidade (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli).*

A escola e a docência em espaços rurais, assim como em qualquer espaço educacional, precisam considerar o lugar como uma importante categoria de análise espacial. É por meio da compreensão e do conhecimento do lugar que os professores das escolas rurais poderão compor suas práticas educativas com o intuito de respeitar e apreender sobre os saberes sociais dos alunos construídos mediante suas interações com o lugar onde produzem a vida (SOUZA, 2012d). Assim, o lugar é entendido como o espaço vivido, local onde as relações pessoais, sociais e culturais acontecem constantemente, sofrendo suas mudanças.

Nesse sentido, o lugar (espaço rural) é tomado como espaço de aprendizagem, como “espaço aprendente”, participa da ação coletiva como expressão de identidade cultural e de solidariedade coletiva. Isso passa pelas redes de saber que circulam e se ligam num território. Um lugar, através da rede de ações (local-global) que ele favorece, através da atualização das redes de atores que o atravessam, é “aprendente” porque permite produzir marcas do conjunto de relações que nele se estabelecem e, sobretudo, dos processos de passagem recíprocos entre saberes formalizados e saberes da experiência (SOUZA, 2012d, p. 359-360).

A lógica urbanocêntrica que ainda persiste sobre o mundo rural faz emergir a necessidade de reconstrução do sentido de “lugar”, “[...] o qual é entendido como contexto territorial e espaço de participação, exigindo dupla mobilidade: uma em seu interior e outra em seu exterior”. Essas mobilidades vinculam-se aos lugares de aprendizagem e desafiam as comunidades rurais a (re)inventarem um lugar que permita a reconstrução de sentidos, a participação democrática, a articulação da escola com a realidade social vivenciada pelos atores que habitam os territórios rurais (SOUZA, 2012, p. 47).

É nesse contexto que a professora Noeli busca criar estratégias para trabalhar com os alunos do meio rural. Foi através da metodologia de projetos que ela encontrou um meio viável e qualificado para envolver os diferentes níveis de ensino que habitam a sua turma. As temáticas propostas pela professora visam sempre envolver os alunos e surgem a partir da realidade rural vivenciada por todos.

A seguir, apresento algumas fotografias dos projetos desenvolvidos pela professora Noeli ao longo da sua trajetória profissional, demonstradas nas Figuras 27, 28, 29, 30:



Figura 27 - Fotografia dos alunos trabalhando no projeto sobre agrotóxicos desenvolvido pela professora Noeli

Fonte: Arquivo Pessoal Noeli Catharina Danieli

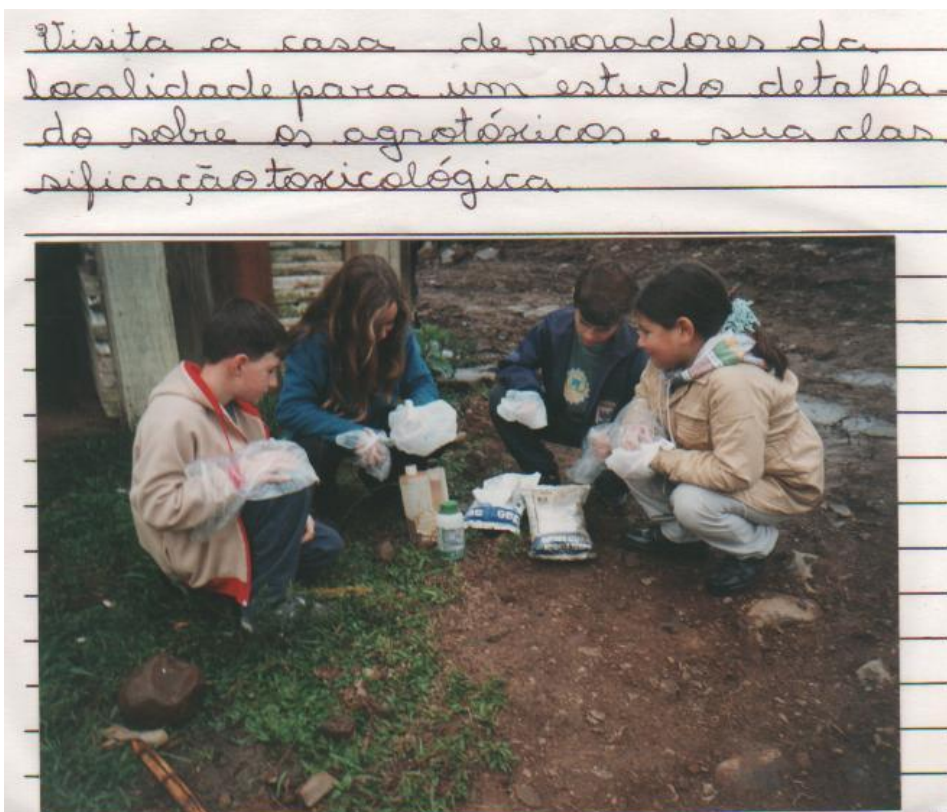


Figura 28 - Fotografia dos alunos trabalhando no projeto sobre agrotóxicos desenvolvido pela professora Noeli

Fonte: Arquivo Pessoal Noeli Catharina Danieli



Figura 29 - Fotografia da horta construída pelos alunos no “Projeto Horta” desenvolvido pela professora Noeli em sua escola

Fonte: Arquivo Pessoal Noeli Catharina Danieli



Figura 30 – Projeto desenvolvido com os pais dentro da escola sobre os brinquedos de antigamente

Fonte: Arquivo Pessoal Noeli Catharina Danieli

Os projetos desenvolvidos pela professora Noeli integram a realidade rural vivenciada pelas crianças e vão ao encontro da proposta de trabalho desenvolvida com as classes multisseriadas na cidade de Boqueirão do Leão/RS.

Conforme estudos desenvolvidos por Hernández; Ventura (1998, p. 61), a função do projeto é favorecer a criação de estratégias de organização dos conhecimentos escolares em relação a: “1) o tratamento da informação” e “2) a relação entre os diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses que facilitem aos alunos a construção de seus conhecimentos, a transformação da informação procedente dos diferentes saberes disciplinares em conhecimento próprio”. Os autores destacam que as diferentes fases e atividades que se devam desenvolver em um projeto ajudam os alunos a conscientizar-se do seu processo de aprendizagem e exige dos educadores estabelecer uma organização mais aberta e flexível dos conteúdos escolares.

É importante destacar que a temática do projeto não será definida pela professora ou pelos livros didáticos que possam estar disponíveis na escola, mas sim surge em função do

que cada aluno já sabe sobre um tema e da informação com a qual se possa relacionar dentro e fora da escola (HERNÁNDEZ; VENTURA, 1998).

O entendimento sobre projeto defendido por estes autores vai ao encontro da proposta de trabalho desenvolvida pela professora Noeli, visto que a colaboradora sempre procura partir dos conhecimentos já apreendidos pelos alunos sobre determinado tema. Logo, a realidade sociocultural dos alunos e do contexto que envolve a comunidade sempre está presente de um modo ou de outro nos projetos desenvolvidos pela professora.

Um ponto positivo destacado pela professora Noeli em relação ao seu trabalho com as classes multisseriadas, envolve a integração dos alunos de diferentes idades na mesma sala. A partir da narrativa abaixo, fica claro que o processo de integração dos alunos auxilia e qualifica o trabalho desenvolvido através dos projetos.

*Outro fato positivo é que como todos os alunos ficam numa única sala, quando se trabalha um assunto com as turmas maiores, os menores já vão interagindo com o assunto. E quando chegar o momento de trabalhar aquele conteúdo, os alunos menores já possuem algum conhecimento, o assunto torna-se familiar (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli).*

A relação entre os diferentes conteúdos explorados pela professora Noeli, a partir do trabalho com projetos, facilita aos estudantes dos primeiros anos do ensino fundamental (1º, 2º e 3º ano) a construção de seus conhecimentos, a transformação da informação procedente dos diferentes saberes disciplinares em conhecimento próprio (HERNÁNDEZ; VENTURA, 1998). A partir da interação dos diferentes conteúdos, os alunos dos primeiros anos vão se familiarizando com o tema e construindo algumas hipóteses sobre o assunto estudado. Por outro lado, os alunos do 4º e 5º têm a possibilidade de auxiliar e acompanhar o desenvolvido dos colegas, construindo uma rede de interações, em que o ato de ensinar e aprender não fica restrito ao professor.

A professora Noeli compreende, ao longo dos seus 28 anos de experiência com classes multisseriadas, que esse trabalho integrado e colaborativo entre os alunos constitui-se como uma estratégia positiva para o processo de desenvolvimento das crianças. Isso, principalmente, por que dentro do ambiente escolar existe uma sintonia entre alunos e professor.

Ao longo da entrevista narrativa, a professora Noeli menciona que os desafios percorridos, no trabalho com classes multisseriadas, são grandes, mas também trazem recompensas grandiosas. O primeiro desafio destacado pela professora em relação ao trabalho

com a multisseriação é o fato de estar sozinha na escola. Ela relata que, muitas vezes, sente necessidade e vontade de conversar com uma colega, de compartilhar angústias, dúvidas, dificuldades e vitórias. Talvez seja pelo fato de estar sozinha na escola, que os encontros realizados com as professoras do Pró-Letramento na cidade de Boqueirão do Leão/RS tiveram tamanha repercussão. Nesse espaço, a professora Noeli, assim como todas as professoras do Município, puderam compartilhar suas experiências, puderam relatar sobre suas práticas e narrar um pouco sobre suas histórias.

A colaboradora da pesquisa relata, ainda, que, muitas vezes, encontra dificuldades para atender individualmente os alunos que precisam de uma maior atenção.

*Também encontro algumas dificuldades em atender alunos de diferentes idades. Hoje, por exemplo, atendo do 1º ao 5º ano e os alunos menores precisam de mais apoio, motivação, atendimento individual de acordo com as necessidades. E muitas vezes isso não é possível. Os alunos que começam a sua escolaridade na grande maioria nunca frequentaram a Educação Infantil e, portanto apresentam algumas dificuldades de adaptação, socialização e até na coordenação motora fina, nas atividades de recortes, colagens, pintura, etc. Necessitando apoio e acompanhamento (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli).*

*É muito comum na minha realidade os alunos ingressarem na escola no 1º ano e permanecer até o 5º ano com a mesma professora. E comigo é exatamente assim: os alunos criam um vínculo entre si e com a professora e o trabalho torna-se mais produtivo. Com isso verifico as aprendizagens, as dificuldades, o que ficou pendente e o que precisa melhorar a cada ano (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli).*

É perceptível nas palavras de Noeli, a relevância que representa para um aluno de escola rural, considerar as especificidades da infância, os saberes do lugar e as vivências cotidianas do espaço rural, trazendo-as para as práticas de sala de aula. A narrativa expressa pela professora Noeli possibilita a percepção desta preocupação, em dar suporte aos alunos que, na maioria das vezes, não passaram pela educação infantil e ainda precisam de auxílio para adaptar-se com os colegas, com o lápis, com a tesoura, enfim, com as atividades que se constituem como novas para os alunos do 1º ano do Ensino Fundamental.

*Hoje entendo que a escola do campo em que vivi me respeitou na infância como criança e na adolescência como adolescente. Guardo um profundo reconhecimento de professores que me ensinaram a grande lição, a respeitar-me e respeitar os outros porque fui respeitado nos meus tempos humanos, nas minhas vivências, nos saberes e nas identidades do campo. Essa escola é possível (Arroyo, 2010, p. 14).*

Essa escola, a qual se refere Arroyo (2010), valoriza o aluno na sua integridade, respeita a infância, levando em consideração as suas especificidades, busca reconhecer os alunos e os professores partindo do que cada um é, e não projetando um modelo ideal de ser humano.

As classes multisseriadas significam para os moradores da Comunidade de Arroio Galdino, assim como para muitas outras comunidades distribuídas pelo vasto território brasileiro, a permanência da comunidade no espaço rural, bem como a garantia da escolarização para os trabalhadores que habitam o contexto rural.

As escolas multisseriadas, nas palavras de Arroyo (2010, p. 10), “[...] merecem outros olhares”, pois ainda hoje existem “[...] imaginários extremamente negativos a ser desconstruídos: a escola multisseriada pensada na pré-história de nosso sistema escolar; vista como distante do paradigma curricular moderno, urbano, seriado”. A escola multisseriada rotulada pela baixa qualificação do ensino e dos professores, pela falta de condições materiais e didáticas, pela complexidade do exercício da docência em classes multisseriadas, pelo atraso da formação escolar dos sujeitos que habitam o contexto rural em relação ao urbano.

Uma das riquezas que percebo, ao longo das narrativas da professora Noeli, é o seu desejo de mudar a visão negativa do campo e dos povos que habitam o contexto rural, com o intuito de mudar a visão das escolas multisseriadas. É também ver e perceber que a escola multisseriada está viva, que os moradores do contexto rural habitam um território social, histórico e cultural, constituindo suas identidades sociais nas ações coletivas da comunidade.

É nesse caminho que reflito, amparada por estudos de Arroyo; Fernandes (1999), que a escola rural articula-se com processos educativos que passam pelo conjunto de experiências, construído e produzido na relação do homem com a terra. Pensar em um projeto de educação, nesse contexto, significa pensar que a produção vai além do lucro e do consumo, é um processo pelo qual o homem do campo constitui-se sujeito cultural. Nesse sentido, a escola multisseriada não pode ser uma adaptação da escola urbana.

Não olhem só para a educação da cidade, digam a este país, repitam e mostrem a este país que a escola rural não é uma adaptação da escola urbana, uma adaptação dos parâmetros curriculares. Mostrem as especificidades do homem do campo, sua cultura, seus saberes, sua memória e história. (ARROYO; FERNANDES, 1999, p. 42)

Ao dialogar com os autores acima, percebo que a escola multisseriada vai além de uma adaptação urbanista de educação. A escola multisseriada articula-se com os processos



formativos da comunidade que habita o contexto rural, articula-se com as experiências e as vivências que o ser humano tem ao longo da sua trajetória de vida. Sendo assim, constitui-se como “um projeto de escola que se articula com os projetos sociais e econômicos do campo, que cria uma conexão direta entre formação e produção, entre educação e compromisso” (ROCHA, 2009, p. 40).

A escola rural precisa dar conta de uma educação básica de qualidade, necessita ser pensada a partir de políticas públicas que considerem o contexto rural e principalmente os sujeitos que constituem esse contexto. Arroyo; Fernandes (1999, p. 16-17) contribui dizendo que precisamos superar uma concepção simplista de educação, a imagem que para a escolinha rural qualquer coisa serve. “Em nossa história domina a imagem de que a escola no campo, tem que ser apenas a escolinha rural das primeiras letras. A escolinha cai não cai, onde uma professora que quase não sabe ler, ensina alguém a não saber quase ler”. A escola rural precisa dar conta da educação básica como direito do povo, como direito ao conhecimento, à cultura, ao saber produzido socialmente.

De acordo com Arroyo (2010, p. 10), existe uma discussão histórica de que essa imagem negativa do campo e de suas escolas teve e tem uma intencionalidade política perversa: “[...] reduzir o campo, suas formas de existência e de produção de seus povos à inexistência”. A escola do campo é, dessa forma, considerada como não escola; os educadores, como não educadores, a organização curricular multisseriada como inexistente. “Enquanto esses imaginários e paradigmas hierarquizantes, inferiorizantes, segregadores persistirem as pesquisas e análises nascerão viciadas, preconceituosas”.

A escola multisseriada tem um caráter negativo para a visão seriada urbana, como se a escola multisseriada precisasse ser reorganizada, precisasse ser transformada em escola seriada do campo. Conforme Arroyo (2009) agora é o momento de terminar com a estrutura seriada urbana, pois não teria sentido levar para o campo um modelo que já está quebrado, caindo aos pedaços, que é o sistema seriado. O Brasil é um dos últimos países a manter essa escola rígida de séries anuais, de bimestres, e isso não pode ser transferido para a escola do campo.

Para Caldart (2009), construir uma escola do campo significa estudar para viver nesse contexto. A autora menciona que precisamos inverter a lógica de que se estuda para sair do campo, de que o campo é um lugar de atraso, de que viver no campo é feio ou vergonhoso. “A escola do campo tem que ser um lugar onde especialmente as crianças e os jovens possam sentir orgulho desta origem e deste destino” (p. 157).

É nesse contexto que concordo com Souza (2012d, p. 361), quando ele menciona que é preciso melhores investimentos no espaço rural, valorizando práticas de intervenção social, a oferta de uma educação de qualidade e professores com formação acadêmica e conhecimentos que condizem com o contexto rural de atuação. “O papel exercido pela escola no contexto rural destaca-se pela necessidade do desenvolvimento de práticas educativas e educacionais vinculadas ao cotidiano, à cultura e à alternância”. Práticas essas que possam favorecer a fixação do homem do campo no campo, diminuindo o êxodo rural e o acúmulo da população nas cidades.

De fato, o território rural já ocupa um cenário de muitas conquistas, que são frutos, principalmente, das reivindicações dos movimentos sociais, tendo no espaço rural uma presença marcante. No entanto, a docência rural presente nesses espaços ainda precisa de investimentos, no sentido de fortalecer esses profissionais para que conheçam a comunidade, o contexto no qual vão atuar e os alunos com quem viverão tempos e tempos (SOUZA, 2012d).

Desse modo, delimito a escrita deste capítulo para o fim, não quero me referir ao final de tudo, mas apenas ao fim de algumas linhas que, mais tarde, poderão ser reescritas, [re]significadas e/ou reorganizadas.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS... NARRATIVAS DE VIDA [RE]SIGNIFICADAS PELO TRABALHO COM A LITERATURA INFANTIL**

*Livros à disposição e, quando não eles (...) seres contadores de histórias ou apaixonados pelas palavras podem ser os despertadores do desejo da leitura. Estar aberto à fantasia é condição essencial para que os livros sejam procurados, suas páginas sejam abertas e as escolhas possam começar a serem feitas (RITER,2009).*

Neste capítulo, apresento as considerações finais de uma Dissertação de Mestrado que teve como foco investigativo compreender, por meio das narrativas (auto)biográficas, como a literatura infantil influenciou as trajetórias formativas de uma professora de classe multisseriada a partir de sua participação no Programa Pró-Letramento.

Por mencionar trajetórias formativas, trago a minha inquietação em escrever o último capítulo desta Dissertação, principalmente ao salientar que o “difícil é parar no meio do caminho quando se vislumbra ainda muito a caminhar” (TONIOLO, 2010, p. 98). A partir das leituras realizadas ao longo do trabalho, em especial, as leituras das narrativas da professora Noeli, compreendi o quanto ainda há para se aprender e compreender que o trabalho com narrativas de vida, além de possibilitar a [re]significação de práticas pedagógicas no percurso formativo da colaboradora da pesquisa, tornou-se um instituinte nas trajetórias formativas do próprio pesquisador.

Entre as experiências vividas neste estudo, destaco a complexidade das trajetórias formativas vivenciadas em escolas rurais, que sinalizam desafios e enfrentamentos, sonhos e realizações, bem como modos singulares de exercer a docência no contexto rural. Ao longo desta investigação, busquei uma aproximação com as trajetórias formativas da professora Noeli, as quais certamente ficarão marcadas em minha memória e passarão a fazer parte do meu próprio processo de formação. É nesse sentido que reflito que o pesquisador não nasce pronto, tampouco, constitui-se por completo de uma hora para outra. Logo, há um processo de formação contínua do pesquisador, que vai se constituindo no diálogo com o outro, na troca de experiências, nas leituras e releituras que atravessam o seu caminho.

Conforme Abrahão (2008), as pesquisas que se utilizam da história de vida têm se consolidado com fértil no que se refere ao trabalho com os professores, principalmente, por propiciar um espaço aberto e flexível no compartilhamento das experiências. Isso certamente

contribui de forma significativa e enriquece a formação do pesquisador e do colaborador da pesquisa.

Para a realização deste estudo, utilizei o Método Biográfico História de Vida que possibilitou, por meio de narrativas autobiográficas, a minha aproximação com a história de vida de uma alfabetizadora rural. Além disso, o trabalho com a pesquisa (auto)biográfica possibilitou a própria formação do sujeito investigado, tornando este estudo um dispositivo de formação continuada para a professora participante.

De acordo com Josso (2006, p. 27), os relatos de histórias de vida permitem constatar a importância das práticas de explicitação e de desenvolvimento de projetos de formação – “o caráter extremamente heterogêneo das motivações, necessidades e desejos” dinamizam o investimento de estudantes adultos e profissionais em formação continuada.

Na educação, a crescente utilização da abordagem biográfica busca trazer à tona as representações sobre experiências educativas e formativas dos professores, bem como possibilita adentrar em um campo subjetivo, em que diferentes mecanismos e processos históricos referentes à educação possam ser universalizados em seus diferentes tempos (SOUZA, 2006).

Seguindo o viés da transformação, através da análise das narrativas de vida de uma professora de classe multisseriada, pude visualizar as mudanças e os avanços educacionais que o curso do Pró-Letramento gerou no Município de Boqueirão do Leão/RS, na Secretaria Municipal de Educação (SMED), na escola, na comunidade da colaboradora da pesquisa e na própria formação da professora Noeli.

Ao reviver as lembranças, Noeli relata os sentimentos que estiveram presentes em grande parte de sua vida. A insegurança, as expectativas, o medo, as decepções, as vitórias foram pontos marcantes na memória da colaboradora. Como esquecer os primeiros contatos com as letras que apareciam nos cadernos, nas redações e nas cartas dos irmãos? Como esquecer a reprovação no primeiro ano do Ensino Fundamental? Como esquecer o primeiro livro de história recebido pelo professor Mauro? Como não lembrar os desafios do início da carreira? Como esquecer as experiências vivenciadas no Curso do Pró-Letramento?

Experiências que a possibilitaram gerar mudanças no espaço rural em que vive, na sua escola, nos professores do seu Município, na pequena comunidade de Arroio Galdino. Noeli não realizou o Pró-Letramento apenas preocupada com a sua formação, ou com a formação dos professores que receberam o curso, ela queria propor desafios novos e diferenciados para educação do seu Município, nos quais pudesse envolver a comunidade, os professores, os alunos e os pais. Diante disso, foi por meio da leitura que ela conseguiu resultados: os livros

de literatura infantil que, antes estavam trancados em armários, hoje fazem parte da aprendizagem dos alunos e ocupam um lugar especial dentro da sala de aula. Desse modo, as experiências positivas com a literatura infantil, no decorrer do Curso do Pró-Letramento, ressignificaram, de um modo outro de outro, as trajetórias formativas da professora Noeli.

Durante o processo do Curso, as professoras que, no início, mostraram-se resistentes foram interagindo com a colaboradora da pesquisa, as falas foram surgindo, os problemas foram sendo refletidos e as práticas foram sendo compartilhadas. Todos esses detalhes constituíram uma trama de experiências, possibilitando aos professores a construção de um espaço de formação continuada dentro da profissão.

*[...] quando eu ia fazer o curso em Boqueirão nas atividades que eu proporcionava pra elas, tinha colegas que apresentavam, que se jogavam no chão, faziam teatros, dramatizavam, coisas que eu nunca poderia imaginar que aquelas pessoas iriam fazer. Teve uma colega minha que se levantou e disse: olha faz anos que eu não fazia mais isso, faz anos que eu não cantava mais pra minhas crianças, que eu estava muito pra baixo, mas agora eu tirei do fundo da gaveta e vou fazer tudo isso de novo (Entrevista Narrativa, Noeli Catharina Danieli).*

O trabalho desenvolvido por Noeli, a partir do Curso do Pró-Letramento, envolveu os professores de modo que esses puderam repensar suas práticas como docentes. Os professores, durante o Curso, exploraram momentos de reflexões, brincadeiras, leituras, expressões corporais e vocais. Isso, então, fez ressurgir lembranças das práticas desenvolvidas no início da carreira, proporcionando aos docentes uma reconstrução crítica e confiante das práticas de sala de aula.

*Assim foi possível nos apropriarmos dessa nova prática e através de muitos questionamentos e reflexões sobre a realidade educacional, principalmente no que diz respeito a leitura, assumir um desafio para mudar o quadro educacional começando pelo professor, para que seja exemplo na formação de leitores plurais (Relato Autobiográfico - Noeli Catharina Danieli).*

Nesse sentido, notei que a colaboradora da pesquisa demonstrou, ao longo da sua trajetória de vida, abertura para o novo e a capacidade de compartilhar com os demais professores a formação continuada recebida por meio do Pró-Letramento.

Além disso, o presente estudo contribuiu para ampliar discursos e discussões acerca da educação rural, em especial da educação desenvolvida em classes multisseriadas. Na visão de Souza; Meireles (2014), as discussões referentes às perspectivas educacionais rurais tornam-

se cada vez mais relevantes, principalmente porque as escolas rurais brasileiras se constituem como um veículo de educação e de desenvolvimento para os sujeitos inseridos nesse contexto. É preciso ultrapassar o discurso empobrecido construído em torno da escola rural e da formação continuada e dar destaque para as contribuições que essas escolas têm na vida dos sujeitos que lá habitam.

No decorrer da trajetória pessoal e profissional de Noeli, é possível perceber a relevância que representa, para um aluno de escola rural, considerar as especificidades e os saberes do lugar trazendo essa bagagem cultural para as práticas de sala de aula. Para Arroyo; Fernandes (1999), um processo educacional de qualidade precisa, necessariamente, considerar o meio em que o educando vive e os espaços educativos construídos em parceria com a comunidade local.

As classes multisseriadas significam, para os moradores daquele contexto, muito mais do que apenas escola, um lugar que foi instituído pela sociedade para se aprender a ler e a escrever. Além desse papel, o significado, para eles, é bem mais amplo, ou seja, é um espaço responsável pelo desenvolvimento educacional dos sujeitos do campo e a permanência da comunidade rural no seu território de vida.

Uma das riquezas que percebo, na história de vida da colaboradora da pesquisa, como já mencionei anteriormente, é a sua luta para mudar a visão negativa do campo e dos povos que habitam o contexto rural. Além disso, compreender que a escola multisseriada não está esquecida, acabada ou empobrecida. Com esses aprendizados, tive a possibilidade de perceber que ela está viva, principalmente nos corações e nas ações coletivas da comunidade.

Sendo assim, as experiências vivenciadas por mim, nesta pesquisa, além de uma investigação acadêmica, foram ao encontro da minha própria formação como docente. A História de Vida escrita carinhosamente pela interlocutora da pesquisa revelou saberes e experiências, trazendo, desse modo, contribuições para a história daqueles que lutam por uma educação pública de qualidade.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Anotações teórico-metodológicas do trabalho com fontes visuais e audiovisuais em pesquisas com Histórias de Vida e Memoriais de Formação. **Educação**, Santa Maria, UFSM, Vol 39, n.1, 2014. Disponível em: [http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reeducacao/article/viewFile/11341/pdf\\_1](http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reeducacao/article/viewFile/11341/pdf_1)  
Acesso em: 20 jan. 2014.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. As narrativas de si resignificadas pelo emprego do método autobiográfico. In: ABRAHÃO, Maria Helena; SOUZA, Elizeu Clementino (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **Identidade e vida de educadores rio-grandenses: narrativas na primeira pessoa (... e em muitas outras)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004b.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). Pesquisa (auto)biográfica – tempo, memória e narrativas. In: **A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Narrativas (auto)biográficas de formação e o entrelaçamento com a autorregulação da aprendizagem. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **(Auto)biografia e formação humana**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

ANTUNES, Helenise Sangoi. Imaginário social e formação inicial de professores; tecendo relações entre teorias e práticas educativas. In: ANTUNES, Helenise Sangoi (Org.) **Trajectoria docente: o encontro da teoria com a prática**. Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Departamento de Metodologia do Ensino: Editora Palloti, 2005.

ANTUNES, Helenise Sangoi. Relatos autobiográficos: uma possibilidade para refletir sobre as lembranças escolares das alfabetizadoras. In: ANTUNES, Helenise Sangoi (Org.). Dossiê Alfabetização e Letramento. **Educação**, Santa Maria, UFSM, Vol 32, n.1, 2007.

\_\_\_\_\_. Lembranças escolares de professoras alfabetizadoras: possibilidades de reflexão na formação de professores. In: ANTUNES, Helenise Sangoi; BARCELOS, Valdo (Orgs.). **Alfabetização, Letramento e Leitura: territórios formativos**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

\_\_\_\_\_. **Ser aluna, ser professora:** uma aproximação das significações sociais instituídas e instituintes construídas ao longo dos ciclos de vida pessoal e profissional. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011.

ANTUNES, Helenise Sangoi; FARIAS, Graziela Franceschet. A cultura escrita para além do ambiente formal de aprendizagem: interagindo com possibilidades do meio rural e urbano. In: ANTUNES, Helenise Sangoi; FARIAS, Graziela Franceschet (Orgs.). **Desafios e perspectivas na Educação Rural:** fazeres pedagógicos e seus múltiplos olhares. Curitiba, PR: CRV, 2014.

ANTUNES, Helenise Sangoi. et al. **Ciclos de vida pessoal e profissional na trajetória docente.** 1. ed. Santa Maria, RS: Editora Universitária, v. 1. 86p. 2001.

ARROYO, Miguel Gonzalez. A Educação Básica e o Movimento Social do Campo. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs.). **Por uma Educação do Campo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Escola: terra de direito. In: ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; HAGE, Salomão Mufarrej (Orgs.). **Escola de direito:** reinventando a escola multisseriada. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Formação de educadores e educadoras do campo.** Brasília, DF: Mimeo, 2005.

ARROYO, Miguel Gonzalez; FERNANDES, Bernardo Mançano. **A educação básica e o movimento social do campo.** Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, 1999. Coleção Por Uma Educação Básica do Campo, n° 2.

BARCELOS, Valdo. Literatura, intercultura e formação docente – um entre-lugar a ser visitado. In: Dossiê Imaginário e Educação. **Revista do Centro de Educação.** Santa Maria, UFSM, Vol 34, n. 3, 2009.

BARCELOS, Valdo; FRIEDBEIN, Mariolinda. A leitura e a escrita na vida de professoras: do vivido, do aprendido e do ensinado. In: ANTUNES, Helenise Sangoi; BARCELOS, Valdo (Orgs.). **Alfabetização, Letramento e Leitura:** territórios formativos. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras Escolhidas.** São Paulo: Brasiliense, 1993.



BERKENBROCK-ROSITO, Margaréte May. Colcha de Retalhos: história de vida e imaginário na formação. In: Dossiê Imaginário e Educação. **Revista do Centro de Educação**. Santa Maria, UFSM, vol. 34, n. 3, set/dez. 2009.

BOFF, Leonardo. **A Águia e a Galinha**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BOLZAN, Doris Pires Vargas. **Formação de Professores**: compartilhando e reconstruindo conhecimentos. Porto Alegre: Mediação, 2002.

BOLZAN, Doris Pires Vargas. O conhecimento pedagógico compartilhado e a aprendizagem docente: elementos constituintes dos processos formativos na educação superior. In: **Políticas Educativas**. Campinas, v. 1, n. 1, p. 69-79, out. 2007. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Poled/article/view/18252/10736>. Acesso em: 01 mai. 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças dos velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CALDART, Roseli Salete. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Orgs). **Por uma Educação do Campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DANIELI, Noeli Catharina. **Relato Autobiográfico**. Impresso, 2011.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Tradução de Maria da Conceição Passegi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passegi. – Natal, RN: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2008.

DIAS, Cleuza Maria Sobral. **Processo identitário da professora-alfabetizadora**: mitos, ritos, espaços e tempos. Tese (doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação – Porto Alegre: PUCRS, 2002.

DOLWITSCH, Julia Bolssoni. **Pró-Letramento**: concepções sobre a leitura e a escrita na visão de uma alfabetizadora rural. 2012. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.

DOMINICÉ, Pierre. A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. In: NÓVOA, António e FINGER, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHSCFAP, 1988.

FELLER, Elinara Leslei. **Processos formativos e o ciclo de vida de uma professora alfabetizadora**. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

FERNANDES, Bernardo Maçano. Educação do Campo de desenvolvimento territorial rural. In: **Revista NERA**. n. 18, jan-jun, 2011.

FERNANDES, Bernardo Maçano. Diretrizes de uma caminhada. In: ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

FERNANDES, Bernardo Maçano. Os Campos da Pesquisa em Educação do Campo: espaços e territórios como categorias essenciais. In: MOLINA, Mônica Castagna. **Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006.

FISCHER, Beatriz T. Daudt (Org.). **Tempos de escola: memórias**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, Volume II, 2011.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Alfabetização hoje: onde estão os métodos? In: **Revista Presença Pedagógica**. v. 9, n. 50. mar/abr. 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GALVÃO, Izabel et al. Abertura das práticas da intervenção social ao território: um dispositivo de pesquisa e formação. In: **Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 20, n. 36, 2011. Disponível em: <http://www.uneb.br/revistadafaceeba/files/2011/05/Revista-n36.pdf> Acesso em 20 Set. 2013.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GUEDES-PINTO, A. L. **Rememorando trajetórias da professora alfabetizadora: a leitura como prática constitutiva de sua identidade e formação profissional**. Campinas, SP: Mercado de Letras; Fapesp, 2002.

HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. In: In: ABRAHÃO, Maria Helena; SOUZA, Elizeu Clementino de (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

KRAMER, Sonia. Leitura e escrita de professores. Da prática de pesquisa à prática de formação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 7, p. 19-41, 1998.

\_\_\_\_\_. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. Leitura e escrita como experiência – seu papel na formação de sujeitos sociais. **Revista Presença Pedagógica**. Vol. 6, n. 31, jan/fev. 2000.

\_\_\_\_\_. **Alfabetização: leitura e escrita**. São Paulo: Ática, 2001.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**. jan/fev./mar./abr. n. 19. 2002.

MACIEL, Francisca Isabel Pereira. O PNBE e o Ceale: de como semear leituras. In: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (orgs.). **Literatura infantil: políticas e concepções**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, SECRETARIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA. **Guia Geral do Pró-Letramento**. 2010.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de Formação e de Trans-Formação. In: NÓVOA, António. **Vidas de Professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000. (p. 111-140).

MOLINA, Mônica Castagna. Possibilidades e limites de transformações das escolas do campo: reflexões suscitadas pela Licenciatura em Educação do Campo – UFMG. In: \_\_\_\_\_. **Educação do Campo: desafios para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

NÓVOA, António. Prefácio: andamos sempre carregados de história. **Educação & Linguagem**, São Paulo, n. 20, Jul-Dez, 2009a. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/issue/view/81>. Acesso em: 20 de Janeiro de 2014.

NÓVOA, António. **Professores: imagens do futuro presente**. Educa: Lisboa, 2009.

NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António. **Vidas de Professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2000. (p. 11-30).

OLIVEIRA, Valeska Fortes. **Narrativas e Saberes Docentes**. Ijuí: Ed. Ijuí, 2006.

OLIVEIRA, Valeska Fortes. Pesquisar nas narrativas de vida com Michel Foucault: a noção de cuidado de si na formação docente. In: ANTUNES, Helenise Sangoi; FARIAS, Graziela Franceschet. **Desafios e perspectivas na Educação Rural: fazeres pedagógicos e seus múltiplos olhares**. Curitiba, PR: CRV, 2014.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A formação do formador na abordagem autobiográfica. A experiência dos memoriais de formação. In: ABRAHÃO, Maria Helena; SOUZA, Elizeu Clementino de (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, António e FINGER, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHSCFAP, 1988.

PINEAU, Gaston. Experiências de Aprendizagem e História de Vida. In: CARRÉ, Philippe; CASPAR Pierre. **Tratado das Ciências e das Técnicas da Formação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

PINEAU, Gaston; Marie Michéle. **Produire as vie: autoformation et autobiographie**. Paris: Edilig, 1983.

RITER, Caio. **A formação do leitor literário em casa e na escola**. São Paulo: Biruta, 2009.

ROCHA, Maria Isabel Antunes; MARTINS, Aracy Alves (Orgs.). Formar docentes para a Educação do Campo: desafios para os movimentos sociais e para a universidade. In: **Educação do Campo: desafios para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

RODRIGUES, Caroline Leite. **Educação no meio rural: um estudo sobre salas multisseriadas**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

SOUZA, Elizeu Clementino de. et al. Abordagem (auto)biográfica e pesquisa: formação, práticas educativas e experiências docentes. In: SOUZA, Elizeu Clementino; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Memórias, dimensões sócio-históricas e trajetórias de vida**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Natal: EDUFRN; Salvador: EDUNEB, 2012, 308p.

SOUZA, Elizeu Clementino de. “A forma da outra beira”: escolas rurais – entre invisibilidades, permanências e perspectivas. In: ANTUNES, Helenise Sangoi; FARIAS, Graziela Franceschet. **Desafios e perspectivas na Educação Rural: fazeres pedagógicos e seus múltiplos olhares**. Curitiba, PR: CRV, 2014.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Modos de narração e discursos da memória: biografização, experiências e formação. In: **(Auto) Biografia: formação, territórios e saberes**. Natal, RN: EDUFRN. 2008.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006c.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena; SOUZA, Elizeu Clementino de (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino de; PINHO, Ana Sueli Teixeira de; MEIRELES, Mariana Martins de. In: **Revista do Centro de Educação**. Santa Maria, UFSM, Vol 37, n.2, 2012d.

STEPHANOU, Maria. Prefácio – Nem uma coisa, nem outra ou nenhuma. (Re)invenções e reminiscências escolares. In: FISCHER, Beatriz T. Daudt (Org.). **Tempos de escola: memórias**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livro, Volume II, 2011.

TONIOLO, Joze Medianeira dos Santos de Andrade. **Diálogo e amorosidade em Paulo Freire: dos princípios às atitudes na formação de professores.** Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. ANTUNES, Helenise Sangoi et al. **Projeto de Pesquisa - Cartografias da Educação Básica em Escolas Rurais: perspectivas para a formação e atuação de professores da região central do Rio Grande do Sul.** Santa Maria, RS. 2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. ANTUNES, Helenise Sangoi; ROOS, Liane Teresinha Weling. **Projeto de Extensão - UFSM e Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: área de educação matemática** Santa Maria, RS, 2014.

## **ANEXOS**

## ANEXO A – Termo de Cedência de Uso

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Acadêmica: Julia Bolssoni Dolwitsch

Orientadora: Profª Drª Helenise Sangoi Antunes

Santa Maria, 07 de Janeiro de 2014

### CEDÊNCIA DE USO

Eu, Noeli Catharina Danieli, portadora do RG 80234804 94, autorizo a acadêmica do Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Julia Bolssoni Dolwitsch a fazer uso dos direitos autorais para a Dissertação de Mestrado, do Curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, relacionado às minhas fotografias, as fotografias do meu acervo pessoal fornecidas à pesquisadora, relatos orais e por escrito, entrevistas narrativas, em seus trabalhos acadêmicos, bem como artigos, periódicos, revistas, projetos de extensão, projetos de pesquisa, livros, eventos com comunicações orais, exposições em painéis ou pôsteres, outros meios de comunicação e informação que estejam relacionados à exposição e divulgação do trabalho que está sendo realizado e que foi desenvolvido pelo Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria pela própria acadêmica de Pós-Graduação. Sendo que estou de que minha participação nesse trabalho, em especial o de pesquisa, é voluntária e não estarei recebendo gratificação por autorizar os direitos autorais, e concordo do uso irrestrito registrado em cartório, do exposto acima mencionado.

*Noeli C. Danieli*

Colaboradora da Pesquisa

*Julia Bolssoni Dolwitsch*

Julia Bolssoni Dolwitsch  
Autora do Projeto



## ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO  
PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Helenise Sangoi Antunes e Prof<sup>ª</sup>. Julia Bolsoni  
Dolwitsch  
ENDEREÇO ELETRÔNICO: [professora@helenise.com.br](mailto:professora@helenise.com.br) e [julia\\_bolsoni@yahoo.com.br](mailto:julia_bolsoni@yahoo.com.br)

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

#### *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*

**Título do estudo:** Narrativas (auto)biográficas: a mediação da literatura infantil nas trajetórias formativas de uma professora de classe multisseriada

**Pesquisador(es) responsável(is):** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Helenise Sangoi Antunes

**Instituição/Departamento:** Universidade Federal de Santa Maria/ Metodologia do Ensino

**Telefone para contato:** (55)91386566

**Local da coleta de dados:** Santa Maria, RS

Prezado(a) Senhor(a):

Você está sendo convidado(a) a responder às perguntas deste questionário de forma totalmente voluntária. Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder este questionário, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Os pesquisadores deverão responder todas as suas dúvidas antes que você se decida a participar. Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade e sem perder os benefícios aos quais tenha direito.

**Objetivo do estudo:** O estudo tem como objetivo compreender, através das narrativas (auto)biográficas, como a literatura infantil influenciou as trajetórias formativas de uma professora de classe multisseriada a partir de sua participação no Programa Pró-Letramento

**Procedimentos:** Sua participação consistirá na contribuição como colaboradora da pesquisa, contribuindo com sua história de vida, suas lembranças de escola e seus processos formativos para que possamos produzir um trabalho significativo para os estudos sobre a formação de professores no Brasil, mais especificamente no contexto rural. A coleta de informações se dará por meio de autobiografia e entrevistas narrativas organizadas a partir de tópicos guias.

**Benefícios:** O envolvimento da colaboradora com a pesquisa proporcionará um maior envolvimento desta com o ambiente da Universidade, valorização da sua trajetória de vida pessoal e profissional, assim como, trará maior conhecimento sobre o tema

abordado.

**Riscos:** A coleta de informações junto a colaboradora da pesquisa, previamente, não representará qualquer risco de ordem física, mental e psicológica, no entanto, poderá causar algum desconforto emocional em virtude de suas memórias e lembranças de vida.

**Sigilo:** As informações obtidas serão analisadas pela coordenadora da pesquisa, não sendo divulgada a identificação da colaboradora envolvida, a não ser que a mesma autorize a divulgação do seu nome.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu **Noeli Catharina Danieli**, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Noeli C. Danieli

8023480794

N. da Identidade

Colaboradora da Pesquisa

Noelene Santana  
Pesquisador responsável

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito de pesquisa ou representante legal neste estudo.

Santa Maria 18, de Novembro de 20 13

Julia Bohroni Schwilke

Assinatura do Responsável pelo estudo

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa – UFSM - Cidade Universitária - Bairro Camobi, Av. Roraima, nº1000 - CEP: 97.105.900 Santa Maria – RS. Telefone: (55) 3220-9362 – Fax: (55)3220-8009 Email: comiteeticapesquisa@smail.ufsm.br. Web: www.ufsm.br/cep

## **ANEXO C – Entrevista Narrativa**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**Entrevista Narrativa**

**Nome Completo:** Noeli Catharina Danieli

**Data de Nascimento:** 11/02/1962

**Formação:** Pedagogia

**Cargo/Atuação:** Professora dos Anos Iniciais (Classe Multisseriada)

- “Contato com a cultura escrita na infância”

- “Primeiros contatos com a literatura infantil”

- “Lembranças de escola”

- “Desejo de ser professora”

- “Percursos formativos e desafios da docência”

- “Desafios e conquistas no trabalho com classes multisseriadas”

- “Experiências do/no Pró-Letramento”

- “A literatura infantil no contexto rural”

## **ANEXO D – Relato Autobiográfico Escrito – Noeli Catharina Danieli**

**Escola: Escola Municipal de Ensino Fundamental Oreste Danieli**

**Município: Boqueirão do Leão**

**Localidade: Arroio Galdino**

**Tutora: Noeli Catharina Danieli**

Relato neste texto parte da minha história de vida, principalmente em relação aos anos de escolaridade e sobre minha trajetória profissional.

Nasci e vivi minha infância, numa pequena localidade chamada Arroio Galdino, pertencente ao Município de Lageado, ficando a uma distância de 70 km da sede. Com péssimas condições de acesso, falta de meios de transportes, comunicações e energia elétrica. Vivíamos isolados do mundo, mas com muita paz, alegria, amizades e em contato direto com a natureza e com alimentos saudáveis.

Tirando essas relíquias, aponto o oposto, pois nem tudo era perfeito. Havia muitas dificuldades e uma carência na área da saúde e na educação. Não havia hospitais, dentistas e a escola ficava bem longe de casa, os professores vinham de outros municípios e não ficavam por muito tempo na mesma escola e ainda só atendiam até a 4ª série.

Em 1987 Boqueirão do Leão se emancipou de Lageado, tornando-se município e minha localidade ficou pertencendo a Boqueirão de Leão. Agora a distância da sede era de 23 km.

Meu município localiza-se numa região montanhosa, coberta por muitas matas virgens e um relevo abrupto, com profundos vales e com uma população aproximada de 7.200 habitantes dos quais 75% são de origem italiana e a grande maioria são da zona rural. Diante disso, a economia está baseada principalmente na agricultura se sobressaindo o cultivo do fumo e em menos escala milho, feijão e outros produtos de subsistência. Hoje também se encontra avicultura (criação de aves para o abate).

Devido a localização geográfica do município e ao difícil acesso com estradas de chão e em péssimas condições, tem dificultado o crescimento do município, sofrendo assim carência de profissionais como médicos, dentistas e serviços de bancos, laboratórios, hospitais, faculdades, etc.

Meus pais também são de origem italiana, sempre foram agricultores e moradores da mesma localidade. Desta forma, minha família passou por muitas dificuldades tanto financeiras como também pela falta de comércio, hospitais, escolas, etc.

Tenho 9 irmãos. Dos quais 2 faleceram ainda bebês. Vivos somos 7 irmãos: 6 mulheres e 1 homem. Assim, 3 irmãos são mais velhos e 3 irmãs são mais novas que eu.

Como tinha três irmãos mais velhos, e que frequentaram a escola antes que eu, foram a maior referência de contato com a leitura e escrita que tive na época. Eu observava e me encantava com os desenhos, com as poesias que eram decoradas e com aqueles traçados chamados de “ABC”. Quando meus irmão terminavam o caderno davam para mim e eu navegava nas escritas e nos desenhos e fazia de conta que lia, criando histórias. Também brincávamos de “escolinha” onde para escrever usávamos um pedaço de madeira e carvão e ali ficávamos horas brincando, riscando paredes e desta forma eu convivía com os números e as letras.

O rádio era a grande novidade na época (mas a pilha, porque não tinha energia elétrica). Então montamos uma emissora de rádio no porão de casa numa pipa de vinho que meu pai não usava por ser muito grande. Eu entrava na pipa e era a radialista desenvolvendo a oralidade e também eu cantava músicas. Como a pipa era fechada o som era muito legal pois emitia eco. Sempre gostei muito de cantar eu acho que tenho uma voz bem bonita. Atribuo isso pelo fato do meu pai ser ótimo tocador de gaitinha de boca, onde sempre reunia nós na sombra de um plátano ou na varanda e ensinava as músicas para nós. Depois ele tocava e nós cantávamos. Desde criança sempre cantei nas igrejas em missas e casamentos.

Devo salientar também que sempre fomos uma família muito unida, alegres e companheiros nos bons e maus momentos. Sempre mantivemos um bom relacionamento com os vizinhos e com toda a comunidade. Meus pais sempre foram da diretoria tanto da comunidade como da escola.

Outro contato com a escrita era a lista de compras que minha mãe fazia para irmos comprar “na venda” como era chamado na época. Mesmo não dominando a leitura sabíamos que aqueles traçados informavam ao vendedor o que deveria nos entregar para levarmos para casa.

Meu pai e minha mãe eram alfabetizados e quando podiam ajudavam nos temas. Minha mãe reunia meus irmãos mais velhos para cobrar “o catecismo” pois era preciso ser decorado. E eu decorava junto, minha mãe lia e eu repetia até dominar o conteúdo, para que quando eu teria que fazer a “comunhão” já havia decorado tudo.

O contato com a leitura e a escrita antes de frequentar a escola, foi pouco e pobre, mas não inexistente, pois não posso dizer que não convivi com algumas dessas práticas. Sempre demonstrei muito interesse e encantamento pelas escritas. Recortava embalagens de produtos e remédios, recolhia desenhos e até cortava os cadernos dos meus irmãos colocava num saquinho de açúcar para brincar, era só deixar a vista e ter posse de uma tesoura que eu detonava tudo. Mesmo antes de começar ir para a escola eu já afirmava com muita convicção que eu iria ser professora.

Morávamos bem distante da escola e tínhamos que ir e voltar a pé e em 1968 com 7 anos e 3 meses de idade iniciei minha maratona escolar. Em julho deste mesmo ano meu pai comprou uma área de terra perto da escola e então mudamos de lugar. A professora neste ano era de Taquari e passou a morar lá em casa. Quando ia para Taquari levava alguns dias para retornar, era muito doente e permanecia quase sempre sentada na sala de aula e não se preocupava com a aprendizagem dos alunos.

Neste ano a maioria dos alunos foram reprovados e inclusive eu. Lembro muito bem deste dia, do quanto eu chorei e me sentia incapaz.

Em janeiro essa professora foi embora e em março veio um professor de Venâncio Aires. Eu não estava com muito entusiasmo como no ano anterior, pois tivera uma grande decepção e as expectativas não eram as mesmas.

Este professor era muito exigente, e muito comprometido com a aprendizagem dos alunos. Sofremos um pouco no início, pois estávamos acostumados a uma total liberdade, sem compromissos e sem responsabilidades.

Este professor nos ensinou muitas coisas desde respeito, valores, compromissos, higiene e nos motivava com atividades prazerosas como músicas, teatros, brincadeiras e leituras. Em três meses eu estava alfabetizada e lendo com muita fluência, tirando as melhores notas da escola.

No final do ano como prêmio das notas e do meu empenho, ganhei um livro do professor: era os “Três Porquinhos” e seu enredo era contado através de uma poesia com rimas. Este fora meu primeiro livro; que alegria que satisfação. Foi o melhor presente que ganhei e que marcou minha vida escolar, pois ainda hoje lembro cada detalhe, cada imagem, cada verso, estrofe e rima. Tudo isso permaneceu vivo na minha memória (44 anos depois) e com certeza foi muito significativo para resgatar o ânimo e o gosto pelos estudos.

Li este livro muitas vezes por dia. Dormia com ele embaixo do travesseiro como se fosse um tesouro. Decorei de tanto ler. Lia para minhas irmãs mais novas, para meus pais, avós, amigos e na rádio onde brincávamos.

Também reunia as redações e cartas dos namoradinhos das minhas irmãs e lia na rádio. Uma das minhas irmãs tinha uma facilidade muito grande em escrever e lembro de uma redação que escreveu sobre a natureza que de tanto ler e por ter gostado muito acabei decorando.

A partir deste ano só alcancei bons resultados, pois sempre gostei de estudar e afinal queria ser professora como o professor Mauro, meu ídolo. Nessa época as séries eram divididas em: 1ª série atrasada, 1ª série adiantada, 2ª série, 3ª série e 4ª série.

Como havia muitos alunos a escola passou a atender somente até a 3ª série. Na 4ª série tive que ir para Vila Sério (hoje cidade de Sério) para estudar num Colégio Estadual. Como era muito longe tínhamos que ir de transporte. Este transporte era particular e foi muito sofrido para meu pai custear mensalmente as despesas.

Conclui a 4ª série e como meu pai não tinha mais condições de pagar o transporte tive que com 12 anos sair de casa e ir morar em Vila Sério, trabalhar de doméstica no turno da manhã e noite e estudar de tarde, somente pela manhã.

Assim conclui a 5ª série e a 6ª série e ao iniciar a 7ª série, fui morar com outra família, onde tinha que fazer todos os trabalhos domésticos, tirar leite, fazer horta e pasto para os animais.

De noite e nos finais de semana eu estudava, fazia meus trabalhos de aula e revisava os conteúdos. Lia os livros exigidos pelos professores e alguns escolhidos por mim. Adorava ler os livros de Monteiro Lobato.

Na 6ª série e na 7ª série lembro-me de uma atividade de leitura solicitada pelo professor de Português (Marino) e que achava muito legal. Tínhamos que escolher um texto, copiar no caderno de leitura e todas as quartas-feiras íamos para o pátio, sentávamos em círculo onde cada um lia os textos para os colegas. Era uma atividade prazerosa, pois podíamos escolher os textos que poderia ser de qualquer gênero, até mesmo poesia e para isso tínhamos que ir à biblioteca, pesquisar e ler muito, pois cada qual queria apresentar o texto mais legal, mais interessante.

Conclui a 8ª série neste mesmo colégio e novamente fiquei sem rumo, pois não havia na época “2º grau” nas escolas do interior. O lugar mais próximo era em Lajeado e era muito distante, não havia ônibus que passava no local, não conhecia esta cidade e nunca havia saído do interior.

Passei minhas férias ajudando meus pais na colheita do fumo, estava muito triste e preocupada pois queria continuar estudando e não via nenhuma alternativa.

No final do mês de fevereiro, numa sexta-feira, ao conversar com uma senhora de Vila Sério a respeito dos meus estudos, ela me colocou que tinha uma irmã que trabalhava de doméstica em Lajeado e que havia comentado que uma das filhas de sua patroa estava a procura de uma doméstica que estudasse à noite. No sábado esta moça veio para Sério e veio fala comigo.

Arrumei as mala e s e do rumei à Lajeado. Os primeiros dias foram muitos difíceis, sentia uma solidão infinita e perdida diante de uma realidade totalmente diferente. Lembro que chorava muito, sentia muita saudade de meus familiar e do meu pequeno mundo. Ficava muitos dias até meses sem notícias de minha querida família, pois não tinha telefone nem correios.

Também não pude cursar o tão sonhado Magistério por dois motivos: primeiro por ser uma escola particular e ser muito caro, segundo por ser somente um curso diurno.

Como nesta época, no interior, era comum os professore serem admitidos com 2º grau ou até com 8ª série, me matriculei num colégio estadual e conclui o curso de auxiliar de escritório. Sempre fui muito bem nas aulas, tirando as melhores notas. Mas sofri muito em inglês pois nunca tivera uma palavra até a 8ª série e não tinha o básico para acompanhar a turma que desde a 5ª série já tinham a disciplina. Minha sorte que a professora era muito legal e compreensiva e procurava me ajudar com trabalhos extras e assim graças a sua dedicação consegui aprovação nos três anos.

Ao concluir o curso procurei imediatamente procurei a Prefeitura e me escrevi para uma vaga como professora. Para minha decepção me comunicaram que a partir deste ano só seriam admitidos professores com magistério. Fiquei decepcionada, meus sonhos se apagaram e fiquei muito triste e desanimada pois todo o sacrifício tinha sido em vão.

Como sempre tirei boas notas e fui muito responsável com os estudos, meu patrão por ser bem conceituado logo me arrumou um emprego em um escritório de um amigo seu.

Iniciei meu trabalho neste escritório. Embora dar conta do recado eu não estava realizada, eu queria mesmo era ser professora.

Trabalhei durante um ano neste escritório e fiz muitas amizades e conheci muitas pessoas. Um dia estava conversando com um “Anjo” cujo nome era Neiva e começamos a nos conhecer melhor. Contei sobre meus sonhos e minhas angústias e ela então me falou que era professora da 2ª série na escola particular e a única no município que oferecia magistério. Ela disse que iria pensar no meu caso e iria me ajudar e em breve entraria em contato comigo.

No outro dia me ligou e pediu que no final da tarde passasse na casa dela que queria falar comigo. Depois do trabalho me dirigi até sua casa e ela me colocou que havia conseguido uma bolsa de estudos que custeava 70% do valor da mensalidade e ainda poderia ir morar com ela, estudar de manhã e trabalhar na sua casa de tarde, onde receberia pelo trabalho, sendo possível custear o resto do curso.

Larguei tudo e lá fui eu fazer “Magistério”, o 1º ano não precisei cursar. Ingressei então no 2º ano. Obtive bons resultados visto que no 2º grau tinha muitas aulas de Português e Matemática. Este colégio era de freiras, muito rigoroso e exigente e muito conceituado na região.

Como tinha facilidade em Matemática, Física, Química e Português à noite dava aulas particulares para algumas colegas ricas, recebendo delas por este trabalho; também nos finais de semana fazia jantãs e almoços para estes jovens recebendo pelo trabalho. Conseguindo assim estudar neste colégio e custear outras despesas com vestuário, calçados, livros, etc.

Meus trabalhos eu fazia à noite, até madrugada. Para não dormir tomava muito café e colocava os pés na água fria.

Terminando o magistério, me casei e fui morar em Vila Sérico, onde comecei o meu estágio na 2ª série no mesmo colégio estadual onde havia concluído o 1º grau, hoje Ensino Fundamental.

No meu estágio enfrentei grandes dificuldades. Havia se instalado na localidade à dois anos uma indústria, onde os agricultores abandonaram o trabalho com a terra e foram trabalhar como “operários”. Neste ano a indústria faliu e estes operários ficaram sem empregos e não haviam cultivado nenhum alimento nas suas terras. Foi uma crise muito grande, além dos pais não puderem comprar os materiais necessários, faltavam roupas, calçados e alimentos. Os alunos faltavam muito nas aulas e a merenda que a escola fornecia era muito escassa. Também não tive apoio e incentivo do diretor e professores da escola que não me ajudaram nem na campanha para arrecadar materiais, roupas e calçados para os alunos. Foram muitos problemas e não estava preparada para enfrentar tudo isso.

Mas através de campanhas, visitas nas famílias e com um trabalho insistente consegui vencer mais este obstáculo.

No dia 24 de julho de 1985 foi minha formatura e apesar de muito estressada com a experiência vivida, estava muito feliz pela conquista.

No semestre restante deste ano fiquei em casa trabalhando na agricultura. Em março de 1986 meu sonho se realizou. Comecei a trabalhar na escola da comunidade de Arroio Galdino onde nasci e estudei até a 3ª série. Onde alguns de meus familiares ainda hoje residem neste local, inclusive eu e meus queridos pais.

De início eu trabalhava com 20 horas, com 31 alunos de 1ª a 4ª série numa pequena sala. Não havia classes suficientes e tínhamos que acomodar os alunos no chão. Então devido ao grande número de alunos passei a trabalhar 40 horas e atendia até a 5ª série. Eu era a única professora da escola, fazia merenda, limpava a escola, fazia horta, etc. Isto foi durante 26 anos, pois é 27 anos que estou nesta escola.

Eu estava feliz e realizada com meu trabalho e sempre senti uma satisfação muito grande em trabalhar nesta escola, tenho muito carinho e afeto por todos e por este chão. Conheço todas as famílias e a história de cada um. Além disso aqui se encontra gravado grande parte de minha vida. Talvez os melhores e mais felizes momentos.

Estes moradores são pessoas humildes, com uma bondade infinita, com um carisma incomparável, são hospitaleiros onde prevalece o respeito e a solidariedade entre as famílias. Me tratam a 27 anos com muito reconhecimento, carinho e respeito.

Amo este lugar, amo a escola e os meus alunos, tenho paixão pelo que faço, pois para o professor não basta apenas gostar, tem que ter paixão pelo que faz. Eu sempre digo do fundo do coração e com muita sinceridade que a minha escola é a melhor escola do mundo. As crianças são super carinhosas, educadas e dedicadas.

Destes 27 anos que estou atuando nesta comunidade sirvo como referência e nunca medi esforços para ajudar sinto-me realizada em poder estender a mão a estas pessoas maravilhosas, que necessitam de apoio. Já fiz enterros, arrumei defuntos do caixão, sou catequista, coordenadora do clube de jovens, sempre fui integrante da diretoria da comunidade, do clube de mães e da liturgia, etc.

Os pais participam muito nas atividades, nos eventos, na aprendizagem dos alunos e nas discussões sobre todos os assuntos. Tudo é feito em parceria, pois os pais estão sempre presentes e prontos para um diálogo. São parceiros em tudo. Por isso tudo é esclarecido aos pais, até mesmo as mudanças que ocorrem na educação para que os pais tomem conhecimento e fiquem a par de tudo o que acontece na escola. Acredito ser a melhor atitude, pois tudo funciona muito bem e com bons resultados.

Em 1996 surgiu a oportunidade de cursar uma faculdade de Pedagogia, numa extensão da UNISC de Santa Cruz do Sul, realizada em Boqueirão do Leão. Todas as noites e nos meses de janeiro íamos à Santa Cruz para agilizar o tempo.

Sempre gostei muito de estudar e encarei os desafios de cabeça erguida. Trabalhava de manhã e de tarde e estudava à noite numa distância de 23 km em estrada de chão e em péssimas condições. Em 2002 conclui a faculdade e em 2006 iniciei uma Pós-Graduação em Educação Especial na cidade de Progresso (aos sábados e nas férias) com a Faculdade Dom Alberto.

Adorei esta Especialização pois muito contribuiu para entender e intervir nas dificuldades e com as deficiências.

Em 1999 diminuí o número de alunos e então fui trabalhar na parte da manhã numa escola vizinha.

Nas duas escolas atendia 4 turmas (1ª, 2ª, 3ª e 4ª série) e fazia todos os trabalhos como: horta, merenda, limpeza, direção, etc.

Atuei nesta escola durante 5 anos e depois a mesma foi desativada pela falta de alunos. Rumei então para uma escola mais distante, mas com a mesma realidade, sozinha e realizando todas as tarefas.

Permaneci três meses e então surgiu a oportunidade de voltar a trabalhar as 40 horas na minha adorável escola, onde permaneço até hoje.

Em 2009 conclui a Pós-Graduação.

Em 2010 recebi o convite da Secretaria de Educação do Município para participar como Tutora no curso do Pró-Letramento que é um Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental sobre Alfabetização e Linguagem realizado em Santa Maria, sob a organização e responsabilidade da Universidade Federal de Santa Maria.

Em primeiro momento relutei, pela distância até Santa Maria e depois tudo estava muito confuso, faltava esclarecimentos sobre o programa e fui avisada 2 dias antes da primeira etapa. Como insistiram muito que eu fosse acabei aceitando o desafio e rumei à Santa Maria; mas muito preocupada, com muitas dúvidas, insegurança e com uma grande expectativa.

No decorrer do programa diferentes estratégias foram desenvolvidas, um ponto positivo foi a troca de experiências entre os tutores dos diferentes municípios e a exploração de diversos gêneros, de leituras, jogos, etc.

A professora Doris, extremamente comprometida com a educação, soube conduzir muito bem os encontros demonstrando segurança, domínio de conteúdos, nos cativando e motivando para despertar o interesse e provocar significativas mudanças nos tutores.

Desta forma, foi proporcionado atividades diversificadas, desafiadoras e dinâmicas que possibilitaram repensar nossa prática e metodologias e assim provocar mudanças na educação dos municípios.

Também foi sendo construindo com os professores, através da formação continuada, diferentes propostas de práticas com as leituras para que cada um pudesse adaptar de acordo com as condições e necessidades de sua realidade.

Assim foi possível apropriarmos dessa nova prática e através de muitos questionamentos e reflexões sobre a realidade educacional, principalmente no que diz respeito a leitura e a escrita, assumir um desafio para mudar o quadro educacional começando pelo professor, para que seja exemplo na formação de leitores plurais.

O curso foi maravilhoso, deveria acontecer mais eventos deste porte na formação continuada, devido a necessidade dos professores se atualizarem, interagirem com outras realidades, refletir sobre os problemas da educação e procurar soluções estando sempre abertos para inovações e mudanças. Devido a relevância da formação continuada e com o sucesso do Pró-Letramento ficou claro que a mudança é possível.

Em dezembro me aposento 20 horas e as outras 20 daqui a 3 anos.

Por várias vezes fui convidada para trabalhar na Secretaria de Educação, mas sempre relutei pois preferi e prefiro permanecer em sala de aula, com meus alunos; percebo uma sinceridade incomparável em seus gestos e sentimentos que não permitem trocar por nenhuma outra oferta.

Também quero salientar que hoje, minha escola conta com mais recursos, principalmente com um grande acervo de livros para leituras o que tem facilitado a aprendizagem e o sucesso do curso Pró-Letramento na formação de leitores assíduos e plurais.



## ANEXO E – Quadro de Análise

### QUADRO DE ANÁLISE

#### “Tempos de Infância”

Como tinha três irmãos mais velhos, e que frequentaram a escola antes que eu, foram a maior referência de contato com a leitura e escrita que tive na época. Eu observava e me encantava com os desenhos, com as poesias que eram decoradas e com aqueles traçados chamados de “ABC”. Quando meus irmãos terminavam o caderno davam para mim e eu navegava nas escritas e nos desenhos e fazia de conta que lia, criando histórias. Também brincávamos de “escolinha” onde para escrever usávamos um pedaço de madeira e carvão e ali ficávamos horas brincando, riscando paredes e desta forma eu convivía com os números e as letras (Noeli – Relato Autobiográfico).

E eu era, assim, muito, desde de pequena muito interessada pelos cadernos. Tenho três irmãos mais velhos, então, tudo que eles escreviam, os cadernos que eles não usavam mais, era tudo meu né, era o único meio que eu tinha né de acesso à escrita, que a gente como morava bem no interior, a gente não tinha acesso, meios de comunicação não tinha, energia elétrica não tinha, rádio só a pilha, então a gente assistia pouco, porque era muito caro né, e assim então o que eu tinha de contato com materiais, mais era realmente os cadernos dos meus irmãos mais velhos, tinha três mais velhos né e as redações dos meus irmãos, os desenhos, né, então isso que eu usava (Noeli – Entrevista Narrativa).

O rádio era a grande novidade na época (mas a pilha, porque não tinha energia elétrica). Então montamos uma emissora de rádio no porão de casa numa pipa de vinho que meu pai não usava por ser muito grande. Eu entrava na pipa e era a radialista desenvolvendo a oralidade e também eu cantava músicas. Como a pipa era fechada o som era muito legal, pois emitia eco ((Noeli – Relato Autobiográfico).

Outro contato com a escrita era a lista de compras que minha mãe fazia para irmos comprar “na venda” como era chamado na época. Mesmo não dominando a leitura sabíamos que aqueles traçados informavam ao vendedor o que deveria nos entregar para levarmos para casa (Noeli – Relato Autobiográfico).

Meu pai e minha mãe eram alfabetizados e quando podiam ajudavam nos temas. Minha mãe reunia meus irmãos mais velhos para cobrar “o catecismo”, pois era preciso ser decorado. E eu decorava junto, minha mãe lia e eu repetia até dominar o conteúdo, para que quando eu teria que fazer a “comunhão” já havia decorado tudo (Noeli – Relato Autobiográfico).

O contato com a leitura e a escrita antes de frequentar a escola, foi pouco e pobre, mas não inexistente, pois não posso dizer que não convivi com algumas dessas práticas. Sempre demonstrei muito interesse e encantamento pelas escritas. Recortava embalagens de produtos e remédios, recolhia desenhos e até cortava os cadernos dos meus irmãos colocava num saquinho de açúcar para brincar, era só deixar a vista e ter posse de uma tesoura que eu detonava tudo. Mesmo antes de começar ir para a escola eu já afirmava com muita convicção que eu iria ser professora (Noeli – Relato Autobiográfico).

Nós pegávamos umas tábuas de madeira e carvão, a gente escrevia. E eu sempre queria ser a professora, mesmo que meus irmãos sabiam muito mais que eu, porque eles iam primeiro na escola, eu era a professora. Não importava, nem que eu mandava fazer uns risquinhos, mas eu brigava, a professora era eu. Então desde dali né, eu sempre quis ser professora, desde muito cedo assim (Noeli – Entrevista Narrativa).

#### “Lembranças de Escola”

Morávamos bem distante da escola e tínhamos que ir e voltar a pé e em 1968 com 7 anos e 3 meses de idade iniciei minha maratona escolar. Em julho deste mesmo ano meu pai comprou uma área de terra perto da escola e então mudamos de lugar. A professora neste ano era de Taquari e passou a morar lá em casa. Quando ia para Taquari levava alguns dias para retornar, era muito doente e permanecia quase sempre sentada na sala de aula e não se preocupava com a aprendizagem dos alunos (Noeli – Relato Autobiográfico).

Eu assim ó, de início no primeiro ano da minha escola eu tenho uma lembrança muito triste, né, eu, era uma expectativa muito grande de começar a frequentar a escola e no primeiro ano fui reprovada. Né, era assim ó, tinha a

primeira série atrasada, primeira série adiantada, segunda série e terceira série, assim. E essa professora que foi minha primeira professora, ela veio de Taquari, era uma pessoa super doente, né, então ela ia pra casa, as vezes ficava uma semana, cinco dias, sem retornar, né, e ela tava o tempo todo sentada na sala de aula, ela tinha problema de saúde e coisa assim. Me lembro aquele ano a maioria foi reprovado e eu fui uma delas (Noeli – Entrevista Narrativa).

Então eu no primeiro ano da minha escolaridade eu tenho uma lembrança muito triste, sabe, aquilo pra mim foi a gota d'água, né, eu fui reprovada. Eu lembro que a professora morava lá em casa, porque como eles vinham de fora, eles permaneciam numa família né, e assim pra mim foi muito triste, né, porque eu tinha ela dentro de casa, pra mim foi um choque né. Eu fui reprovada no primeiro ano, e isso eu guardo sempre, eu lembro todas as lembranças, eu lembro minhas lágrimas, quando eu cheguei em casa eu chorei tanto, tanto (Noeli – Entrevista Narrativa).

Olha, a professora Rose era assim: ela chegava na sala de aula, eu lembro assim no primeiro dia que eu entrei na sala de aula, ela pegou a giz, foi pro quadro e colocou as vogais todinhas no primeiro dia, sabendo que a gente vinha do interior e não sabia nem pegar um lápis na mão. Ela colocou A, E, I, O, U, com letra cursiva e tu tinha que copiar e ela dizia tudo junto AEIOU. Isso eu lembro como fosse hoje, e por isso a maioria foi reprovado aquele ano e eu fui uma delas (Noeli – Entrevista Narrativa).

Neste ano a maioria dos alunos foram reprovados e inclusive eu. Lembro muito bem deste dia, do quanto eu chorei e me sentia incapaz (Noeli – Relato Autobiográfico).

Em janeiro essa professora foi embora e em março veio um professor de Venâncio Aires. Eu não estava com muito entusiasmo como no ano anterior, pois tivera uma grande decepção e as expectativas não eram as mesmas (Noeli – Relato Autobiográfico).

Depois disso, esse ano essa professora saiu da comunidade e aí veio um professor de Venâncio Aires. Ele era totalmente oposto dela, ele era assim comprometido com a educação, ele era exigente, ele cobrava, e ela não, ela não era assim de cobrar e coisa, ela permanecia a manhã toda sentada na sala de aula, porque ela tinha problemas nas pernas e não podia andar. E ele era bem o contrário, então com ele em três meses eu tava lendo fluentemente, tanto que eu recebi o prêmio da melhor aluna do ano. E o prêmio que eu recebi foi um livro, né, foi um livro de leitura dos Três Porquinhos em forma de uma poesia, onde eu lembro ainda hoje todo o enredo da história, né, das rimas. Porque aquilo me marcou tanto que foi o primeiro livro de leitura que eu tive na minha vida, né, assim que era meu. Eu lembro que eu dormia com o livro embaixo do travesseiro e de tanto que eu lia eu acabei decorando, eu lia pro meu pai, pra minha mãe, eu lia pro meus amigos, a gente brincava de rádio, porque o rádio era novidade naquela época. Então eu brincava e eu lia aquele livro na rádio, eu que era a apresentadora da rádio. Então aquele livro pra mim me marcou a vida toda né. E esse professor era muito comprometido com isso, com as leituras, por isso que eu acredito que, eu sempre gostei muito de ler, incentivei sempre meus alunos a leitura graças a esse professor, foi ele que me incentivou e esse presente que ele me deu, esse livro, marcou a minha vida pra sempre. Depois disso eu nunca mais fui reprovada, sempre fui bem na aula. (risos) (Noeli – Entrevista Narrativa).

Este professor era muito exigente, e muito comprometido com a aprendizagem dos alunos. Sofremos um pouco no início, pois estávamos acostumados a uma total liberdade, sem compromissos e sem responsabilidades (Noeli – Relato Autobiográfico).

Este professor nos ensinou muitas coisas desde respeito, valores, compromissos, higiene e nos motivava com atividades prazerosas como músicas, teatros, brincadeiras e leituras. Em três meses eu estava alfabetizada e lendo com muita fluência, tirando as melhores notas da escola (Noeli – Relato Autobiográfico).

No final do ano como prêmio das notas e do meu empenho, ganhei um livro do professor: era os “Três Porquinhos” e seu enredo era contado através de uma poesia com rimas. Este fora meu primeiro livro; que alegria que satisfação. Foi o melhor presente que ganhei e que marcou minha vida escolar, pois ainda hoje lembro cada detalhe, cada imagem, cada verso, estrofe e rima. Tudo isso permaneceu vivo na minha memória (44 anos depois) e com certeza foi muito significativo para resgatar o ânimo e o gosto pelos estudos (Noeli – Relato Autobiográfico).

Li este livro muitas vezes por dia. Dormia com ele embaixo do travesseiro como se fosse um tesouro. Decorei de tanto ler. Lia para minhas irmãs mais novas, para meus pais, avós, amigos e na rádio onde brincávamos (Noeli – Relato Autobiográfico).

Faz 45 anos que eu ganhei esse livro e se eu fecho os olhos hoje eu lembro de cada detalhe, cada desenho do livro. No primeiro contato com o livro eu olhei os desenhos, e por ser uma história de porquinhos com árvores da minha realidade, eu ficava encantada. Ele era bem colorido e os três porquinhos brincavam muito em árvores, e eu sempre brincava em árvores também, era a nossa brincadeira preferida. A árvore era oca e o lobo tinha colocado sabão, e os porquinhos entravam na árvore e resvalavam. A história era escrita em rima, tipo uma poesia, então eu gostei mais, dei mais atenção por ser escrito em forma de poesia. Eu lembro da árvore, do tronco, do tamanho, das cores, isso quase 50 anos que eu ganhei esse livro, então, marcou muito minha vida. Essa é a marca que ficou do meu primeiro livro, esse era meu, eu conquistei esse livro e essa vitória a gente não esquece nunca mais (Noeli – Entrevista

Narrativa).

Os meus pais não tinham condições de comprar livros para nós, pois naquela época precisavam comprar caderno, lápis, borracha. Hoje as crianças do meu Município ganham esse material, o Município fornece tudo. O meu pai e minha mãe apenas podiam comprar o necessário, uma caixinha de lápis de cor, lápis, borracha e caderno. Livros nós não tínhamos (Noeli – Entrevista Narrativa).

Minha irmã escrevia muita poesia, ainda hoje ela é uma artista para escrever poesia, ela é mais velha do que eu. Então ela escrevia aquelas poesias e lia pra mim e eu acabava decorando as poesias, eu decorava e depois quando eu ia dentro da pipa de vinho, que era a minha rádio, eu declamava e cantava as poesias feitas pela minha irmã dentro da pipa de vinho (Noeli – Entrevista Narrativa).

Também reunia as redações e cartas dos namoradinhos das minhas irmãs e lia na rádio. Uma das minhas irmãs tinha uma facilidade muito grande em escrever e lembro de uma redação que escreveu sobre a natureza que de tanto ler e por ter gostado muito acabei decorando (Noeli – Relato Autobiográfico).

A partir deste ano só alcancei bons resultados, pois sempre gostei de estudar e afinal queria ser professora como o professor Mauro, meu ídolo. Nessa época as séries eram divididas em: 1ª série atrasada, 1ª série adiantada, 2ª série, 3ª série e 4ª série (Noeli – Relato Autobiográfico).

Como havia muitos alunos a escola passou a atender somente até a 3ª série. Na 4ª série tive que ir para Vila Sério (hoje cidade de Sério) para estudar num Colégio Estadual. Como era muito longe tínhamos que ir de transporte. Este transporte era particular e foi muito sofrido para meu pai custear mensalmente as despesas (Noeli – Relato Autobiográfico).

Conclui a 4ª série e como meu pai não tinha mais condições de pagar o transporte tive que com 12 anos sair de casa e ir morar em Vila Sério, trabalhar de doméstica no turno da manhã e noite e estudar de tarde, somente pela pensão (Noeli – Relato Autobiográfico).

Assim conclui a 5ª série e a 6ª série e ao iniciar a 7ª série, fui morar com outra família, onde tinha que fazer todos os trabalhos domésticos, tirar leite, fazer horta e pasto para os animais (Noeli – Relato Autobiográfico).

De noite e nos finais de semana eu estudava, fazia meus trabalhos de aula e revisava os conteúdos. Lia os livros exigidos pelos professores e alguns escolhidos por mim. Adorava ler os livros de Monteiro Lobato (Noeli – Relato Autobiográfico).

Na 6ª série e na 7ª série lembro-me de uma atividade de leitura solicitada pelo professor de Português (Marino) e que achava muito legal. Tínhamos que escolher um texto, copiar no caderno de leitura e todas as quartas-feiras íamos para o pátio, sentávamos em círculo onde cada um lia os textos para os colegas. Era uma atividade prazerosa, pois podíamos escolher os textos que poderia ser de qualquer gênero, até mesmo poesia e para isso tínhamos que ir à biblioteca, pesquisar e ler muito, pois cada qual queria apresentar o texto mais legal, mais interessante (Noeli – Relato Autobiográfico).

Conclui a 8ª série neste mesmo colégio e novamente fiquei sem rumo, pois não havia na época “2º grau” nas escolas do interior. O lugar mais próximo era em Lageado e era muito distante, não havia ônibus que passava no local, não conhecia esta cidade e nunca havia saído do interior (Noeli – Relato Autobiográfico).

Passei minhas férias ajudando meus pais na colheita do fumo, estava muito triste e preocupada pois queria continuar estudando e não via nenhuma alternativa (Noeli – Relato Autobiográfico).

No final do mês de fevereiro, numa sexta-feira, ao conversar com uma senhora de Vila Sério a respeito dos meus estudos, ela me colocou que tinha uma irmã que trabalhava de doméstica em Lageado e que havia comentado que uma das filhas de sua patroa estava a procura de uma doméstica que estudasse à noite. No sábado esta moça veio para Sério e veio fala comigo (Noeli – Relato Autobiográfico).

Arrumei as malas e rumei à Lageado. Os primeiros dias foram muitos difíceis, sentia uma solidão infinita e perdida diante de uma realidade totalmente diferente. Lembro que chorava muito, sentia muita saudade de meus familiar e do meu pequeno mundo. Ficava muitos dias até meses sem notícias de minha querida família, pois não tinha telefone nem correios (Noeli – Relato Autobiográfico).

Também não pude cursar o tão sonhado Magistério por dois motivos: primeiro por ser uma escola particular e ser muito caro, segundo por ser somente um curso diurno (Noeli – Relato Autobiográfico).

Como nesta época, no interior, era comum os professores serem admitidos com 2º grau ou até com 8ª série, me matriculei num colégio estadual e conclui o curso de auxiliar de escritório. Sempre fui muito bem nas aulas, tirando as melhores notas. Mas sofri muito em inglês pois nunca tivera uma palavra até a 8ª série e não tinha o básico para

acompanhar a turma que desde a 5ª série já tinham a disciplina. Minha sorte que a professora era muito legal e compreensiva e procurava me ajudar com trabalhos extras e assim graças a sua dedicação consegui aprovação nos três anos (Noeli – Relato Autobiográfico).

### **“Processos Formativos no contexto rural”**

Meu pai e minha mãe sempre dizem que eu com 5, 6 anos já dizia com toda convicção que eu iria ser professora (Noeli – Entrevista Narrativa).

Sempre eu tive uma paixão por ser professora, tanto que esse professor, meu segundo professor é meu ídolo ainda hoje. Eu guardei ele como se fosse um ídolo, eu sempre dizia que iria ser professor que nem ele. Dizia: quando crescer vou ser igual o professor Mauro. Então eu fui crescendo sempre com aquela idéia de querer ser professora, tudo que eu fazia, tudo que eu pensava era pro meu futuro ser professora. Mesmo com muita dificuldade, porque a distância dos outros centros era tão grande e tanto na minha história de vida que eu escrevi que tu vai ler, tu vai ver a dificuldade que eu tive pra chegar onde estou. Tantas outras pessoas têm tanta facilidade, e eu foi muito difícil, né, muito difícil pela distância, pelo poder econômico, pela falta de conhecimento dos grandes centros (Noeli – Entrevista Narrativa).

Ao concluir o curso procurei imediatamente procurei a Prefeitura e me escrevi para uma vaga como professora. Para minha decepção me comunicaram que a partir deste ano só seriam admitidos professores com magistério. Fiquei decepcionada, meus sonhos se apagaram e fiquei muito triste e desanimada pois todo o sacrifício tinha sido em vão (Noeli – Relato Autobiográfico).

Como sempre tirei boas notas e fui muito responsável com os estudos, meu patrão por ser bem conceituado logo me arrumou um emprego em um escritório de um amigo seu (Noeli – Relato Autobiográfico).

Iniciei meu trabalho neste escritório. Embora dar conta do recado eu não estava realizada, eu queria mesmo era ser professora (Noeli – Relato Autobiográfico).

Trabalhei durante um ano neste escritório e fiz muitas amizades e conheci muitas pessoas. Um dia estava conversando com um “Anjo” cujo nome era Neiva e começamos a nos conhecer melhor. Conteí sobre meus sonhos e minhas angústias e ela então me falou que era professora da 2ª série na escola particular e a única no município que oferecia magistério. Ela disse que iria pensar no meu caso e iria me ajudar e em breve entraria em contato comigo (Noeli – Relato Autobiográfico).

No outro dia me ligou e pediu que no final da tarde passasse na casa dela que queria falar comigo. Depois do trabalho me dirigi até sua casa e ela me colocou que havia conseguido uma bolsa de estudos que custeava 70% do valor da mensalidade e ainda poderia ir morar com ela, estudar de manhã e trabalhar na sua casa de tarde, onde receberia pelo trabalho, sendo possível custear o resto do curso (Noeli – Relato Autobiográfico).

Larguei tudo e lá fui eu fazer “Magistério”, o 1º ano não precisei cursar. Ingressei então no 2º ano. Obtive bons resultados visto que no 2º grau tinha muitas aulas de Português e Matemática. Este colégio era de freiras, muito rigoroso e exigente e muito conceituado na região (Noeli – Relato Autobiográfico).

Como tinha facilidade em Matemática, Física, Química e Português à noite dava aulas particulares para algumas colegas ricas, recebendo delas por este trabalho; também nos finais de semana fazia jantas e almoços para estes jovens recebendo pelo trabalho. Conseguindo assim estudar neste colégio e custear outras despesas com vestuário, calçados, livros, etc (Noeli – Relato Autobiográfico).

concluído em 1985

Meus trabalhos eu fazia à noite, até madrugada. Para não dormir tomava muito café e colocava os pés na água fria (Noeli – Relato Autobiográfico).

Terminando o magistério, me casei e fui morar em Vila Sérico, onde comecei o meu estágio na 2ª série no mesmo colégio estadual onde havia concluído o 1º grau, hoje Ensino Fundamental (Noeli – Relato Autobiográfico).

No meu estágio enfrentei grandes dificuldades. Havia se instalado na localidade à dois anos uma indústria, onde os agricultores abandonaram o trabalho com a terra e foram trabalhar como “operários”. Neste ano a indústria faliu e estes operários ficaram sem empregos e não haviam cultivado nenhum alimento nas suas terras. Foi uma crise muito grande, além dos pais não puderem comprar os materiais necessários, faltavam roupas, calçados e alimentos. Os alunos faltavam muito nas aulas e a merenda que a escola fornecia era muito escassa. Também não tive apoio e incentivo do diretor e professores da escola que não me ajudaram nem na campanha para arrecadar materiais, roupas e calçados para os alunos. Foram muitos problemas e não estava preparada para enfrentar tudo isso. Mas através de campanhas, visitas nas famílias e com um trabalho insistente consegui vencer mais este obstáculo (Noeli – Relato Autobiográfico).

Mas através de campanhas, visitas nas famílias e com um trabalho insistente consegui vencer mais este obstáculo (Noeli – Relato Autobiográfico).

No dia 24 de julho de 1985 foi minha formatura e apesar de muito estressada com a experiência vivida, estava muito feliz pela conquista (Noeli – Relato Autobiográfico).

No semestre restante deste ano fiquei em casa trabalhando na agricultura. Em março de 1986 meu sonho se realizou. Comecei a trabalhar na escola da comunidade de Arroio Galdino onde nasci e estudei até a 3ª série. Onde alguns de meus familiares ainda hoje residem neste local, inclusive eu e meus queridos pais. De início eu trabalhava com 20 horas, com 31 alunos de 1ª a 4ª série numa pequena sala. Não havia classes suficientes e tínhamos que acomodar os alunos no chão. Então devido ao grande número de alunos passei a trabalhar 40 horas e atendia até a 5ª série. Eu era a única professora da escola, fazia merenda, limpava a escola, fazia horta, etc. Isto foi durante 26 anos, pois é 27 anos que estou nesta escola (Noeli – Relato Autobiográfico).

Eu estava feliz e realizada com meu trabalho e sempre senti uma satisfação muito grande em trabalhar nesta escola, tenho muito carinho e afeto por todos e por este chão. Conheço todas as famílias e a história de cada um. Além disso aqui se encontra gravado grande parte de minha vida. Talvez os melhores e mais felizes momentos (Noeli – Relato Autobiográfico).

Estes moradores são pessoas humildes, com uma bondade infinita, com um carisma incomparável, são hospitaleiros onde prevalece o respeito e a solidariedade entre as famílias. Me tratam a 27 anos com muito reconhecimento, carinho e respeito (Noeli – Relato Autobiográfico).

Eu não tenho nenhuma formação específica para atuar no meio rural, só a graduação. Mas eu digo assim ó, como eu nasci aqui, eu me criei aqui né, e assim ó, eu conheço todo mundo, todas as famílias, aqui no interior um conhece o outro, e eu conheço todas as realidades, todas então eu acho que propicia pra mim, meu trabalho, porque eu conheço as pessoas, eu conheço os problemas de todas as famílias, as necessidades. Eu tenho assim uma convivência com as famílias, uma convivência super legal, a gente se visita, a gente participa da vida um do outro, nas festas, isso é muito legal. Eu acho que a maior formação que eu poderia ter é conhecer a realidade, ter nascido aqui, me criado nessa realidade, daí eu sei os problemas e as necessidades que eles têm, né? (Noeli – Entrevista Narrativa).

Olha, até pouco tempo atrás eu diria assim, olha, a tecnologia mesmo, né, porque a gente tá meio afastado. Pra começar, quando eu comecei trabalhar nesta escola, com 33 alunos, eu não tinha rádio, eu tinha poucos livros, só os livros didáticos, então eu recolhia o que eu podia, eu comprava livros para os meus filhos depois eu passava tudo para a escola, tanto que tá tudo lá hoje, né, fazia economia, comprava com meu dinheiro, né, assim. Hoje, a dificuldade ainda continua, eu acho, assim, falta uma pouco mais de tecnologia, né, mas hoje já tem, depois de muitos anos já tem um vídeo, já tem computador, né, assim, a internet não tem, né, então falta internet, assim, e livros de leitura, que eu dou muito valor, depois do curso de pró-letramento então, muito mais ainda, né, eu acho que a escola é pequena, mas ela tem o suficiente de acervo, que dá pra fazer um bom trabalho, com certeza (Noeli – Entrevista Narrativa).

Amo este lugar, amo a escola e os meus alunos, tenho paixão pelo que faço, pois para o professor não basta apenas gostar, tem que ter paixão pelo que faz. Eu sempre digo do fundo do coração e com muita sinceridade que a minha escola é a melhor escola do mundo. As crianças são super carinhosas, educadas e dedicadas (Noeli – Relato Autobiográfico).

Eu acho assim ó, eu acho que sou uma ótima alfabetizadora, porque eu adoro o que eu faço. Eu sempre digo eu não gosto do que eu faço, eu tenho paixão pelo que eu faço. E eu acho assim que o professor que alfabetiza ele não pode só gostar, ele tem que ter paixão, tem que se doar, tem que se dedicar, eu adoro o que eu faço, tenho prazer de fazer isso, né, e eu tenho orgulho de dizer que sou professora, e que eu alfabetizo, né eu acho que isso pra mim é a maior conquista, né. Eu gosto do que eu faço livremente (Noeli – Entrevista Narrativa).

Destes 28 anos que estou atuando nesta comunidade sirvo como referência e nunca medi esforços para ajudar sintonizada em poder estender a mão a estas pessoas maravilhosas, que necessitam de apoio. Já fiz enterros, arrumei defuntos do caixão, sou catequista, coordenadora do clube de jovens, sempre fui integrante da diretoria da comunidade, do clube de mães e da liturgia, etc (Noeli – Relato Autobiográfico).

Os pais participam muito nas atividades, nos eventos, na aprendizagem dos alunos e nas discussões sobre todos os assuntos. Tudo é feito em parceria, pois os pais estão sempre presentes e prontos para um diálogo. São parceiros em tudo. Por isso tudo é esclarecido aos pais, até mesmo as mudanças que ocorrem na educação para que os pais tomem conhecimento e fiquem a par de tudo o que acontece na escola. Acredito ser a melhor atitude, pois tudo funciona muito bem e com bons resultados (Noeli – Relato Autobiográfico).

Bom, eu procuro, assim, olha, incentivar muito, motivar, dar o exemplo, mostrar a importância que tem o estudo na vida, mesmo porque eu recebo crianças também como eu quando comecei ir na aula, sabe, crianças que nunca entraram na educação infantil, o primeiro ano é comigo, tá, então eu tenho que ensinar as vezes eles a pegar a tesoura e cortar. Eu acho assim, ó, a maior conquista é o carinho, eu sou muito carinhosa, eu sou dedicada, eu pego esse meu aluno e adoto ele, sabe, então eu acho que é por aí, tendo muito carinho, paciência, né porque os alunos

aqui da zona rural que eu recebo, eles têm uma carência de tudo, sabe, na coordenação motora, recortes, o lápis pegar na mão não tem firmeza, então eu acho que tem que começar por aí, sabe, com carinho, dedicação e paciência.

Os pais sempre estão à par de tudo o que ta acontecendo. O método que uso para alfabetizar, o que eu penso, a importância da leitura, os pais conhecem tudo, é tudo feito em parceria, tudo o que eu faço, os pais tomam conhecimento, as mudanças que ocorrem, a gente sempre senta e conversa com os pais. Primeiro eu acho que a gente tem que falar com os pais. Os pais têm que saber, porque os meus pais também falta, muitas vezes acesso a essas coisas né, então por isso que eu sento e converso com eles, a 28 anos que eu faço isso, e sempre deu certo. Eu acho que a escola tem que abrir as portas e essa parceria é o ponto mais positivo que eu encontrei na minha carreira. E ta dando certo e pra mim sempre deu certo, sempre. Quando eu comecei, no início da minha carreira, era aquele método tradicional, uso das cartilhas; claro, com o tempo eu fui fazendo a faculdade, fui fazendo a pós-graduação, e fui me libertando desses métodos. Hoje, método mesmo, eu não uso, abandonei as cartilhas. O que eu faço é tentar várias maneiras, procurar novas técnicas, novos recursos, para os alunos que têm mais dificuldade, então eu não tenho uma coisa específica né, se eu vejo que ta dando certo, né, pra esse aqui tudo bem, pro outro não deu certo, tento outro lado, né, o importante é tu ir buscar o aluno onde ele ta, tu tem que recuperar, né (Entrevista Narrativa).

Em 1996 surgiu a oportunidade de cursar uma faculdade de Pedagogia, numa extensão da UNISC de Santa Cruz do Sul, realizada em Boqueirão do Leão. Todas as noites e nos meses de janeiro íamos à Santa Cruz para agilizar o tempo (Noeli – Relato Autobiográfico).

Sempre gostei muito de estudar e encarei os desafios de cabeça erguida. Trabalhava de manhã e de tarde e estudava à noite numa distância de 23 km em estrada de chão e em péssimas condições. Em 2002 conclui a faculdade e em 2006 iniciei uma Pós-Graduação em Educação Especial na cidade de Progresso (aos sábados e nas férias) com a Faculdade Dom Alberto (Noeli – Relato Autobiográfico).

Adorei esta Especialização, pois muito contribuiu para entender e intervir nas dificuldades e com as deficiências (Noeli – Relato Autobiográfico).

Em 1999 diminui o número de alunos e então fui trabalhar na parte da manhã numa escola vizinha (Noeli – Relato Autobiográfico).

Nas duas escolas atendia 4 turmas (1ª, 2ª, 3ª e 4ª série) e fazia todos os trabalhos como: horta, merenda, limpeza, direção, etc (Noeli – Relato Autobiográfico).

Atuei nesta escola durante 5 anos e depois a mesma foi desativada pela falta de alunos. Rumei então para uma escola mais distante, mas com a mesma realidade, sozinha e realizando todas as tarefas (Noeli – Relato Autobiográfico).

Permaneci três meses e então surgiu a oportunidade de voltar a trabalhar as 40 horas na minha adorável escola, onde permaneço até hoje (Noeli – Relato Autobiográfico).

Em 2009 conclui a Pós-Graduação (Noeli – Relato Autobiográfico).

### Desafios e conquistas no trabalho com classe multisseriadas

No início do mês de março de 2013, completei 28 anos de professora. Todos esses anos atuei na zona rural e com classes multisseriadas, inclusive como única docente na escola e a maioria dos anos com 5 turmas juntas. Ainda por 25 anos fui responsável pela merenda, limpeza e horta. (Noeli – Entrevista Narrativa).

Por ser uma escola numa área bem afastada das cidades, enfrentei muitas dificuldades como a falta de espaço físico, de meios de transporte e comunicação, pobreza, falta de água potável e de materiais didáticos e pedagógicos. (Noeli – Entrevista Narrativa).

A Prefeitura responsável pela escola, por muitos anos, ficava numa distância de 53 km. No entanto, nunca desanimei, sempre lutei com muita garra e dedicação para que pudesse fazer o melhor possível pela educação local. (Noeli – Entrevista Narrativa).

Nesta caminhada passei por muitas experiências, aprendi e cresci muito em todos os sentidos, não só como profissional. Claro que esta vivência serviu muito para fortalecer minha prática e assim aprimorar os procedimentos e criar novas estratégias que vieram somar e facilitar meu trabalho no dia-a-dia. (Noeli – Entrevista Narrativa).

É muito bom trabalhar na zona rural. Eu adoro trabalhar aqui, o professor é respeitado, reconhecido e valorizado pela comunidade. Os alunos são dóceis e muito carinhosos. Isso é muito gratificante e motiva o professor a melhorar cada vez mais o seu trabalho. (Noeli – Entrevista Narrativa).

Para a maioria dos professores, inclusive do meu Município, trabalhar com classes multisseriadas é tarefa penosa e

muito difícil. Eu não penso assim, pois já trabalhei com 4 séries juntas, num total de 25 alunos numa pequena sala. (Noeli – Entrevista Narrativa).

Concordo que exige bem mais dedicação, esforço, agilidade, empenho, pesquisa e organização do professor, pois dá bem mais trabalho em sala de aula e fora dela. (Noeli – Entrevista Narrativa).

O professor deve ser realmente comprometido com a aprendizagem dos alunos. Avaliar sua realidade, verificando o que dispõe e o que pode fazer com o que tem. (Noeli – Entrevista Narrativa).

Em meu Município se encontra muitas escolas com classes multisseriadas, justifica-se pelo baixo número de alunos por série. Como a escola é um ponto de referência para a comunidade a mesma continua funcionando. (Noeli – Entrevista Narrativa).

Quando disse que muitas estratégias foram criadas, preciso também citar que muitas conclusões e observações foram necessárias para desempenhar um bom trabalho. Neste sentido cito como relevante trabalhar com projetos, onde pode-se envolver todos os anos juntos. Também deve-se ter o cuidado para que os temas sejam de interesse dos alunos e da sua realidade. (Noeli – Entrevista Narrativa).

Outro ponto que auxilia o professor no trabalho com classes multisseriadas é ter sempre em mãos os planos de aula, pois é preciso ter agilidade para o bom desempenho. (Noeli – Entrevista Narrativa).

Também não é fácil atender todas as turmas e todos os alunos ao mesmo tempo. Então para manter os alunos ocupados e os mais ágeis terem atividades, construímos o “Cantinho de Aprendizagem” onde preparo tarefas em caixas e deixo a disposição dos alunos para que, ao concluírem seu afazeres, escolham um trabalho para ser desenvolvido. Destaco algumas atividades como: caça – palavras, jogo dos sete erros, palavras cruzadas, quebra-cabeça, etc. (Noeli – Entrevista Narrativa).

Também montei uma biblioteca na sala de aula, onde inclui uma diversidade de leituras para que cada aluno seja livre para escolher de acordo com sua preferência. Desenvolvendo assim o hábito e o gosto pelas leituras. Esta proposta tem dado bons resultados, pois tem desenvolvido a autonomia, a criatividade e melhorado a aprendizagem dos alunos. (Noeli – Entrevista Narrativa).

Outro estratégia que uso é aproveitar o potencial dos próprios alunos para que auxiliem os colegas com dificuldades, principalmente quando desenvolvo projetos onde o tema é o mesmo para todos os anos (cada aluno no seu nível). (Noeli – Entrevista Narrativa).

Uma atividade que junta as séries é nas dramatizações, em que um aluno aprende com o outro. (Noeli – Entrevista Narrativa).

Vejo como negativo atuar em classes multisseriadas o fato de estar sozinha na escola e as vezes sinto necessidade e falta de conversar com um colega, compartilhar as angústias, as dúvidas, as dificuldades e também as vitórias. (Noeli – Entrevista Narrativa).

Também encontro algumas dificuldades em atender alunos de diferentes idades. Hoje, por exemplo, atendo do 1º ao 5º ano e os alunos menores precisam de mais apoio, motivação, atendimento individual de acordo com as necessidades. E muitas vezes isso não é possível. Os alunos que começam a sua escolaridade na grande maioria nunca frequentaram a Educação Infantil e, portanto apresentam algumas dificuldades de adaptação, socialização e até na coordenação motora fina, nas atividades de recortes, colagens, pintura, etc. Necessitando apoio e acompanhamento. (Noeli – Entrevista Narrativa).

É muito comum na minha realidade os alunos ingressarem na escola no 1º ano e permanecer até o 5º ano com a mesma professora. E comigo é exatamente assim: os alunos criam um vínculo entre si e com a professora e o trabalho torna-se mais produtivo. Com isso verifico as aprendizagens, as dificuldades, o que ficou pendente e o que precisa melhorar a cada ano. (Noeli – Entrevista Narrativa).

Outro fato positivo é que como todos os alunos ficam numa única sala, quando se trabalha um assunto com as turmas maiores, os menores já vão interagindo com o assunto. E quando chegar o momento de trabalhar aquele conteúdo, os alunos menores já possuem algum conhecimento, o assunto torna-se familiar. (Noeli – Entrevista Narrativa).

Hoje estou aposentada 20 horas e no outro turno continuo atendendo do 1º ao 5º ano, e a cada dia, a cada novo aluno que atendo é uma nova aprendizagem, uma nova experiência e um novo desafio. (Noeli – Entrevista Narrativa).

Comecei minha carreira com o magistério. Depois cursei a faculdade de Pedagogia Séries Iniciais, que contribuiu muito na minha prática e após dois anos comecei uma especialização em dificuldades de aprendizagem e educação especial com ênfase em deficiência mental. (Noeli – Entrevista Narrativa).

Gosto muito de pesquisar, de inovar e me atualizar, por isso sempre que surgem oportunidades de cursos eu participo e procuro tirar o máximo de proveito e selecionar o que realmente é significativo para minha realidade. Por isso que participei do Pró-Letramento e hoje do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa que certamente esses conteúdos tratados só vieram a acrescentar positivamente o meu trabalho em sala de aula. (Noeli – Entrevista Narrativa).

### **“Trajetória Profissional”**

Em 2010 recebi o convite da Secretaria de Educação do Município para participar como Tutora no curso do Pró-Letramento que é um Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental sobre Alfabetização e Linguagem realizado em Santa Maria, sob a organização e responsabilidade da Universidade Federal de Santa Maria (Noeli – Relato Autobiográfico).

Em primeiro momento relutei, pela distância até Santa Maria e depois tudo estava muito confuso, faltava esclarecimentos sobre o programa e fui avisada 2 dias antes da primeira etapa. Como insistiram muito que eu fosse acabei aceitando o desafio e rumei à Santa Maria; mas muito preocupada, com muitas dúvidas, insegurança e com uma grande expectativa (Noeli – Relato Autobiográfico).

No decorrer do programa diferentes estratégias foram desenvolvidas, um ponto positivo foi a troca de experiências entre os tutores dos diferentes municípios e a exploração de diversos gêneros, de leituras, jogos, etc (Noeli – Relato Autobiográfico).

A professora Doris, extremamente comprometida com a educação, soube conduzir muito bem os encontros demonstrando segurança, domínio de conteúdos, nos cativando e motivando para despertar o interesse e provocar significativas mudanças nos tutores (Noeli – Relato Autobiográfico).

Desta forma, foi proporcionado atividades diversificadas, desafiadoras e dinâmicas que possibilitaram repensar nossa prática e metodologias e assim provocar mudanças na educação dos municípios (Noeli – Relato Autobiográfico).

Também foi sendo construindo com os professores, através da formação continuada, diferentes propostas de práticas com as leituras para que cada um pudesse adaptar de acordo com as condições e necessidades de sua realidade (Noeli – Relato Autobiográfico).

Assim foi possível nos apropriarmos dessa nova prática e através de muitos questionamentos e reflexões sobre a realidade educacional, principalmente no que diz respeito a leitura e a escrita, assumir um desafio para mudar o quadro educacional começando pelo professor, para que seja exemplo na formação de leitores plurais (Noeli – Relato Autobiográfico).

O curso foi maravilhoso, deveria acontecer mais eventos deste porte na formação continuada, devido a necessidade dos professores se atualizarem, interagirem com outras realidades, refletir sobre os problemas da educação e procurar soluções estando sempre abertos para inovações e mudanças. Devido a relevância da formação continuada e com o sucesso do Pró-Letramento ficou claro que a mudança é possível (Noeli – Relato Autobiográfico).

Eu já tenho 27 anos de atividade, muitas vezes os professores se acomodam um pouco. E eu confesso que já estava um pouco acomodada. Eu acho que com o Pró-Letramento me fez voltar lá no primeiro dia que eu entrei na sala de aula, que eu ganhei o meu contrato. Eu me senti assim, sabe, a mil, aquela adolescente quase, de chegar na sala de aula e virar do avesso (Noeli – Entrevista Narrativa).

E um ponto muito positivo do Pró-Letramento foi que eu tenho um menino, que tá no 4º ano, o nome dele é Henrique, e o Henrique era uma dificuldade pra ele ler, ele simplesmente, ele não pegava livro pra ler, mesmo que eu incentivasse tanto como para os outros, ele tinha um certo distanciamento dos livros. Com o Pró-Letramento eu acho que eu voltei diferente também, voltei tão entusiasmada que hoje o meu Henrique se tornou um leitor. Eu usei de tudo que é argumento, tudo que eu vi lá no Pró-Letramento, eu fiz na escola e depois você vai ver lá mais ou menos como tá meu esquema, né, nós vamos lá vê a escola depois. E assim, eu acho que então, o Henrique pra mim era uma preocupação muito grande, porque ele é de uma família bem conceituada, né, e ele tinha muita dificuldade, porque ele não gostava de ler. Essa semana veio essa biblioteca itinerante que a gente chama, no primeiro dia, os dois livros maiores foi o Henrique que pegou pra ler né, então, eu acho, que foi através do Pró-Letramento que eu tive essa energia, essa força, eu atribuo a isso, de usar novos recursos, novas técnicas e conquistar esse aluno (Noeli – Entrevista Narrativa).

A grande maioria dos professores da zona rural, também tem carência de leituras, o professor também é acomodado, e eu acho que primeiro a mudança tem que ser no professor para depois se dar no aluno. Eu voltei do Pró-Letramento apaixonada por livros, tanto que eu tinha livros na minha escola que eu não tinha lido, livros de literatura infantil, que hoje, chegou um livro novo eu sou a primeira a ler, como eu vou pedir para um aluno ler, se



eu não sou leitora. Então, eu acho assim, olha, eu sempre gostei de ler, acho que eu lia razoavelmente, né, hoje eu leio muito e eu atribuo ao Pró-Letramento, com certeza foi o Pró-Letramento que fez isso comigo, eu não sei, eu me encantei com o Pró-Letramento, eu só lamento que muitos professores não têm oportunidade de fazer esse curso, eu penso que todos os professores deveriam ter essa oportunidade, essa formação continuada (Noeli – Entrevista Narrativa).

Penso que esse curso deveria ter vindo bem antes na minha carreira, eu sempre digo que eu fiz a pedagogia, toda ela presencial, fiz uma pós também nessa área, mas o Pró-Letramento eu acho que valeu por tudo isso junto, porque eu sei lá, eu entendi assim ó que o ensino não tava se adequando a realidade, a gente não tava conseguindo essas vitórias, o aluno não tava escrevendo, o aluno não ta lendo, ele não ta se comunicando como é o ideal, então é porque tinha alguma coisa que tava fracassando, e eu acredito que depois do Pró-Letramento, principalmente o meu Município, eu to vendo maravilhas, as minhas colegas tão ainda hoje me trazendo trabalhos, gente coisas que meu Deus do céu maravilhosas e que antes não aconteciam, por isso que eu disse, o Pró-Letramento foi uma benção na minha vida, na minha profissão (Noeli – Entrevista Narrativa).

No meu Município a repercussão no Curso foi maravilhosa. Eu tinha uma preocupação muito grande quando iniciei o curso aqui no Município. Minha preocupação era: como eu vou fazer para mudar essa mentalidade dessas minhas colegas, porque eu conhecia muitas e até tinha um pouco de medo delas (Noeli – Entrevista Narrativa).

E assim comecei o curso, mas muito preocupada. Quando eu fui pra Santa Maria, eu fui lá despreparada, eu não sabia nem o que eu fui fazer lá, a Secretaria de Educação me avisou dois dias antes, que eu teria que ir pra lá, eu no começo relutei, mas fui, de tanto que insistiram fui, eu cheguei lá e não sabia o que eu ia fazer lá, eu achei que ia assistir umas palestras e eu viria pra cá e iria colocar o que eu tinha assistido. Mas quando eu cheguei no primeiro dia eu vi que a realidade era bem outra, que o assunto era outro, confesso que eu fiquei bem assustada. Mas eu sou assim ó, eu tudo que eu faço eu faço bem feito, eu procuro me dedicar ao máximo e foi o que eu fiz, eu passei as minhas férias do ano passado, toda ela organizando os joguinhos, as atividades, eu não saía, eu não fui pra praia, só preparando o curso do Pró-Letramento, porque eu queria realmente fazer a diferença no meu município. E a minha surpresa maior também foi assim ó que tinha colegas que se teria que apresentar alguma coisa, cantar com as crianças se negavam, né, e que no curso do Pró-Letramento, quando eu ia fazer o curso em Boqueirão nas atividades que eu proporcionava pra elas, tinha colegas que apresentavam, se jogavam no chão, faziam teatros, dramatizavam, coisas que eu nunca poderia imaginar que aquelas pessoas iriam fazer isso, né, e uma colega minha se levantou e disse: olha eu faz anos que eu não fazia mais, que eu nem cantava mais pra minhas crianças, que eu tava muito pra baixo, mas agora eu tirei do fundo da gaveta e vou fazer tudo isso de novo. Então pra mim foi muito gratificante, e o meu objetivo realmente era fazer o diferença no meu município, o meu município vem da zona rural, tem muita carência e eu pensei, então eu vou fazer a diferença. E é através da leitura que eu iria começar, e realmente esses cantinhos de leitura pras crianças ta dando resultado, a Secretaria de Educação já montou quatro bibliotecas volantes que tão passando em escolas pra trazer livros novos, diferentes, e isso foi depois do Pró-Letramento (Noeli – Entrevista Narrativa).

A principal contribuição do Pró-Letramento foi tornar os alunos leitores, devoram livros, hoje eu tenho que dizer crianças agora vamos parar de pegar livros e vamos trabalhar outra coisa, porque eles só querem ler agora, desperto assim. E outra coisa, aí as crianças chega na aula e diz: professora aquele livro que ontem a professora leu, minha mãe perguntou pra ela ler também, a professora empresta? Então agora os pais estão se tornando leitores, as crianças comentam a leitura e os pais pedem pra elas levar livros pra casa pra eles lerem. É uma maravilha, né, o pessoal aqui do interior lendo os livros em casa. Aí incentiva as família, o aluno, e eu fico maravilhada com isso né, to ajudando a própria família a ser leitores (Noeli – Entrevista Narrativa).

Por várias vezes fui convidada para trabalhar na Secretaria de Educação, mas sempre relutei, pois preferi e prefiro permanecer em sala de aula, com meus alunos; percebo uma sinceridade incomparável em seus gestos e sentimentos que não permitem trocar por nenhuma outra oferta (Noeli – Relato Autobiográfico).

Também quero salientar que hoje, minha escola conta com mais recursos, principalmente com um grande acervo de livros para leituras o que tem facilitado a aprendizagem e o sucesso do curso Pró-Letramento na formação de leitores assíduos e plurais (Noeli – Relato Autobiográfico).


Eu confesso que de início assim como eu tava assustada, preocupada, não sabia o que era, era tão longe pra mim me dirigir até lá, tinha que ser a semana toda, deixar a família, deixar meus alunos, o primeiro dia que eu saí eles choravam, choravam, porque não queriam que eu saísse, né, porque vinha outra professora, né, então tudo isso pesou, né. Eu saí nunca tive pra Santa Maria, foi um lugar diferente, foi uma realidade diferente, também. Assim, ó, o primeiro dia que eu fui, a primeira noite do curso, eu comecei colocar pra eles o que era o curso, porque eles não sabiam também né. Assim, eu tive uma colega que a primeira questão que ela me fez, foi uma questão assim, ó: pra que serve esse curso? E em que ele vai me ajudar pra minha profissão? Olha, foi uma pergunta bem forte, né, pra início. Mas daí eu fui conversando com ela, e eu coloquei que pra mim também, eu tinha me feito essa questão, né, antes e que tava valendo à pena, eu tava no fim do curso, mas que eu tava adorando, e que pra mim tava servindo pra muita coisa, né, e aí fui colocando pra ela, né. Eu senti que ela não tava com vontade de fazer o curso, né. Na primeira etapa, no final da primeira etapa do curso, foi a primeira professora que veio me abraçar, me agradeceu

pelo curso e me disse que tinha sido o curso melhor que ela tinha feito na carreira dela, né, então pra mim foi muito importante, porque realmente o primeiro dia ela, a maneira como ela me fez a questão, a fisionomia dela sabe, me deixou um pouco pra baixo e um pouco triste, né, mas no final foi a primeira que veio me agradecer, me dar parabéns e que tava amando, amando o curso, que tava servindo pra ela trabalhar na escola, que tava levando coisas novas, coisas interessantes, então, tudo isso compensou, né. No mais as outras também, no primeiro elas tavam travadas, travadas, elas não se mexiam do lugar, no final era uma beleza, tu botava um assunto era gente participando, era gente dando opinião, a gente discutia o que se podia fazer, era tudo feito em grupo, uma ajudando a outra, né, uma tentando achar solução pro problema da outra. Então no final, gente, era uma maravilha, tanto que teve a maioria 100% de presença, pode olhar lá nas chamadas, a maioria teve 100% de presença, e olha que o curso era longo né. Elas colocaram, assim, os cursos que vêm aqui pro interior, geralmente, são o pessoal de fora, não é curso, vem e dão tipo uma palestra, não conhecem a realidade, né, vem e dão aquela palestra mais por cima e vão embora. Ali não, o Pró-Letramento veio ao encontro das necessidades da zona rural, das nossas realidades, da realidade da gente, que é a falta de leitura, porque nossos alunos entram, as vezes, com 7 anos e nunca foram numa escola, nunca tiveram um livro que nem a professora Noeli quando começou, né, então, por isso né, essa necessidade. Então essas palestras não tinham ajudado muito, né, e o fato da gente sentar num círculo, né, conversar. E eu confesso, eu me preparava super bem pra dar o curso, eu ficava horas pesquisando, preparando, eu ia preparadíssima, eu ia com o conteúdo gravadíssimo, tudo que eu ia dizer eu antes eu lia tudo, eu lia o livro do Pró-Letramento, eu não lia no livro lá, eu estudava tão bem, eu preparava tão bem, que eu chegava lá e colocava, era um conjunto, a gente trocava idéias e coisa assim, então, eu me preparava muito bem, como eu disse no começo, eu queria fazer a diferença, eu queria sair bem, né, sair vitoriosa, e saí.

Se a gente não tivesse essa oportunidade do Pró-Letramento, de sentar e discutir e ver o que poderia ser feito, que foi chamado de “Cantinho de Leitura”, as nossas escolas estariam hoje, com aqueles livros dentro das caixinhas. A maioria das minhas colegas estava com os livros que vieram do MEC dentro das caixas. E quando eu pesquisava essas leituras e levava para fazer a leitura deleite no curso, aí que elas se davam por conta que os livros que eu levava estavam dentro das caixas, guardados. Hoje esses livros saíram das caixinhas e tão entrando na mente das crianças e são livros ótimos, maravilhosos que a gente trabalhou no curso, são livros que todos nós tínhamos nas escolas e que não eram explorados, não eram usados, estavam trancados, fechados nas caixas de papelão, livros maravilhosos, todos os textos, todos os tipos de textos, todos os gêneros, era poesia, tudo né, e poderiam ter sido usado a muito tempo, faltou esclarecimento (Noeli – Entrevista Narrativa).

Eu penso, que o que estava faltando para as nossas crianças e para os nossos adolescentes era leituras, era acesso aos livros, era gostar de ler, ler por prazer. E o ler por prazer e o gostar de ler são práticas que o professor precisa despertar no aluno, a família também, mas primeiro é o professor que precisa despertar o gosto de ler, e se eu não sirvo de exemplo, como é que vou pedir para um aluno ler, se eu não leio, como é que vou pedir pra ele gostar de ler, se eu não gosto, então acho que é por aí. Eu queria que você viesse uma noite do meu curso pra ti ver, que tu começasse no início e depois tu viesse no fim, Julia, eu saía de lá, eu tava encantada, eu parecia que não pisava no chão, eu disse: não, mas não é a Carolina que tava lá, não é a professora Irene que tava lá, eu dizia, assim. Porque olhas as professoras são resistentes, não queriam nada de novo e eu sempre fui alfabetizada assim e é assim que eu vou alfabetizar gente, no final, foi as melhores que escreveram ali. Eu sempre dizia nós, nunca dizia vocês, quem sabe nós vamos fazer isso? Nós aquilo, então eu sempre me coloquei ao lado delas, no primeiro dia eu disse, gente, eu sou a vossa colega, eu só vim aqui trazer pra vocês o que eu aprendi lá, né, e o que eu acredito o que realmente eu acredito. O Pró-Letramento pra mim assim foi um caminho, abriu horizontes, um novo horizonte, porque assim ó eu sabia que leitura era importante, hoje eu já tive a prova, que é o primeiro caminho pro sucesso (Noeli – Entrevista Narrativa).

## ANEXO F – Carta de Aprovação

<p><b>UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA/ PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E</b></p> 								
<b>PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP</b>								
<b>DADOS DO PROJETO DE PESQUISA</b>								
<b>Título da Pesquisa:</b> EXPERIÊNCIAS DO/NO PRÓ-LETRAMENTO: A LITERATURA INFANTIL COMO MEDIADORA DE PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO RURAL								
<b>Pesquisador:</b> HELENISE SANGOI ANTUNES								
<b>Área Temática:</b>								
<b>Versão:</b> 1								
<b>CAAE:</b> 09889813.7.0000.5346								
<b>Instituição Proponente:</b> Universidade Federal de Santa Maria/ Pró-Reitoria de Pós-Graduação e								
<b>Patrocinador Principal:</b> Financiamento Próprio								
<b>DADOS DO PARECER</b>								
<b>Número do Parecer:</b> 280.747								
<b>Data da Relatoria:</b> 14/05/2013								
<b>Apresentação do Projeto:</b>								
<p>O projeto é vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e à Linha de Pesquisa 1: Formação, Saberes e Desenvolvimento profissional da Universidade Federal de Santa Maria. O objetivo principal dessa pesquisa é o de buscar, através da pesquisa (auto)biográfica, uma aproximação com a história de vida de uma alfabetizadora rural que atuou como tutora no Pró-Letramento com o intuito de perceber como a literatura infantil influenciou a sua trajetória de vida atuando como mediadora dos processos de leitura e escrita na sua prática. Justificamos a relevância do estudo pela pouca discussão sobre o papel da literatura infantil e suas mediações no meio rural; bem como pelo imprescindível papel que a leitura, em especial, a leitura literária exerce na formação da sociedade. A ativação da memória, através das lembranças, poderá traçar um caminho formativo, percorrendo as concepções passadas e atuais dessa educadora, tendo em vista o papel da formação nas suas práticas de desenvolver o processo de ler e escrever. A metodologia que pretendemos utilizar baseia-se em um estudo qualitativo através da pesquisa (auto)biográfica utilizando o método Biográfico História de Vida. A pesquisa será efetivada a partir de: relato autobiográfico oral ou escrito e entrevista narrativa, semi-estruturada, aberta e individual organizada a partir de tópicos-guia. O referencial teórico utilizado para a metodologia da pesquisa baseia-se nos estudos dos autores: Bogdan; Biklen (1994); Bauer; Gaskell, 2002;</p>								
<table style="width: 100%; border: none;"> <tr> <td style="border: none;"><b>Endereço:</b> Av. Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria 2º andar</td> <td style="border: none;"><b>CEP:</b> 97.105-900</td> </tr> <tr> <td style="border: none;"><b>Bairro:</b> Cidade Universitária - Camobi</td> <td style="border: none;"></td> </tr> <tr> <td style="border: none;"><b>UF:</b> RS</td> <td style="border: none;"><b>Município:</b> SANTA MARIA</td> </tr> <tr> <td style="border: none;"><b>Telefone:</b> (55)3220-9362</td> <td style="border: none;"><b>E-mail:</b> cep.ufsm@gmail.com</td> </tr> </table>	<b>Endereço:</b> Av. Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria 2º andar	<b>CEP:</b> 97.105-900	<b>Bairro:</b> Cidade Universitária - Camobi		<b>UF:</b> RS	<b>Município:</b> SANTA MARIA	<b>Telefone:</b> (55)3220-9362	<b>E-mail:</b> cep.ufsm@gmail.com
<b>Endereço:</b> Av. Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria 2º andar	<b>CEP:</b> 97.105-900							
<b>Bairro:</b> Cidade Universitária - Camobi								
<b>UF:</b> RS	<b>Município:</b> SANTA MARIA							
<b>Telefone:</b> (55)3220-9362	<b>E-mail:</b> cep.ufsm@gmail.com							
Página 01 de 03								

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA MARIA/ PRÓ-REITORIA  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E



Continuação do Parecer: 280.747

Lüdke; André, 1986; Abrahão (2004); Abrahão (2006); Souza (2006). Ao que se refere ao aporte teórico sobre educação rural, utilizamos como referência estudos de: Arroyo; Fernandes (1999), Caldart (2002), Fernandes (2011), Molina (2009), Molina (2002), Rocha (2009) Werle (2010), entre outros. Acerca da mediação da leitura literária, aprofundamos nossa pesquisa com estudos de: Barcelos (2009), Lajolo (1993), Ritter (2009), entre outros. Esperamos que essa pesquisa, com a professora rural, seja inspiradora para a formação pessoal e profissional de outros professores, tanto na importância da mediação da literatura infantil em práticas de leitura e escrita, quanto no desenvolvimento de cursos de formação de professores que fazem a diferença.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Geral:**

Buscar uma aproximação com a história de vida de uma alfabetizadora rural que atuou como tutora no Pró-Letramento com o intuito de perceber como a literatura infantil influenciou a sua trajetória de vida atuando como mediadora dos processos de leitura e escrita na sua prática.

**Objetivos Específicos:**

Verificar a repercussão do curso de Formação Continuada em relação ao trabalho com a literatura infantil no meio rural, mais especificamente em classe multisseriada;

Investigar como os livros infantis transitam no meio rural e como essas obras literárias tornam-se mediadoras de práticas de leitura e escrita nesse contexto.

Sistematizar as estratégias teórico-metodológicas construídas pela educadora no processo de mediação de leitura.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

A pesquisa apresenta os riscos e benefícios dentro dos aspectos éticos da pesquisa.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa apresenta todos os termos e elementos necessários para execução de uma pesquisa (auto)biográfica.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Apresenta todos os termos conforme exigência deste comitê

**Recomendações:**

Sem recomendações.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Aprovado

**Endereço:** Av. Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria 2º andar  
**Bairro:** Cidade Universitária - Camobi **CEP:** 97.105-900  
**UF:** RS **Município:** SANTA MARIA  
**Telefone:** (55)3220-9362 **E-mail:** cep.ufsm@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA MARIA/ PRÓ-REITORIA  
DE PÓS-GRADUAÇÃO E



Continuação do Parecer: 280.747

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

SANTA MARIA, 22 de Maio de 2013

---

**Assinador por:**

**Félix Alexandre Antunes Soares**  
(Coordenador)

**Endereço:** Av. Roraima, 1000 - Prédio da Reitoria 2º andar  
**Bairro:** Cidade Universitária - Camobi      **CEP:** 97.105-900  
**UF:** RS      **Município:** SANTA MARIA  
**Telefone:** (55)3220-9362      **E-mail:** cep.ufsm@gmail.com

## ANEXO G – Autorização Institucional



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL  
MUNICÍPIO DE BOQUEIRÃO DO LEÃO

### AUTORIZAÇÃO

Autorizo a acadêmica de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, **Júlia Bolsoni Dolwitsch** a realizar sua pesquisa de campo na Escola Municipal de Ensino Fundamental Oreste Danieli do Município de Boqueirão do Leão/RS.

Boqueirão do Leão, 19 de abril de 2013.

Ângela Stela Schmidt